



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**CANDEAL PEQUENO:
UM TERRITÓRIO USADO**

Selma Paula Maciel Batista

SALVADOR-BAHIA
DEZEMBRO/2005

SELMA PAULA MACIEL BATISTA

**CANDEAL PEQUENO:
UM TERRITÓRIO USADO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora:

Prof^a Dr^a Maria Auxiliadora da Silva

SALVADOR - BAHIA
DEZEMBRO/2005

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Shiguemi Fujimori, Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia

B333 Batista, Selma Paula Maciel,
Candeal Pequeno: um território usado / Selma Paula Maciel Batista. _ Salvador, 2005.

150 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Auxiliadora da Silva.
Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Geografia
Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia,
2005.

1. Geografia urbana 2. Geografia humana 3. Candeal Pequeno (Salvador, BA) – Configuração socioespacial
I. Título.

CDU 911.9:711.4 (813.8) (043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**CANDEAL PEQUENO:
UM TERRITÓRIO USADO**

por

Selma Paula Maciel Batista

Dissertação apresentada aos Senhores:

Prof^ª. Dr^ª. Maria Auxiliadora da Silva

Prof. Dr. Ângelo Szaniecki Perret Serpa

Prof^ª. Dr^ª. Iracema Brandão Guimarães

Vista e permitida a impressão.
Salvador, ___/___/___.

Aos moradores e ancestrais do Candeal Pequeno,
pela acolhida e permissão, dedico esta obra.

Agradecimentos

Como produto, uma dissertação é fruto do trabalho solitário do pesquisador, mas, contraditoriamente, não se torna produto final sem o auxílio de colaboradores que, ao longo do processo, contribuem com ensinamentos, técnicas, dicas e consolo. E em meio a tantas mãos e olhares atentos, agradeço ao seletivo corpo docente da Coordenação do Curso de Pós-Graduação do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia, responsável pelo meu enriquecimento intelectual, enquanto geógrafa, ao longo do período de estadia nesta casa. Um abrigo que não funcionaria se não fossem os zelosos funcionários das bibliotecas, dos departamentos, das secretarias, portarias e zeladorias do Campus de Geociências, Arquitetura e Filosofia, pelo qual circulei e, pela atenção de todos, agradeço. Aos meninos de mãos rápidas da xerox, reprodutores de pensamentos impressos, também meu apreço. Aos amigos do curso, também conhecedores do caminho das pedras e dos lírios, agradeço. Como educanda, com formação acadêmica na rede pública de ensino, agradeço à CAPES, através do Programa de Demanda Social, a bolsa de estudo concedida.

Com uma gratidão incondicional agradeço a acolhida e confiança creditada por minha orientadora, professora Doutora Maria Auxiliadora da Silva e professores da banca Doutor Ângelo Szaniecki Perret Serpa e Doutora Iracema Brandão Guimarães, que ao longo do percurso tornaram-se, além de amigos, referenciais permitindo através de uma postura ética ampliar a leitura desta investigação.

Ainda como resultado do esforço acumulado e invisível de uma legião, agradeço ao meu pai Anselmo e minha mãe Ivanir, pela riqueza dos ensinamentos ministrados com base na cartilha da vida. Agradeço meu sogro Aristóteles e minha sogra Zuleika, referenciais como educadores. Ao meu marido e mestre Luis Augusto, pela confiança e ensinamentos, meu especial agradecimento. Aos meus amáveis, pacientes e solidários filhos Jonas e Paula, pela compreensão da “ausência-presente” e pelos incentivadores recadinhos digitados ao longo do corpo da dissertação, em tempos de exaustiva produção, o meu muito obrigado. Vocês foram o máximo!

Aos alunos de graduação do quarto período, do ano de 2003, pelos primeiros ensinamentos e prazerosos momentos de conhecimentos compartilhados em uma sala de aula de nível superior, também meu muito obrigado. E a todos aqueles que ao longo do percurso da vida

trilharam ao meu lado alguns caminhos, por qualquer gesto emitido ou ação executada. Muito obrigado.

In memoriam, agradeço ao professor Milton Santos, pelo legado deixado, que alimenta em mim os princípios éticos que fundamentam, através da solidariedade, a busca pela equidade social.

Para finalizar, agradeço às fontes de informação, abaixo relacionadas, por todo o apoio dispensado nas etapas de investigação, sem as quais, não teríamos concluído este trabalho:

Associação de Moradores Defesa e Progressso

Associação de Moradores Fonte do Governo

Associação de Moradores Nove de Outubro

Associação Lactomia Ação Social

Associação Pracatum Ação Social

Biblioteca Fundação Mario Leal Filho

Carmelo da Bahia

Centro de Estudos e Ação Social

Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia – Conder

Congregação Irmãs Ancilas no Brasil

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Moradores da Roça da Sabina

Moradores do Candeal Pequeno

Prefeitura Municipal de Salvador

Retiro São Francisco

Secretaria Municipal de Saúde do Município de Salvador

Unidade de Saúde da Família do Candeal

O ato de perceber ultrapassa os sentidos e ganha a razão. É assim que se opera a metamorfose do sensorial, mudado em conhecimento. Este se alimenta da relação entre sujeito e objeto, relação em que este, permanecendo o que é e interagindo com o sujeito, contribui para que, nessa interação, o sujeito evolua. É essa mesma evolução que permite revisitar o objeto, vendo-o de forma nova, despojando-o dos símbolos que escondem a sua realidade profunda. É a vitória da individualidade, da individualidade forte que ultrapassa a barreira das práxis repetitivas e se instala em uma práxis liberadora.

(SANTOS, 2000, p.52)

Resumo

Batista, Selma Paula Maciel. **Candeal Pequeno: Território Usado**. 2005. 150f.il. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

Neste estudo, buscou-se identificar os elementos, agentes e fatores, responsáveis pelo processo de transformação do Candeal Pequeno, de espaço urbano estigmatizado a ser uma favela, à condição de um espaço cidadão, referência mundial em mobilização social e produção cultural. Projeção conquistada a partir do esforço coletivo da comunidade que reconhecendo o valor dos seus recursos, agrega a eles um diferencial: o valor social. E a partir do momento em que tomam consciência do valor do território em que habitam, identificam a necessidade de protegê-lo tanto em relação ao avanço do capital imobiliário, intensificado a partir da década de 1980, quanto em relação à preservação dos costumes e tradições afro-descendente, praticados nestas terras, desde o ano de 1781, por Josepha de Sant'Anna e, posteriormente, a partir do seu matrimônio com Manoel Mendes, pelas gerações seguintes. Fundamentado na epistemologia da existência de Milton Santos (2004), adotando como conceito norteador o território usado (SANTOS, 2001) valorizou-se as categorias de análise verticalidades e horizontalidades (SANTOS, 2003) que associadas à solidariedade orgânica e solidariedade funcional organizacional (SANTOS, 2000) garantiram compreender, no processo, a função das organizações sociais - entre elas a Associação Pracatum Ação Social, as Associações de Moradores: Defesa e Progresso, Nove de Outubro e Fonte do Governo, a Associação Lactomia Ação Social e a Congregação Irmãs Ancilas do Brasil - que, em rede, em parceria com segmentos do segundo e primeiro setores da economia respondem, entre outras ações, pela execução do projeto Tá Rebocado e, por conseguinte, pela atual configuração socioespacial do Candeal Pequeno. Que, paradoxalmente, ao incidir sobre o lugar técnica, conhecimento e informação, ao projetar a nova fração do velho abrigo torna o eminente território estranho para alguns moradores mais antigos.

Palavras-chave:

Espaço banal, meio-técnico-científico-informacional, território usado.

Abstract

Batista, Selma Paula Maciel. **Candéal Pequeno: Used Territory**. 2005. 150 f.il. Essay (Geography Máster Degree) – Instituto de Geociências. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

This study was carried out to identify the elements both agent and factors, which were responsible for the Candéal Pequeno's transformation process from a stigmatized urban area like a slum into the condition of being an area for citizens, which has been considered a worldwide reference on social mobilization and cultural production as well. This projection was reached from the community's general efforts that recognized the value of their resources and gathered to it a differential: The social value. And from the moment they became aware of the territory value they lived in they realized the need of protecting it related to both immobiliary assets (which was intensified in the 1980's) and also to their afro-descendent customs and traditions practised in these lands since 1781 by Josepha Sant`Anna and afterwards, from her marriage with Manoel Mendes and the following generations. Based on Milton Santos's (2004) Epistemology of Existence and also adopting as a leading concept the used territory (SANTOS,2001) it was valued the horizontalities and verticalities categories of analysis (SANTOS, 2003) of which when gathered to the organic and organizational-functional solidarities (SANTOS, 2000) they guaranteed the understanding, in this process, the roles of the social organizations, among them the Associação Pracatum Ação Social, the neighbors' associations, such as: Defesa e Progresso, Nove de Outubro and Fonte do Governo, the AssociaçãoLactomia Ação Social and the Congregação Irmãs Ancilas do Brasil – which, working in network, and in partnerships with segments of both economy's first and second sectors respond to – amidst other actions – the running of the project Tá Rebocado and, consequently, they are responsible for the present Candéal Pequeno's social and spacial arrangements that, paradoxically, by applying technique, knowledge and information into the place, when projecting a new fraction of the old shelter turn the eminent territory into a strange place to some of the oldest inhabitants.

Key-words: Bannal Space, Environment-technic-scientific-informational, used territory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Candéal Pequeno: Configuração Socioespacial – ano 2004.....	p. 20
Figura 2 – Candéal Pequeno: Localização da Área de Estudo e Seus Limites	p. 21
Figura 3 – Invasão Nove de Outubro – ano 1991	p. 26
Figura 4 – Candéal Pequeno e Entorno: Evolução do Limite Territorial	p. 40
Figura 5 – Candéal Pequeno: Instituições Religiosas – ano 2004.....	p. 45
Figura 6 – Candéal Pequeno: Poligonais Para Análise da Evolução Territorial	p. 52
Figura 7 – Candéal Pequeno: Intervenções no Conj. Hab. Zé Botinha.	p. 54
Figura 8 – Candéal Pequeno: Intervenções no Conj. Hab.Sapucaia.....	p. 58
Figura 9 – Candéal Pequeno: Modelos de Unidades Habitacionais – Projeto Tá Rebocado.....	p. 60
Figura 10 – Candéal Pequeno: Intervenções no Conj. Hab.Jardim Candéal	p. 61
Figura 11 – Candéal Pequeno: Intervenções no Conj. Hab.Chácara Candéal	p. 65
Figura 12 – Candéal Pequeno: Áreas Consolidadas	p. 66
Figura 13 – Chegando à Igreja de Brotas: Acessibilidade Automotiva Reduzida via Atalho no Candéal Pequeno	p. 73
Figura 14– Candéal Pequeno: Organizações Sociais – ano 2004.....	p. 79
Figura 15– Santuário da Pedra de Ogum	p. 83
Figura 16– Candéal Pequeno: Área de Influência das Associações de Moradores..	p.101
Figura 17– Modelo de Ampliação dos Embriões Habitacionais no Conjunto Habitacional Jardim Candéal.....	p.109
Figura 18– Área de Atuação dos Agentes Comunitários de Saúde	p.118
Figura 19– Candéal Pequeno: Evolução do Limite Territorial	p.124
Figura 20– Marcas da Segregação	p.129

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Evolução do Processo de Ocupação e Dinâmica Social na Área do Conjunto Habitacional Zé Botinha.....	p. 53
Tabela 2 – Evolução do Processo de Ocupação e Dinâmica Social na Área do Conjunto Habitacional Sapucaia.....	p. 59
Tabela 3 – Evolução do Processo de Ocupação e Dinâmica Social na Área do Conjunto Habitacional Jardim Candéal.....	p. 62
Tabela 4 – Evolução do Processo de Ocupação e Dinâmica Social na Área do Conjunto Habitacional Chácara Candéal.....	p. 65
Tabela 5 – Conjuntos Habitacionais: Principais Problemas Enfrentados	p.134
Tabela 6 – Conjuntos Habitacionais: Grau de Satisfação com o Imóvel.....	p.134
Tabela 7 – Conjuntos Habitacionais: Renda Familiar	p.135
Tabela 8 – Conjuntos Habitacionais: Grau de Satisfação com o Modelo Habitacional em Condomínio	p.136

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1- Influência do Meio-Técnico-Científico-Informacional no Processo de Produção p. 36

Diagrama 2- Conceitos e Categorias Miltonianas p. 77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Árvore Genealógica da Família de Sant'Anna & Mendes p. 48

Quadro 2- Processo de Ocupação em Quatro Tempos: Conceitos Utilizados Para as Variáveis de Análise p. 51

Quadro 3- Perfil das áreas Atendidas pela Unidade de Saúde Família do Candéal . p. 71

Quadro 4- Participação Popular em Projetos de Intervenção Urbanos p.105

Quadro 5- Candéal Pequeno: Perfil dos Conjuntos Habitacionais ano 2004..... p.126

APÊNDICE

Candéal Pequeno: Comparativo anos 1997-2005

Candéal Pequeno: Principais Eventos Ocorridos 1991-2003

LISTA DE ABREVIACOES

ALAS	Associação Lactomia Ação Social
AMDP	Associação de Moradores Defesa e Progresso
AMFG	Associação de Moradores Fonte do Governo
AMNO.....	Associação de Moradores Nove de Outubro
APAS	Associação Pracatum Ação Social
CDI.....	Comite para Democratização da Informática
CEF	Caixa Econômica Federal
FMLF	Fundação Mario Leal Filho
IBAM	Instituto Brasileiro de Administração Pública
LOUOS	Lei do Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo de Salvador
PMS	Prefeitura Municipal de Salvador
POMMAR	Prevenção Orientada aos Meninos e Meninas em Risco
PROEP	Programa de Expansão da Educação Profissional
PSF.....	Programa Saúde da Família
SMS.....	Secretaria Municipal de Saúde
SUCOM.....	Superintendência de Controle e Ordenamento de Uso do Solo
TAC	Termo de Acordo e Compromisso

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO

1.1 Lendo o Espaço Urbano de Salvador	p. 16
1.2 Um Olhar no Limite do Candeal Pequeno	p. 18
1.3 Um Olhar ao Redor do Candeal Pequeno	p. 22
1.4 A Dialética do Velho e o Novo	p. 23
1.5 Um Conjunto de Práticas Urbanas e Sociais	p. 24
1.6 O Candeal Pequeno Retratado Como Um Milagre	p. 28

2 – UM OLHAR DESFOCADO COM FOCO NO TERRITÓRIO USADO

2.1 A Epistemologia da Existência	p. 31
2.2 O Conceito de Território Usado: uma Visão Miltoniana	p. 32
2.3 O Meio-Técnico-Científico-Informacional	p. 34
2.4 Verticalidades e Horizontalidades	p. 36
2.5 Causa e Contexto	p. 37
2.6 Procedimentos Metodológicos	p. 42

3 – OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

3.1 O Candeal Pequeno	p. 45
3.2 Processo de Ocupação em Quatro Tempos	p. 50
3.3 Áreas Consolidadas	p. 66
3.4 Análise Integrada dos Dados	p. 67

4 – RELAÇÕES SOCIAIS NO TERRITÓRIO

4.1 Modelos de Solidariedade Orgânica e Funcional Organizacional	p. 75
4.2 O Perfil das Organizações Sociais	p. 83
4.3 O Papel das Associações de Moradores no Território	p.100
4.4 A Autonomia das Organizações no Território	p.104
4.5 Conquistas, Barreiras e Evidências	p.108
4.6 A Correlação das Ações e dos Objetos no Território	p.111

5 – INTERVENÇÕES HABITACIONAIS

5.1 Perfil dos Conjuntos Habitacionais	p.125
5.2 Um Panorama da Atual Configuração Socioespacial	p.134

6 – O GRANDE CANDEAL PEQUENO

6.1 Do Espaço Banal, via Meio-Técnico-Científico-Informacional, ao Território Usado	p.139
---	-------

Referências Bibliográficas	p.142
----------------------------	-------

APÊNDICE

1 - INTRODUÇÃO

1.1 LENDO O ESPAÇO URBANO DE SALVADOR

Como “imigrante” residente na região da Barra, lidando com prestadores de serviço nascidos nesta localidade - que mantêm em meio ao novo, rugosidades¹ como a Roça da Sabina, área concentradora de uma população de baixa renda - era comum ouvir em suas falas não se reconhecerem mais no lugar, atualmente tomado pelos edifícios, avenidas, *shopping centers*, galerias, hotéis e pessoas, identificadas por alguns como “os sulistas”, referindo-se aos migrantes da região sul e sudeste. E se, para uns, a conversa era tomada como um momento de recordação, envolvendo, em segundos, sentimentos de perda, tristeza e nostalgia, para outros, era a possibilidade de desabafo, com forte expressão de protesto, cujas falas, em tom revolucionário, introduziam no diálogo frases como: “... nós já morávamos aqui, eles (o mercado imobiliário) é que invadiram”, “...eles (os políticos) acabaram com tudo...”. Enquanto a boca gesticulava, expressando sentimentos de uma história de vida, o olhar ao longe se perdia, tentando romper o concreto dos edifícios localizados ao redor das áreas onde habitam, como se além, fosse ainda possível avistar o pomar, a horta, o campinho dos ‘babas’².

Eu moro aqui desde pequeno. A gente pegava manga ali, tá vendo ali, naquele edifício, tem uma mangueira enorme. Vê? A gente ia ali a cavalo, beirando o rio. Chegava lá e passava horas, chupando manga. Eles construíram aquele edifício ali, mas não pagaram o dono do terreno, não. Coitado³.

Do fundo de vale na avenida Centenário, no bairro do Chame-Chame, avistavam o córrego do Veado cortando a avenida de mão dupla que arborizada com diferentes espécies da flora, permitia, de acordo com o relato do mecânico, vislumbrar a paisagem original a partir dos resquícios da mata ainda existente.

Entretanto, hoje, tanto à direita como à esquerda, os edifícios, em sua maioria de arquitetura destinada à classe média e alta, ditam a nova configuração socioespacial⁴. A mangueira à qual

¹ O termo utilizado por Santos (2001) deve ser entendido como heranças, existentes na dimensão socioespacial que, com a dinâmica territorial, passam a assumir novas funções a partir da influência do meio-técnico-científico-informacional (*op.cit.* p.250).

² Baba, na Bahia, significa uma partida de futebol.

³ Fala do proprietário de oficina mecânica na Roça da Sabina, Sr.Pituca, 49 anos, nascido, criado e ainda morador na localidade. Março/2002.

⁴De acordo com a literatura de Milton Santos, entendendo o espaço geográfico como um dado social, e a configuração espacial, um dado técnico. Utiliza-se o conceito de configuração socioespacial – escrito sem o

o mecânico se referia preservada em área comum de um edifício construído na região do Alto do Apipema, se, antes, pública e acessível, com o tempo e a dinâmica da cidade, tornou-se apenas um objeto histórico, de valor simbólico. Estanque na dimensão espacial, passível de não ser percebida na atual configuração dos espaços.

Por isso, as histórias de vida são hoje tão relevantes nas pesquisas sociais, pois é através da oralidade que se avança no resgate da história e da geografia dos lugares, cada vez mais de menor domínio público.

Outros tantos relatos descreveria. Não poderia esquecê-los, visto a expressão no olhar de cada um, que àquela nova paisagem de contrastes se referia, despertando o interesse em aprofundar o entendimento do processo de ocupação das áreas urbanas, hoje, centrais em Salvador. Cidade que, ao longo dos seus 500 anos, aprendeu a conviver com o que restou do velho no novo imprimindo na configuração dos lugares uma história que o tempo, rápido e veloz, tem colocado em risco.

Até a década de 1970, em fonte bibliográfica, documental e fotográfica, foi possível identificar áreas ricas em patrimônio cultural alicerçadas em uma herança afro-descendente, localizadas em regiões afastadas da zona central da cidade. No entanto, estes nichos⁵, com o crescimento da zona urbana, a acelerada explosão demográfica, a competitividade entre os lugares e o interesse crescente do mercado por espaços ricos em recursos naturais e humanos, inseriram-se à malha urbana ou, a exemplo de muitas localidades, foram disseminados, na tentativa de uma re-territorialização em áreas periféricas da cidade.

Para as áreas resistentes, raramente a permanência significa vantagem. Isto porque, apesar de agregadas à cidade formal, no novo território, ficam à margem da mesma, perdendo em relação ao ambiente de origem, em aspectos físico-ambientais, sociais e econômicos. E, quando des-territorializadas para a edificação do novo centro urbano, entre as perdas, agregam-se as de valores cotidianos, alicerçados na dinâmica das áreas onde antes se fixavam. Fatores que dificultam o processo de re-inserção social em um novo espaço geográfico, em geral fragmentado, distante e sem infra-estrutura.

hífen - , para definir o conjunto de objetos capazes de serem apreendidos na leitura do espaço em sua totalidade, incluindo os objetos naturais, simbólicos e construídos.

⁵ A palavra nicho é aqui empregada segundo definição extraída do Novo Dicionário Aurélio: “(...) **5.** Fig. Lugar afastado; retiro. **6.** *Eco.Veg.* Porção restrita de um habitat, onde vigem condições especiais de ambiente”.

Assim, o urbano, no movimento de um mundo globalizado, gerido por uma sociedade capitalista, cria na dimensão do espaço frações de território, gerando uma assimetria social e urbana. Diversidades que ditam a história das cidades e que vêm contribuindo com a construção de novos paradigmas urbanos.

1.2 UM OLHAR NO LIMITE DO CANDEAL PEQUENO

Entre os exemplos, selecionou-se, para este estudo, a localidade do Candéal Pequeno. Tal escolha deve-se, no contexto urbano, à relevância de dois fatores. O primeiro diz respeito à dinâmica cultural do lugar que, a partir de 1993, ganha evidência com os ensaios para a pré-temporada do carnaval de Salvador com a Banda Timbalada que, aos domingos, passou a agregar no lugar um universo de mais de 3000 pessoas. Volume excessivamente elevado para a área com pouco mais de 15 hectares, na ocasião, sem infra-estrutura urbana, onde a falta de espaço dificultava definir o limiar entre a área de convívio familiar e a área de circulação, com o evento, tomada pelo comércio informal com destaque para a venda de cervejas e batidas de frutas. E o segundo fator, no bojo do primeiro, deve-se à mobilização dos moradores que, vendo acontecer ao redor o fenômeno da verticalização, se organizaram valorizando os recursos locais com a expectativa de conquistar junto ao Poder Público os mesmos direitos das áreas do entorno em serviço de infra-estrutura urbana e equipamentos públicos. E que, legalmente, também lhes era por direito enquanto cidadãos.

Assim, associando a dinâmica cultural à mobilização social, lideranças locais criam uma parceria junto aos setores público e privado, concebendo com técnica, informação e conhecimento, nova configuração socioespacial à localidade. Que, surpreendentemente, na condição de espaço urbano segregado, em menos de dez anos, com as práticas, amplia seu limite territorial conquistando tanto no Brasil como no exterior “simpatizantes”. Estes, valorizando os recursos locais, investem junto às organizações sociais, institucionalizadas e estruturadas tecnicamente, recursos com expectativas que vão do social ao estratégico, envolvendo manutenção do trabalho social, ampliação de parcerias entre o setor público e privado, visibilidade com ações de responsabilidade social, entre outros interesses, onde, muitas vezes, o fator social agrega ao empreendimento valor.

Neste cenário, define-se a configuração socioespacial do Candéal Pequeno como objeto de estudo, buscando identificar os elementos, agentes e fatores responsáveis pela metamorfose do espaço banal – “*espaço de todos: empresas, instituições, pessoas; o espaço das vivências*”

(SANTOS 2004 p.108), através do meio-técnico-científico-informacional, (SANTOS1996) em território usado – *“resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é chão e mais a população, isto é uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre as quais ele influi”* (SANTOS, 2004 p.96).

Em escala intra-urbana, a partir dos elementos e empreendimentos que determinam a atual configuração socioespacial do Candeal Pequeno (vide FIGURA 1), objetivando investigar o fenômeno que envolve dinâmica urbana, recursos humanos e patrimônio cultural, delimitou-se para a análise, as áreas identificadas pelos moradores como: **Candeal de Baixo** - atual centralidade das dinâmicas culturais e sociais; **Candeal de Cima**, cuja centralidade, o Largo do Tamarineiro, foi ocupado no século XVIII por famílias pioneiras; e, **Fonte do Governo**, umbilicalmente ligada às áreas citadas, por laços de parentesco e afetividade⁶. Como consequência da dinâmica socioespacial da localidade, agregou-se à investigação áreas limítrofes de loteamentos situados no bairro de Brotas e Cidade Jardim, na cartografia, identificados como loteamentos Roça dos Netos, Cidade Jardim, e Condomínio Quinta do Candeal (vide FIGURA 2).

⁶ Como curiosidade e indicação para uma futura investigação, observando a cartografia da área delimitada, nota-se não haver no fundo de vale do Candeal Pequeno nenhuma rua com o nome da localidade. Já a Fonte do Governo, apesar de equidistante, entre os dez logradouros que concentra, cinco são identificados com o nome Candeal. São eles: 1ª travessa Candeal Pequeno, travessa Candeal Grande, travessa Candeal, 2ª travessa Candeal Pequeno e 3ª travessa Candeal Pequeno (vide FIGURA 20).

FIGURA 1

Candeal Pequeno: Configuração Socioespacial - ano 2004



Fonte: 1) Imagens Aéreas: Informs/ CONDER 2) Termos de Acordo e Compromisso : Biblioteca Fundação Mario Leal Filho/ PMS 3) Trabalho de Campo
Autor: Selma Batista

FIGURA 2



Fonte: Base Cartográfica - SICAR - 1992 - PMS / Extraída do CD LOUOS versão 2001 - FMLF
Escala 1: 5800
Autor Selma Batista

1.3 UM OLHAR AO REDOR DO CANDEAL PEQUENO

Em 1986, através do estudo *Dez Freguesias de Salvador, Aspectos Sociais e Urbanos no século XIX*, Nascimento, analisando o primeiro Recenseamento de 1855, identificou que o bairro de Brotas, nesta época, já integrava a lista das dez primeiras freguesias urbanas da cidade, e através das listas de qualificação eleitoral encontradas, pôde deduzir que, em geral, a população habitava “*em roças, e, na sua grande maioria, viviam ali pessoas simples e de cor*” (*ibidem*, p. 89). Quanto ao comportamento, segundo a autora, de acordo com documentos redigidos pelo Juiz de Paz à presidência da Província, os litígios, em sua maioria, referiam-se a brigas corriqueiras entre a população local, em geral envolvendo traições conjugais. No entanto, queixava-se também o Juiz das “*ações praticadas por negros forros, que induziam os que eram escravos a afastar-se dos seus senhores e os acolhiam para trabalhar nas suas roças e culturas. O Juiz de Paz gabava-se de haver devolvido mais de 400 escravos aos seus legítimos donos*” (*ibidem*, p.89). Dados que, historicamente, apontam na área a consolidação de uma população afro-descendente que refugiada na mata fechada, dela, também, extraía seu sustento.

Adiante, até a década de 1970, segundo dados obtidos, o bairro contava com boa infraestrutura viária nas áreas de grande circulação onde residia uma população com renda diversificada entre alta, média e baixa. No entanto, nos anos 1980 e 1990, o bairro de Brotas vivencia uma mudança a partir do momento em que moradores dos antigos casarões, atraídos por empreendimentos modernos em novas centralidades, deixam o bairro negociando com empreendimentos comerciais seus imóveis. Por conta desta dinâmica urbana da cidade de Salvador, os núcleos habitacionais consolidados pela população de baixa renda, passou a agregar um contingente de excluídos das áreas centrais da cidade que, ocupando desordenadamente as encostas, sem infra-estrutura urbana, habitacional e serviços públicos, passam a ser identificados como “favelados”.

Localizado no alto da encosta, o bairro de Brotas, a partir do momento em que refuncionaliza suas formas caracterizando-se como prestadora de serviços e comércio, favorece a dinâmica de novas centralidades, como a região do Iguatemi (SCHEINOWITZ, 1998). Novo núcleo urbano que, em raio concêntrico, cria áreas como Itaigara e Cidade Jardim. Estas, a partir da década de 1970, e ao longo das duas décadas seguintes, contribuem com o fenômeno da verticalização na cidade de Salvador. No contexto do Candéal Pequeno que, diante da dinâmica urbana permaneceu ocupando seu território no fundo de vale, a nefasta ocupação do

espaço ao seu redor, imprimiu na paisagem uma configuração de espaços auto-segregados, como veremos, com mais detalhes, no capítulo 3.

Cenários urbanos consolidados, que baniram do Candeal Pequeno a lentidão do tempo (SANTOS, 1996) predominante até o final da década de 1980, e com ela, a fauna, a flora e os ricos ecossistemas. Elementos que garantiam aos moradores através da agricultura e pequenas criações, suprir necessidades diárias além de manter, com os recursos da natureza, costumes e tradições. Como por exemplo, pelas mãos das rezadeiras, a produção de medicamentos com ervas medicinais, ou, com o uso de pedras, folhas, entre outros elementos naturais, a prática dos rituais religiosos alicerçados no candomblé.

1.4 A DIALÉTICA DO VELHO E O NOVO

Assim, a natureza ‘engessada’, arquitetonicamente moderna e urbanisticamente rápida, comprometendo a manutenção de alguns costumes praticados pelo grupo, compromete também o sentimento de pertencimento, e com ele sua identidade. Entre coletividades que, com o crescimento da cidade foram assentadas em áreas periféricas, a situação é ainda mais grave. Isto porque a identidade, de acordo com a teoria que norteia este estudo, é uma categoria, construída pelo coletivo com base em elementos que interagem na dimensão socioespacial que é objetiva e subjetiva e que, atribuem a esta dimensão, a noção de territorialidade (SANTOS, 2001).

E, em geral, estes grupos forçosamente remanejados para áreas periféricas, sem extrato territorial e, em conflito identitário, são os que criam na cidade territorialidades cíclicas (SOUZA, 2003). Fragmentos de territórios visíveis através de meninos e meninas esmolando em cruzamentos urbanos; homens e mulheres, embriagados em praça pública; traficantes disputando pontos; flanelinhas disputando semáforos; sem teto, disputando uma área coberta. E à luz do néon da modernidade que divulga a loja de colchões, deitados no chão, em papelões, evidenciando o contraste que mobiliza a cidade, dormem, indefesas, as crianças no velho centro da cidade (SILVA & PINHEIRO, 2004).

No contexto do Candeal Pequeno, para os moradores que há bem pouco tempo habitavam ‘roças’ e que, por resistência, não apenas permaneceram, mas, mobilizados, organizaram e ampliaram seu território, ainda que segregados, fica no limiar do velho com o novo, a possibilidade de se entrever a mudança com expectativa de ao manter público o que é público

e privado o que deve ser privado, estar se construindo na dinâmica de um movimento, genuinamente, endógeno, o espaço do cidadão (SANTOS, 2000).

1.5 UM CONJUNTO DE PRÁTICAS URBANAS E SOCIAIS

A cronologia estabelecida delimita as três últimas décadas. Dentro deste período, buscou-se estabelecer conexões com as demais escalas geográficas de análise, levando em consideração fatos e eventos que, ocorridos no contexto urbano e cultural, repercutiram em diferentes proporções de influência e raios de incidência na atual configuração da área em estudo.

Com enfoque no urbano, para analisar o surgimento e a influência dos condomínios fechados ao redor do Candéal Pequeno, definiu-se o ano 1971 como ponto de partida levando em conta a construção da primeira pista expressa da avenida Juracy Magalhães Júnior. Pronta, a nova avenida fomentou a especulação imobiliária introduzindo na cidade um novo conceito habitacional, direcionado para classe média alta, com os condomínios fechados e residenciais verticalizados⁷, cujos Termos de Acordo e Compromisso – TAC aprovados datam de 24 de agosto de 1978, para o condomínio fechado Loteamento Quinta do Candéal; 02 de março de 1979, para o Condomínio Horto Florestal; e 20 de agosto de 1991, para o Loteamento Cidade Jardim⁸.

No contexto cultural 1980 é marco, levando em consideração os investimentos por parte do Poder Público, que, fortalecendo o *marketing* institucional com meta em investimentos no mercado do turismo, agrega à imagem de Salvador, recursos culturais alicerçados na herança afro-brasileira, tornando-os produtos susceptíveis para comercialização. E, que DIAS (2002) teoricamente fundamentado sintetiza:

[...] a mundialização soteropolitana é um conjunto de formulações políticas e acadêmicas que utilizam como artifício o reforço a alguns símbolos identitários dos habitantes do lugar, sendo esses símbolos escolhidos conforme a conveniência da tríade mercado, mídia e lucro. (*op.cit.* p.49)

⁷ Caldeira, (1997) na obra *Enclaves fortificados: a nova segregação urbana* classifica a auto-segregação urbana como empreendimentos privados - enclaves fortificados - onde se enclausuram os setores mais ricos da população em busca de uma forma de proteção à violência (Koga, 2003 p.250).

⁸ Dados obtidos junto à Prefeitura Municipal de Salvador – PMS, Biblioteca da Fundação Mario Leal Filho – FMLF, através dos TACs arquivados.

Considerando os cenários descritos, voltando o olhar para o Candeal Pequeno, identifica-se no histórico de mobilização comunitária, uma atividade cultural intensa que, por volta de década de 1970, ganha destaque com a participação do bloco afro Zimbábue no circuito tradicional do carnaval de Salvador, no Largo do Pelourinho. Adiante, ainda na mesma década, passou a ser freqüente nas ruas de barro do Candeal de Baixo, os ensaios com os grupos Vai Que Vem e Bolacha Maria, ambos, organizados pelo morador Antonio Carlos de Freitas, hoje, mundialmente conhecido como Carlinhos Brown ou Carlito Marrón, como ficou conhecido, recentemente, na Espanha.

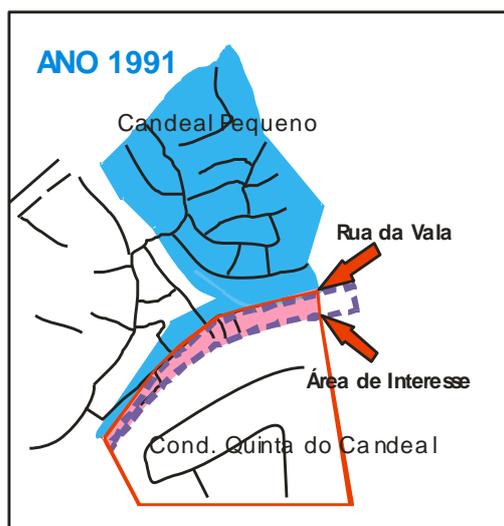
Liderança reconhecida pelos moradores, e, que, sintonizada com os interesses que norteiam a dinâmica da cidade valoriza a produção do lugar e inova a percussão com a sonoridade do timbau - instrumento utilizado em cultos religiosos do candomblé - ganhando ao final dos anos de 1980, destaque nacional no cenário da música. Sucesso, imediatamente, extensivo aos percussionistas do Candeal Pequeno com o lançamento da Banda Timbalada, resultado da fusão entre integrantes dos grupos Vai Que Vem e Bolacha Maria. Em 1993, a banda grava o primeiro CD com faixas, em alguns casos, descrição fiel do cotidiano do lugar. Em 1995, como bloco alternativo sai no circuito Barra/Ondina do carnaval de Salvador, e, a partir daí, nos anos seguintes, os ensaios que ocorriam nos pequenos becos do Candeal Pequeno transformam-se em ensaios de pré-temporada momesca tornando o lugar território da música percussiva, com simpatizantes vindos de diferentes bairros, cidades, estados e países⁹.

Cenário um tanto surrealista, levando em conta que a riqueza cultural, abruptamente, contrastava com as condições socioambientais caracterizadas por encostas sem proteção, esgoto a céu aberto, minadouros sem drenagem, ruas sem pavimentação e carência habitacional, tanto em infra-estrutura como em serviço público de iluminação, água encanada e sistema sanitário. Caos social que no dia nove de outubro de 1991, levou um grupo de mulheres a erguer durante a madrugada, na chamada “Rua da Vala” (vide FIGURA 3), a construção de 15 barracos objetivando reivindicar o direito à moradia frente ao avanço dos empreendimentos que pareciam comprimir os limites do Candeal Pequeno. No entanto, a apropriação do espaço ou “invasão” não foi vista com bons olhos entre todos, pois o fato de ter uma das áreas da localidade assim identificada, parecia, aos mais antigos, desmercer o

⁹ Informação baseada em amostragem com 10 freqüentadores, abordados em diferentes pontos da localidade.

FIGURA 3

INVASÃO NOVE DE OUTUBRO - ano 1991



histórico consolidado, por uma maioria, em práticas agrícolas e vínculos de familiaridade e parentesco¹⁰.

Mas a cidade crescendo, a densidade populacional aumentando e os espaços cada vez mais distantes, contribuiu para a concretização do ato coletivo, tornando, posteriormente, este episódio um marco no histórico do lugar, quando associado ao projeto de enfoque social, fomentado por Carlinhos Brown.

É que, em 1994, Carlinhos Brown, consagrado no mercado musical, mas ciente das dificuldades pelas quais passou ao longo de sua infância e adolescência, buscando retribuir ao seu lugar de origem o apoio recebido, apresenta a alguns moradores a proposta de criar uma Escola de Música no Candéal Pequeno com o objetivo de oferecer aos jovens um curso profissionalizante. Apoiado inicialmente pelos moradores e, em seguida, pelo setor público e privado, o músico funda, no mesmo ano, a Associação Pracatum, organização social sem fins lucrativos. Em 1995, os primeiros técnicos são contratados, e em parceria com lideranças comunitárias, objetivando traçar um plano de ação, em abril de 1997, realizam o Censo de Pesquisa e Opinião no Candéal Pequeno. Os dados sistematizados possibilitaram identificar o perfil da população, as condições socioeconômicas e as principais dificuldades encontradas, fornecendo material para a redação de um projeto social com prioridade de intervenção urbana e habitacional. Surgia o Programa Comunitário Tá Rebocado¹¹ que, em dezembro de 1997, apresenta ao Governo do Estado da Bahia o projeto social Tá Rebocado. Este, aprovado, ao final do ano de 2003, é contemplado com a primeira das três etapas de intervenções programadas de serem executadas com financiamento da Caixa Econômica Federal e gestão da CONDER, através do Programa Viver Melhor.

Em paralelo, no ano de 1996, para organizar e atender o fluxo do público timbaleiro, fiel à Banda Timbalada, junto ao irmão Gilson Freitas, o músico Carlinhos Brown inaugura na rua Paulo Afonso - principal do Candéal de Baixo - a casa de espetáculos *CandyAll Guetho*

¹⁰ Informações obtidas em trabalho de campo – nov/2003

¹¹ Tá Rebocado - expressão tipicamente baiana que significa “Com certeza!”.

*Square*¹² com capacidade para 2500 pessoas mediante ingressos adquiridos, sendo o de menor valor, ao custo de R\$ 20,00. Os mesmos, rapidamente vendidos, não atendendo a demanda promoviam grandes concentrações de jovens não apenas, no Candeval Pequeno, mas, também, nas imediações do Loteamento Roça dos Netos e Cidade Jardim que, aos domingos, tinham as ruas intransitáveis com o comércio informal, o congestionamento, e, por conseguinte, devido à alta concentração de jovens, a algazarra.

Esta situação, no ano de 2003, gerou um conflito territorial promovido pelos moradores do Loteamento Cidade Jardim e Quinta do Candeval que, por meio de um abaixo assinado, reivindicavam junto à Superintendência de Controle e Ordenamento de Uso do Solo – SUCOM, providências com relação à elevada carga de decibéis emitidas com os ensaios da Banda Timbalada no *CandyAll Guetho Square*. O caso, julgado pelo Ministério Público acabou por cassar, no mesmo ano, o alvará de funcionamento da casa de espetáculos. Porém, de acordo com o investigado, identificou-se que tal conflito transcende os motivos alegados pelos órgãos públicos estando as reais justificativas apoiadas no contexto urbano. Isto porque o mercado, materializando entorno ao Candeval Pequeno - um núcleo populacional consolidado desde o século XVIII - empreendimentos imobiliários destinados às classes de elevado poder aquisitivo, cria na dimensão do espaço geográfico territórios assimétricos. Áreas susceptíveis para a realização de conflitos culturais, sociais, religiosos ou, outro, advindo das condições impostas pelas relações sociais estabelecidas.

Como resultado, o conflito e a consequente cassação do alvará, deixa sem renda uma parcela significativa de moradores que com o comércio informal, mantinham-se ao longo do ano. No entanto, não rompem com a territorialidade cultural alicerçada no Candeval Pequeno visto está fundamentar-se em um conjunto de práticas, no qual a Timbalada como elemento, está intrínseca. E por meio deste sentimento de pertencimento, é que se constrói a história da Banda Timbalada associada à história do Candeval Pequeno e, vice versa. E qualquer visitante ao percorrer os becos e pequenas ruas do Candeval Pequeno, ou participar, em qualquer parte do mundo, de uma apresentação da Banda há de apreender a essência de uma forma –

¹² *CandyAll* vem de *Candy All*, que em inglês significa “todo doce”. Assim, traduzindo *CandyAll Guetho Square*, ficaria “Quadra toda doce, do Guetho Candeval”.

conteúdo possibilitando conhecer um pouquinho da história que concede ao lugar uma terna excentricidade¹³.

1.6 O CANDEAL PEQUENO RETRATADO COMO UM “MILAGRE”

Em novembro de 2004, dez anos após a fundação da Associação Pracatum, os moradores, com destaque para algumas lideranças locais, vivenciaram momentos de celebridade ao atuarem como protagonistas de suas próprias histórias no documentário “*O Milagre do Candéal*”. Documentário musical que, sob direção do cineasta espanhol Fernando Trueba, no início do mesmo ano, transformou, por três meses, o Candéal Pequeno, a cidade de Salvador, e algumas localidades do Estado, em *set* de gravação cinematográfica buscando a partir de um dado roteiro, resgatar e registrar o berço da herança afro-brasileira que, segundo o diretor, no Candéal Pequeno encontra campo fértil com a fusão dos recursos locais: música percussiva e afro-descendência.

Logo, o nome do documentário “*El Milagro de Candéal*”, resulta de uma “alquimia” apreendida por Trueba que caracterizando o Candéal Pequeno como uma “favela”, viu nas práticas sociais e culturais desenvolvidas o utópico concretizado.

O documentário acompanhou também a performance dos grupos Zárabes e Arrastão - ambos com mais de 200 integrantes, tanto jovens do Candéal Pequeno como de outros bairros – que, ao longo dos meses de janeiro a março, chamam a atenção de turistas do Brasil e do Mundo, que para a Bahia se deslocam, dispostos a vivenciar as ‘festas de largo’¹⁴, sucesso do carnaval em Salvador.

Os Zárabes, criado com base nos fundamentados zapatistas, sem distinção de cor, origem, ou condição social, abrem o período das festas momescas que tem ponto de partida com a Festa do Largo do Senhor do Bonfim, em homenagem a Oxalá. O bloco orientado por Carlinhos Brown, literalmente correndo, segue lançando, ao longo do percurso de 14 quilômetros entre a Igreja Nossa Senhora da Conceição e a Igreja do Senhor do Bonfim, pétalas brancas ao chão. Estas, previamente preparadas em ritual religioso abrem o caminho para as baianas,

¹³ Reflexão embasada em observação participativa e entrevistas junto aos moradores e público simpatizante da Banda Timbalada. Realizadas em apresentações no Candéal Pequeno, na cidade de Salvador e João Pessoa/PB.

¹⁴ Em Salvador, o conceito de “festa de largo” está associado ao sincretismo religioso que envolve, em geral, uma celebração ecumênica, tomada em seguida, pela confraternização dos fiéis junto a população que, em áreas públicas festejam com dança e música.

personalidades e multidão. Assim, limpa e purificada, a cidade perfumada com o aroma dos incensos se prepara para um novo ano e agitados dias de carnaval. Em seguida, dia dois de fevereiro, o mesmo batalhão de fiéis segue do Candeal Pequeno ao bairro do Rio Vermelho carregando sobre os ombros uma embarcação cheia de oferendas à Iemanjá, em agradecimento as conquistas alcançadas ao longo do ano. E fechando o ciclo “profano” que envolve o período do carnaval, como uma evocação popular, no circuito Barra/Ondina, foliões seguem os músicos do Arrastão que ao ritmo de 100 timbaus, sob a regência de Carlinhos Brown e outros mestres percussionistas do Candeal Pequeno, fecham na manhã da quarta-feira de cinzas as festividades momescas convocando todos, segundo os fundamentos do cristianismo, para o período de retiro espiritual.

Assim, a música como linguagem que une as diferenças, apesar de estar ali posta, possível de ser apreendida sob o prisma de qualquer lente, quando investigada na dinâmica de uma micro-escala de análise, como propõe este estudo, parece, em si, paradoxal, caótica e contraditória. E é neste movimento que se arrisca, aqui, identificar um conjunto de elementos que torne inteligível a forma como os recursos existentes no lugar são produzidos, e pelas organizações atuantes, apropriados e utilizados. Inicialmente, a partir da atuação dos moradores e associações, em defesa do limite territorial e sua territorialidade. E, em seguida, por organizações que com a dinâmica passam a instalar-se.

No mês de novembro de 2004, as líderes comunitárias Graciete Batista e Arinalva Arcanjo¹⁵ rumam a Barcelona para participar do lançamento oficial do documentário no *Fórum Universal das Culturas* – evento internacional, realizado com o objetivo de contribuir para uma aproximação efetiva entre as culturas, com temas focados no desenvolvimento sustentável e nas condições para a paz e a diversidade cultural -, e pela comissão organizadora do evento, são convidadas a ministrar palestras sobre suas práticas. De volta ao Brasil, através de suas narrativas, pode-se constatar a emoção pela descoberta da importância do papel social que desenvolviam:

Você precisava ver, eram mais de 3000 mil pessoas aplaudindo a gente de pé [...] Aquele monte de gente inteligente, falando inglês e a gente lá, falando das nossas práticas [...] Foi o maior sucesso, todo mundo queria falar com a gente. Inclusive a mídia¹⁶.

¹⁵ Graciete Batista - Ciete. Presidente da Associação de Moradores da 9 de Outubro e Arinalva Arcanjo – Tita - Presidente da Associação de Moradores Defesa e Progresso

¹⁶ Fala das líderes comunitárias Graciete Batista e Arinalva Arcanjo, em 18/11/2004, durante trabalho de campo.

A partir deste fato, através do universo mágico do cinema, como num conto de fadas, Ciete e Tita descobriram, lá na Espanha, que o Candéal Pequeno tinha mais do que riqueza cultural. Tinha também histórico de conquista popular, e que elas eram protagonistas deste roteiro. Lá, longe do lócus de produção, descobriram que suas práticas haviam lhes concedido o título de “cidadãs do mundo”, e apesar da micro-escala geográfica em que atuam, suas ações e suas experiências têm despertado o interesse de inúmeras instituições públicas e privadas, estudantes, jornalistas e turistas, que partem de diversas localidades rumo ao Candéal Pequeno para ver e registrar o que está sendo publicizado como fenômeno social.

Com este enfoque, a produção cinematográfica é rica, como referência, quando possibilita, a partir de um roteiro, visualizar, no universo ilusório da imagem, a realidade territorial apreendida e enquadrada de tal forma que parece não ter existido na normalidade o caos, na fantasia o medo, no milagre o descredo.

A partir deste conjunto de elementos, no capítulo seguinte – Um Olhar Desfocado, com Foco no Território Usado, se fundamenta, teoricamente, a investigação. No capítulo 3 – Ocupação do Território, se foca a análise no processo de ocupação e dinâmica territorial. No capítulo 4 – Relações Sociais no Território, através de informações sistematizadas, se descreve como as organizações sociais atuam e de que forma, por meio delas, torna-se permissiva a incidência do meio-técnico-científico-informacional no espaço banal. No capítulo 5 – Intervenções Habitacionais, se apresenta um perfil dos conjuntos habitacionais e a partir dos dados obtidos se traça um panorama da atual configuração socioespacial da localidade. Apresentando, ao final, a conclusão com o capítulo 6 – Do Espaço Banal, via Meio-Técnico-Científico-Informacional, ao Território Usado.

Espera-se, assim, estar contribuindo com o resgate da história do Candéal Pequeno que apesar das contradições visíveis, através de seus protagonistas, resistiu, lutou e, por sua permanência, torna-se referência neste estudo.

2 -UM OLHAR DESFOCADO, COM FOCO NO TERRITÓRIO USADO

2.1 A EPISTEMOLOGIA DA EXISTÊNCIA

De acordo com as últimas entrevistas concedidas pelo professor Milton Santos, fica claro, em suas reflexões, a necessidade de se pensar a geografia no Brasil desfocando o olhar em relação às contribuições das escolas francesas e anglo-saxônicas. De modo algum negando o

legado, mas buscando construir uma maneira genuína de ver o mundo e sua origem com base em teorias próprias, capazes de permitir um melhor entendimento da realidade dos lugares, como fruto da combinação de processos envolvendo nos momentos de produção, grande contribuição da emoção, aliança capaz de construir, segundo o professor, autênticos espaços do cidadão.

Em *O País Distorcido* (2002), Wagner Costa Ribeiro, reuniu textos escritos pelo professor Milton Santos publicados na Folha de São Paulo, desde 1991 até sua morte, em 2001. E entre os textos “*Um Olhar Dissonante*”, editado pelo jornalista Valmir Santos, na data de 7 de março de 2000, apresenta no diálogo entre o geógrafo Milton Santos e a atriz Denise Stoklos a síntese do que o professor passou a chamar de *epistemologia*¹⁷ *da existência*. Nas palavras do mestre:

[...] a razão reduz a força de descobrir, porque só a emoção nos leva a ser originais. Não só a emoção, claro, mas por meio dela é mais rápido [...] Nós fomos tratados e educados para examinar o chamado presente, não imaginando que o futuro está aí, embutido no presente. Na realidade, cada ato nosso presente, agimos em função do futuro. A ação é presente, mas a aspiração dela é o futuro (*op.cit*, p.64).

Assim, associando à razão a emoção, buscou-se, com base no paradigma, compreender a realidade dual no qual está inserido o Candeal Pequeno, visto existir na unidade que caracteriza o lugar, a diversidade, advinda da necessidade organizacional que incidindo técnica, informação e ciência, com o processo, configura um território.

2.2 O CONCEITO DE TERRITÓRIO USADO: UMA VISÃO MILTONIANA

Segundo o professor Milton Santos (*apud* RIBEIRO, 2002), “*a cultura tem que vir com o território, com o povo, com a história se fazendo*” (*op.cit*, p.63). E como o território é uma fração do espaço, para garantir o entendimento deste processo, o professor esclarece ao sociólogo José de Paula Assis (2004) que, quando parou de seguir modelos, chegou à idéia do

¹⁷ Para Milton Santos, epistemologia é filosofia menor. Nas palavras do mestre, “*quando eu falo epistemologia, é mais aquela filosofia espontânea dos sábios, de Althusser. O sábio está uma posição acima do pesquisador e do cientista e acaba tendo uma abrangência que é também filosofia, só que com uma particularidade do mundo ou da sociedade, não é filosofia, é filosofia menor*” (*apud* Assis e Spósito, 2004 p.36).

espaço como resultado de uma relação indissociável entre sistemas e objetos, casando duas coisas, ação e materialidade. Ainda segundo a transcrição (ASSIS & SPÓSITO, 2004), o professor complementa, “[...] depois, continuei a trabalhar até propor que o que realmente entra na dialética social não é o espaço tal como definido antes, como materialidade, mas o espaço vivido, usado pelos homens [...] mas para isso, tive de propor uma série de categorias de análise, buscando bases na filosofia e em outras disciplinas que atendiam a essa vontade da produção de um sistema de postulações ou de conceitos” (ibidem, p.25-26) E entre as últimas contribuições do geógrafo está o conceito de *território*, acrescido do adjetivo *usado*, que agregado induz a análise a uma dimensão do espaço vivido (SANTOS, 2001). Isto porque, define o autor, “o território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de coisas criadas pelo homem. O território é o chão [...]” (2003, p.96).

E todo o esforço de fundamentação da teoria e suas categorias de análise advêm da dinâmica global sobre os lugares que, paradoxalmente, gera “o mundo como fábula, como perversidade e como possibilidade”¹⁸, dificultando a definição de instrumentos teórico-metodológicos que possibilitem ler as transformações da sociedade além do conjunto visível. E, sobretudo, ler as transformações de acordo com a realidade da história de cada um dos espaços geográficos como resultado de uma *causa* e um *contexto* (SANTOS, 2004). E alcançar o invisível exige romper com a leitura pragmática do território para além dos limites cartográficos e dados estatísticos permitindo apreender a essência que mobiliza a produção nesta fração do espaço geográfico. Ações impregnadas de subjetividade, que presentes no território, respondem pela articulação entre o ser e o fazer, ou, como classificado por Santos, entre a psicoesfera e a tecnoesfera (SANTOS, 1996).

Na primeira se encontra “o reino das idéias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido, também faz parte desse meio ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário” (ibidem, p.204). E, na segunda, a tecnoesfera, se encontra o mundo dos objetos que se adaptam aos “mandamentos da produção e do intercâmbio e, desse modo, freqüentemente traduz interesses distantes; desde, porém, que se instala, substituindo o meio natural ou o meio técnico que a precedeu, constitui um dado local, aderindo ao lugar como uma prótese (op.cit. p.204).

¹⁸ Título do primeiro capítulo da obra citada, *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, do professor Milton Santos.

Enquanto conceito, o *território usado* permite a criação de um amálgama que agrega além da materialização de um conjunto de objetos, também um conjunto de elementos simbólicos que dão a este a noção de *territorialidade*. Terminologia que deve ser entendida, segundo o mesmo autor, como sinônimo de *pertencer àquilo que nos pertence*

[...] esse sentimento de exclusividade e limite ultrapassa a raça humana e prescinde da existência de Estado. Assim, essa idéia de territorialidade se estende aos próprios animais, como sinônimo de área de vivência e de reprodução. Mas a territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que, entre os seres vivos, é privilégio do homem. (SANTOS, 2001. p.19).

Esta preocupação em associar ao conceito de territorialidade a *construção do futuro* remete à obra publicada, em 1987, *O Espaço do Cidadão* (2000) na qual o autor vislumbra na cultura atribuída da idéia de valor e não de recurso, a possibilidade de mudança social. Um modelo que fundamentado no princípio da democracia popular vê emergir, a partir da superação da *práxis* repetitiva, uma *práxis* liberadora¹⁹. Segundo o professor, residente no âmbito dos espaços banais como um motor adormecido que, quando despertado, promoverá a transformação social contrapondo o processo veloz, avassalador e desigual que, hoje, impera no mundo do *globalitarismo*. Termo síntese da amálgama que une ciência e mercado em um círculo vicioso onde as idéias transformadas em ideologias, por sua vez, legitimam as ações que se impõem como soluções únicas tornando a ciência, segundo Santos, cada vez mais redutora e distante da busca da “verdade” (SANTOS, 2003. *op.cit.* p.53).

Para colocar em prática a *práxis* liberadora (enquanto resultado de um processo e não de um ímpeto, por isso talvez, o autor não empregue o termo: libertadora), Santos propõe, despertar o motor adormecido, e como combustão, substituir a base política das técnicas, em geral, globais, pela política de valorização e preservação das raízes culturais levando em conta a riqueza do patrimônio de cada lugar. Entendido como resultado da “*soma das influências acumuladas, provenientes do passado, e dos resultados daquelas que mantêm maior relação com as forças do presente*” (SANTOS, 2000, p.86) que associado à capacidade de comunicação dos indivíduos, responderiam pela utopia possível. Nas palavras do mestre,

Assim como cidadania e cultura formam um par integrado de significações, assim também cultura e territorialidade são, de certo modo, sinônimos. A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o

¹⁹ Citando Henry Lefévre (1958, p.240), Santos, valorizando a *práxis* liberadora, vê um novo modelo cívico, fundamentado em um cotidiano de desalienação.

homem e o seu meio, um resultado obtido através do próprio processo de viver. Incluindo os processos produtivos e as práticas sociais, a cultura é o que nos dá consciência de pertencer a um grupo, do qual é o cimento (*ibidem*, p.61).

E propõe como método, para investigar esta dinâmica, periodizar os eventos ocorridos no mundo, na história, e no espaço geográfico, permitindo identificar além das formas materializadas também as ações sociais. Estas, mediadas pelas relações de produção, possibilitam compreender a fusão entre o estado líquido da massa - *a essência, o espaço vivido, a crença, a emoção* - ao sólido do cimento - *a existência, a materialidade da ação, os objetos no espaço construído*. No entanto, como condição, deve-se levar em conta o histórico do lugar em escala local e global. Isto porque a incidência dos eventos, sendo perversa e ambígua, pode criar territorialidades, como seu contrário, a desterritorialização, e, por conseguinte, os “*processos de desculturização*” (*ibidem*, p.62).

2.3 O MEIO-TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL

Com base na epistemologia da existência, para compreender a territorialidade enquanto sinônimo de cultura, e desterritorialização, enquanto desculturização, é incondicional a análise dos modos de produção com base na informação e na nova divisão social e territorial do trabalho, enquanto variáveis que, acompanhando a expansão da globalização, tendem a facilitar e favorecer a fluidez no território, tornando as trocas desiguais.

Entretanto, se antes, os modos de produção pautavam-se em *valores de uso*, produzidos com base na troca entre o homem e o seu meio, conceituada por Santos (2000) como a prática da *solidariedade orgânica*²⁰, com o avanço das técnicas, da ciência e da informação, estas trocas passam a acontecer por meio de organizações que, institucionalizadas, administram a produção com base em *valores de troca*. Procedimento que sobrepõe à solidariedade orgânica a chamada *solidariedade funcional organizacional* (SANTOS, 2000).

No entanto, nem sempre a sobreposição da solidariedade funcional organizacional sobre a solidariedade orgânica se dá sem ônus. Nas palavras do autor,

²⁰ Conceito formulado com base nas contribuições da chamada morfologia social, proposta pelos sociólogos Émile Durkheim e Marcel Mauss.

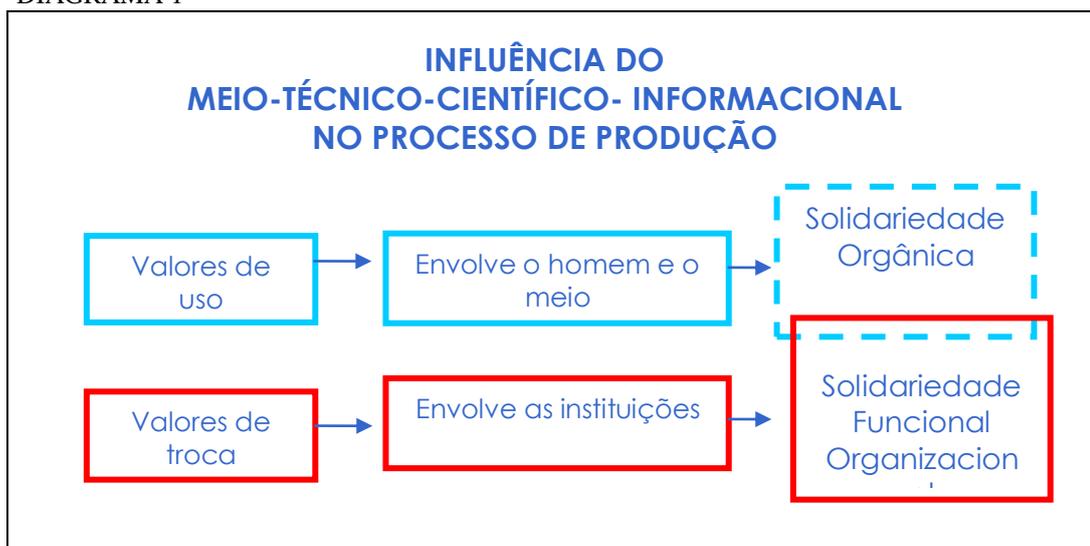
Deixamos, então, uma situação, em que a consciência se criava a partir das trocas orgânicas diretas entre o homem e a natureza, para enfrentar uma nova situação, onde dados externos ao orgânico se impõem, na medida em que a solidariedade orgânica, antes vigente, é tornada impossível. Passamos do regime orgânico ao império do organizacional [...] Muitas das coisas que somos levados a fazer dentro de uma região são suscitadas por demandas externas e governadas por fatores cuja sede é longínqua (*ibidem*, p.62).

A necessidade de homogeneização global dos lugares, ao introduzir modelos organizacionais, rouba dos *territórios do acontecer solidário* (SANTOS, 2001) sua heterogeneidade (*ibidem*. p.301). Via solidariedade funcional organizacional cria, pela lógica global, extensões territoriais programadas, mostrando *a cara geográfica da globalização* ou o *meio-técnico-científico-informacional* (SANTOS, 1996). Práxis responsável pela produção de espaços descontínuos e desiguais, assim definidos, pela forma relacional como atuam privilegiando áreas onde as potencialidades ainda permitam

[...] um uso considerado produtivo pelos atores econômicos, sociais, culturais e políticos dotados de racionalidade [...] o que estamos chamando de racionalidade do espaço vem, em última instância, das ações que sobre ele se realizam; mas tal possibilidade somente se perfaz quando o próprio território oferece as condições necessárias [...] Em outras palavras, tal racionalidade representa sempre uma drenagem de recursos sociais para a esfera do setor privado (*op.cit.* 2001, p.306).

E compreender a partir da nova lógica global, o *meio-técnico-científico-informacional*, como os recursos do território são apropriados e drenados, requer ultrapassar o entendimento superficial que distingue a *solidariedade orgânica* da *solidariedade funcional organizacional* (vide diagrama 1) buscando compreender o processo responsável pela sobreposição da segunda sobre a primeira, e como consequência, os pressupostos que levam as organizações locais, a esta atitude permissiva.

DIAGRAMA 1



Elaboradora por: Selma Batista

Fundamentado em: O Espaço do Cidadão, (SANTOS, 2000)

2.4 VERTICALIDADES E HORIZONTALIDADES

Para a leitura da sobreposição da solidariedade funcional organizacional sobre a solidariedade orgânica, em sua vasta obra, o professor Milton Santos aponta como elementos auxiliares para análise o emprego das categorias verticalidades e horizontalidades. A primeira, caracterizada por um tipo de solidariedade organizacional (agregando valor), define-se como um conjunto de pontos formando um espaço de fluxos sem contigüidade espacial (redes) no território onde atuam os macroatores que, “*de fora da área determinam as modalidades internas de ação*”(SANTOS, 2003, p.106). Com base nos recursos disponíveis, a estes cabe a implantação organizacional do trabalho e a instauração da política reguladora na estrutura social.

Pelo conjunto de práticas que vêm embutidas no eixo das verticalidades, estas ao adentrarem em contato com as relações cotidianas estabelecidas no plano das horizontalidades causam, em geral, entre os moradores radicados certo estranhamento acompanhado de uma sensação de ambigüidade. Isto porque nas horizontalidades, o processo de produção se dá entre o homem e seu meio, estando a essência da comunicação pautada no âmbito do *espaço banal*²¹. Segundo Santos, um espaço que deve ser entendido como “*o espaço de todos: empresas, instituições, pessoas; o espaço das vivências*” (*op.cit*, p.108), cujas relações sociais, até então,

²¹ Conceito apropriado de François Perroux (1961), ao se referir à existência de um “espaço banal”, em oposição a um espaço econômico.

estabelecidas no limite de uma escala de menor alcance, mantinha-se sem necessidade de uma política reguladora. Mas, com a incidência da solidariedade funcional organizacional sobre a orgânica, e, com o conseqüente interesse de se estabelecer, com este modelo, novas relações de poder, torna-se vigente a instauração de um modelo político objetivando, com aval dos moradores, por meio de uma estrutura hierárquica aceitável, implementar modos legais para a concretização externa das ações.

2.5 CAUSA E CONTEXTO

Segundo Santos (2004), compreender como se engendra na dimensão socioespacial o meio-técnico-científico-informacional, requer dos geógrafos um desafio que é superar o entendimento superficial da noção de causa e efeito. Pois este modelo, deixando escapar o processo, não permite articular os fatos do momento presente com o passado e o futuro. E para não incorrer no equívoco, o autor propõe substituir a noção de **efeito** por **contexto**, pois este, junto à noção de **causa**, ultrapassando a aparência, encontra na essência das formas – infra-estrutura e meio natural – (SANTOS, 1985) a carga ideológica que atribui ao espaço, que é também um território usado, sobretudo, por aqueles que nele habitam e dele tiram seu sustento, “*um valor, como mercadoria*” (*op.cit.*, p.264).

E como das “*relações entre um homem e outro homem fora do conhecimento das relações entre o homem e a natureza*” não se quantifica (Ferkiss Victor, 1974 p. 102 *apud* SANTOS, 2004, p. 267), Santos propõem superar o empírico e a lógica da racionalidade ultrapassando o obstáculo que divide o espaço geográfico de um lado como o espaço do homem e de toda a gente, e do outro, o espaço do capital e de alguns.

Procedimento necessário para compreensão do espaço geográfico no contexto das atuais políticas neoliberais (ANDERSON, 1995) que, nos últimos vinte anos, com a proliferação de instituições sociais e organismos multilaterais, adotando modelos padronizados atuam em escala planetária com foco na “*equidade social*” por meio de um plano de desenvolvimento “*local integrado e sustentável*”, mas que, em alguns casos, vem se apresentando como um pseudodesenvolvimento (SOUZA, 2003) por basearem suas análises em interesses locais ou extra-locais.

No entanto, com base no objeto de estudo e na reflexão dos modelos de gestão organizacionais, pautados em diagnósticos, cenários, metas, cronogramas, recursos,

indicadores, entre outras variáveis, pôde-se observar que apesar da efetiva mobilização social dos moradores do Candeal Pequeno, dado momento, por falta de conhecimento administrativo e técnico, inevitavelmente, esta mobilização assume apenas a função de elo de comunicação entre a organização e a comunidade. Não que percam o “poder de decisão”, mas, dependendo da etapa em desenvolvimento do projeto, está tende a oscilar, ora relevante, ora, de certa forma, insignificante. Situação difícil de ser avaliada qualitativamente, pois o número de participantes em assembléias e reuniões comunitárias, não são capazes de mensurar o efetivo grau de participação de cada um no processo da tomada de decisões. Embora, seja por meio destes encontros que a gestão participativa legitime suas ações. Como discutido em sub-itens anteriores, está é condição *sine qua non*, para o efetivo sucesso de um projeto social, que se pretende participativo. Mas devido à dinâmica da prática organizacional, muitas vezes, a participação comunitária acaba por assumir uma conotação de permissividade.

Considerando a discussão de Santos (2003) e, adiante, de Souza (2003), o emprego do termo permissivo em detrimento ao uso, por exemplo, de aceitação, aprovação ou, outro, deve-se, sobretudo, a dificuldade de colocar sobre os mesmos ponteiros, o tempo das ações geridas pelos agentes externos, com o tempo necessário para que os moradores apreendam o factual. E é considerando este descompasso temporal que projetos classificados como participativos, vêm sendo questionados no âmbito de várias ciências sociais. E, segundo se pode observar em trabalho de campo, por mais que moradores e líderes comunitários se empenhem, nem sempre conseguem apreender a dimensão dos fatos e os interesses que, rapidamente, norteiam as ações no território. E muitas vezes temerosos de sofrerem a perda do benefício, através das organizações que os auxiliam²², tornam facilmente permissivas as ações sobre o lugar.

Buscando compreender está prática, adiante, no sub-item 4.4, associou-se às categorias norteadoras de Milton Santos a contribuição de Souza (2003), com o modelo de escala de avaliação de participação popular em projetos de intervenções urbanos (*op.cit.* p.207). Com este conjunto teórico, se encontram ferramentas para qualificar as diferentes hierarquias, obrigatoriamente, estabelecidas com a implementação do projeto social no Candeal Pequeno, identificando, no contexto, a incidência da idéia e o fato da política (SANTOS, 2001). Juntas,

²² Para saber mais sobre o papel da ONG's ver FERNANDES (1995) e LANDIM(1994)

responsáveis por situações de ordem e alienação, respectivamente, entre os agentes hegemônicos e os protagonistas sociais. Mas, paradoxalmente, no conjunto elas não se tornam evidentes porque,

A sobrevivência do conjunto, não importa que os diversos agentes tenham interesses diferentes, depende desse exercício da solidariedade, indispensável ao trabalho e que gera a visibilidade do interesse comum. (*ibidem.* 2003, p.110).

Definido o referencial teórico e os instrumentos de análise. Seguiu-se com a investigação buscando compreender o fenômeno que com a prática das organizações sociais, respondem pela atual configuração socioespacial do Candeal Pequeno. Como, segundo Santos (1996), cada lugar é único e tem um tempo histórico específico, o maior esforço da teoria consistiu em empirizar o tempo e o espaço buscando, nos interstícios dos eventos – ou períodos históricos - , dados que possibilitassem identificar objetos naturais e produzidos que o tempo poderia ter aniquilado ou concedido novas funções. Cuidado imprescindível para a análise da área em estudo, cuja análise temporal no início, aponta um cenário, abundantemente, rico em recursos naturais e culturais, mas, que, em menos de três décadas, vivencia o aniquilamento da mata, e em seguida, entre os moradores, a falta de recursos naturais para subsistência, para um habitar digno e para o lazer (FIGURA 4).

FIGURA 4



Paradoxo social da dinâmica e dos planejamentos urbanos que ao criarem novas feições para a cidade, condenam núcleos consolidados à “favelização” ao invés de promovê-los à condição de um lugar referência na história da cidade. Análise que torna emblemático o fenômeno ocorrido no Candeal Pequeno, levando em conta que a cultura, neste contexto, mais do que um elemento capaz de agregar valor tornou-se, com o processo, um elemento de transformação social, possibilitando ampliar o limite territorial da localidade, não como uma área segregada concentradora de uma população de baixa renda, comprometida socialmente. Mas sim, como um lugar referência mundial em mobilização social e cultural, com conquista cidadã. Elementos responsáveis pelo histórico da localidade frente ao crescimento urbano, desordenado, da cidade de Salvador.

Logo, ainda que a cidade, para atender as novas feições gire em torno da era do *meio técnico-científico-informacional*, há nela fragmentados de espaços remanescentes que exigem, enquanto “testemunhos urbanos”, uma análise conceitual que permita compreender na dimensão espaço temporal as relações estabelecidas entre o lugar com seu limite, seu entorno, sua cidade, seu estado, sua região, seu país, e seu mundo. Lugares que apesar de abrigarem contingente de pessoas situadas no limiar ou abaixo do nível da pobreza, concentram potencialmente uma população que fundamentada no *bom senso* cotidiano vêm produzindo conhecimento e tecnologia social. Práticas que ao promover o pensamento único, a tomada da consciência coletiva e a valorização do conceito de cidadania, no processo, tendem a garantir uma nova era, um novo período histórico, por Milton Santos anunciado:

Esse mundo novo anunciado não será uma construção de cima para baixo, como a que estamos hoje assistindo e deplorando, mas uma edificação cuja trajetória vai se dar de baixo para cima. [...] e que [...] deverão permitir a implantação de um novo modelo econômico, social e político que, a partir de uma nova distribuição dos bens e serviços, conduza à realização de uma vida coletiva e solidária e, passando da escala do lugar à escala do planeta, assegure uma reforma do mundo, por intermédio de outra maneira de realizar a globalização (*op.cit*, 2003, p.170).

Acreditando na capacidade dos geógrafos de identificar no espaço geográfico recursos sociais, o professor Milton Santos deixou de herança a *epistemologia da existência*. Cabe agora, neste estudo, sob a perspectiva do *território usado*, aplicá-la de modo a assegurar uma leitura verossímil do Candeal Pequeno em sua dinâmica socioespacial.

2.6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com base no referencial teórico, o trabalho empírico atribui maior crédito à observação participativa, através da convivência do pesquisador em campo. Por um período, entre o segundo semestre de 2002 e o primeiro trimestre de 2003, atuando como geógrafo, com contrato temporário assinado com a Associação Pracatum Ação Social - APAS. E, noutro, apenas, na condição de pesquisador, o que permitiu a emoção se sobrepor à racionalidade organizacional, enxergando o território em sua totalidade, segundo Gottmann (1975) como *recurso e abrigo*, (apud SANTOS, 2003)²³.

Entendendo, a partir das categorias de análise adotadas, ser a APAS uma instituição criada no eixo das horizontalidades, mas que, para implementar as ações, abre-se, enquanto organização social institucionalizada ao eixo das verticalidades de onde advêm técnicas, conhecimento e informação. Na condição de prestador de serviço desta organização, foi possível, a partir da experiência, compreender o ponto de vista dos técnicos envolvidos e das constantes dificuldades que enfrentam quando nem sempre as demandas das verticalidades e horizontalidades convergem a um ponto favorável entre presidência, parcerias, lideranças comunitárias e moradores. Como técnico, foi possível também medir até que ponto um profissional pode e deve se envolver com os moradores da área onde atua, identificando os limites impostos entre a razão e a emoção.

Assim, privilegiando o ponto de vista dos protagonistas que fazem a história do lugar, agregou-se à análise obtida, ao longo do intenso período de convivência, dados qualitativos e quantitativos, levantados em forma de questionário, entrevistas e amostragem. Com as organizações sociais institucionalizadas e atuantes, se aplicou questionário com os presidentes das Associações de Moradores Defesa e Progresso – AMDP, Fonte do Governo – AMFG, e Nove de Outubro – AMNO. Com o mesmo conteúdo, o questionário foi também aplicado junto à coordenadora pedagógica da Escola Profissionalizante de Música Pracatum. Duas entrevistas formais foram realizadas: uma com a coordenadora da Congregação Irmãs Ancilas, e outra, com o diretor geral da Associação Lactomia Ação Social.

²³ Santos (2003), ao tratar o conceito de território, com base na categoria verticalidades, referencia a idéia de Jean Gottmann, 1975, “The evolution of the concept of territory”, *Information sur les Sciences Sociales*, para quem o território pode ser visto como um recurso, justamente a partir do uso pragmático que o equipamento modernizado de pontos escolhidos assegura (*op.cit.* p.108).

Junto aos conjuntos habitacionais, no universo de 102 unidades habitacionais, 82 questionários foram aplicados com os chefes de família. Como amostragem, aplicou-se questionário com oito meninos, escolhidos dois em cada conjunto habitacional, com idade entre 10 e 12 anos, visando obter, exclusivamente, o poder nutricional da alimentação diária ingerida.

Para contemplar dados técnicos dos Programas Escola de Música Pracatum e Tá Rebocado, recorreu-se ao Documento Referência da APAS (2001) e, para complementar dados pertinentes às intervenções urbanas e habitacionais, realizou-se uma entrevista com a técnica da CONDER, responsável pelo Programa de Melhorias Viver Melhor, que, ao fornecer um arquivo digital com informações pertinentes ao *Programa de Melhorias Urbanas e Habitacionais Viver Melhor – Candéal Pequeno*, possibilitou acesso a informações adicionais, garantindo resgate diacrônico das intervenções na localidade. Estas, agregadas a referência técnica, obtida na bibliografia Estudo de Caso: Tá Rebocado, organizado no ano de 2003 pelo Instituto Brasileiro de Administração Pública - IBAM, permitiram o fechamento das investigações relacionadas às intervenções urbanas e habitacionais, geridas pela APAS.

Pertinente ao histórico de desenvolvimento urbano na cidade de Salvador, recorreu-se a fontes documental e cartográfica e a imagens aéreas da localidade e seu entorno, junto à Prefeitura Municipal de Salvador, na biblioteca da Fundação Mario Leal Filho, e aos Arquivos Cartográficos da Companhia de Desenvolvimento Urbano - CONDER. Devido à sobreposição de Zonas de Informações na área de estudo, os dados obtidos junto ao IBGE não tiveram utilidade estatística. No entanto, serviram como reflexão, no sentido de alertar que, sem conhecimento *in loco* do objeto de investigação, os dados podem mascarar a realidade.

Devido a esta dificuldade, não foi possível, oficialmente, precisar dados socioeconômicos da localidade, estando as estimativas alicerçadas no levantamento de dados realizado com os questionários aplicados, em trabalho de campo, nos conjuntos habitacionais, acrescidos da análise estatística fornecida pela Secretaria Municipal de Saúde - SMS com base nas áreas atendidas pelo Programa Saúde da Família - PSF, sob coordenação da unidade do Posto de Saúde do Candéal, situada na rua 18 de Agosto. No entanto, os dados da SMS também não mostram a realidade, pois determinam, em cada uma das áreas atendidas, por dez agentes comunitários de saúde, um limite de 150 famílias cadastradas, não havendo controle dos excluídos do PSF.

Por configurar-se como uma área dinâmica no contexto sociocultural, nos meses de janeiro e fevereiro de 2003, foram realizadas, no Candeal Pequeno, três observações participativas, durante os ensaios da Banda Timbalada. E, em agosto de 2004, durante show na cidade de João Pessoa, dois vocalistas da Banda foram entrevistados. Posteriormente, consultas à mídia impressa e informações obtidas em *sites* oficiais agregaram ao trabalho de campo grande contribuição, quando se associou às informações o histórico das transformações culturais ocorridas no contexto da indústria da música na Bahia. Para contemplar a análise cultural, via internet, uma entrevista realizada com a cantora Daúde, ex-moradora do Candeal Pequeno, atualmente residente na cidade do Rio de Janeiro, garantiu através do olhar de quem acompanha o desenvolvimento da localidade por meio da mídia ou dos comentários do pai, ainda morador no bairro, um retorno ao final dos anos 1960 e 1970, fazendo lembrar tempos de infância, com uma sinceridade de sentimento e de valorização das raízes culturais do lugar na época.

Ao longo do período de convivência do pesquisador em sua área de estudo, ocorreram alguns encontros em áreas públicas ou eventos coletivos com o presidente da APAS, o músico Carlinhos Brown. Encontros ricos, em informações e apontamentos, que tornou irrelevante a necessidade de uma entrevista formal.

Com estas práticas de investigação, buscou-se resgatar na totalidade do Candeal Pequeno, além da superposição dos eventos na materialidade do espaço concreto, também a flexibilidade das ações na contigüidade espacial, que juntas respondem pela atual configuração socioespacial do lugar. Totalidade obtida, segundo Santos (1996), apenas, após a análise sistemática do território enquanto lócus de incidência do meio-técnico-científico-informacional, que, por sua vez, para atuar, estabelece relações sociais produzindo o sistema das técnicas, através da qual o homem, pela força do trabalho, materializa o espaço.

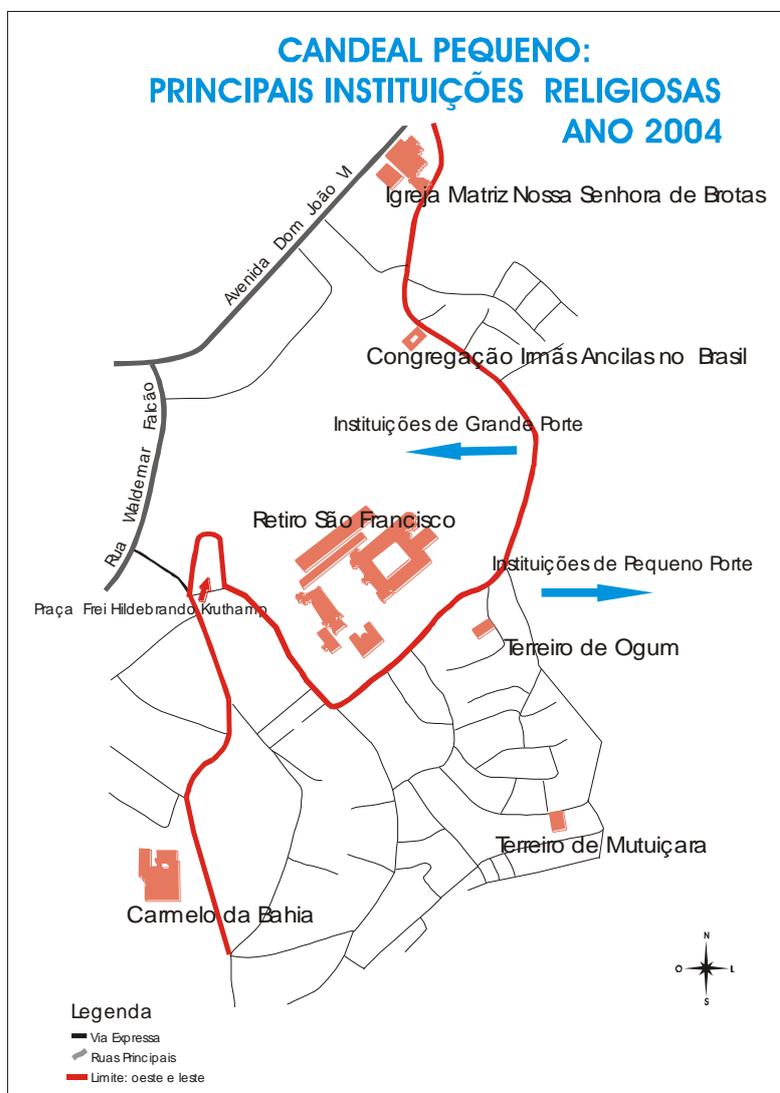
Assim, a análise do conjunto dos sistemas naturais herdados, associados ao sistema de técnicas empreendidas, garantiu a reconstituição socioespacial do objeto de estudo em questão.

3 - OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

3.1 O CANDEAL PEQUENO

Foi com o dinheiro da indenização pago pelo poder público pelas terras cultivadas no bairro da Barra, que, em 1949, seu Bernardo, paulista, e dona Hermínia, portuguesa, adquiriram de seu Manoel da Paixão Andrade lotes de terra produtiva no fundo de vale do Candéal Pequeno. E, hoje, para uma das filhas do casal, Cristiane Pereira de Jesus, 38 anos, o Candéal Pequeno é único, por sua produção cultural, sua mobilização social e, curiosamente, único, no que diz

FIGURA 5



Fonte: Base Cartográfica - SICAR - 1992 - PMS / Extraída do CD LOUJOS versão 2001 - FMLF
 Escala 1: 5800
 Autor: Selma Batista

respeito à proteção religiosa. Isto porque, tanto a leste como oeste, os limites da localidade são protegidos por importantes instituições religiosas como a Igreja Matriz Nossa Senhora de Brotas, patrimônio histórico, datado do século XVIII, hoje, tombado; a Congregação Irmãs Ancilas, construída em 1981; o Carmelo da Bahia, edificado em 1961; o Terreiro de Ogum, patrimônio cultural, e o Terreiro Mutiaçara, de Mãe Maiamba (vide FIGURA 5). Instituições que concedem ao lugar a aura mística e perceptível que vitaliza e protege seus moradores.

Deduz-se, que as instituições de grande porte,

provavelmente, tenham se instalado nesta área pelas condições do ambiente físico rico pela exuberância da Mata Atlântica, bem, como pelo perfil socioeconômico da localidade que, desde o século XIX, abrigava nos grandes casarões a nobreza da cidade de Salvador. Hoje, as

nobres edificações transformadas em comércio de varejo atendem a demanda do bairro de Brotas, densamente ocupado por uma diversidade de classes. Sendo que com a elevada densidade populacional, a classe de menor poder aquisitivo, passou a ocupar as áreas ao longo das encostas da avenida Dom João VI, imprimindo com o déficit habitacional e urbano uma paisagem de contrastes.

Quanto ao Candeal Pequeno, sob a perspectiva do olhar urbano, com base em Alves (1995), a contribuição de Gordilho (2000) aponta que a localidade teria surgido nos “*anos 30/40, como um núcleo de poucas famílias de origem afro-baiana, nos perímetros de expansão da cidade antiga*” (*ibidem*, p.362). No entanto, de acordo com os manuscritos de D.Hilda, os dados registram como marco de fundação o ano de 1781.

Josefa de Sant’Anna nascida em 1769 na Costa da África (mulata da costa) veio para o Brasil com 12 anos de idade a 1781 Salvador Bahia nunca foi escrava veio em busca de uma parenta que viera em condição escrava. Trouxe ouro, prata, lagdibá²⁴ coral, dinheiro etc. Casou-se com Manuel Mendes comprando esta roça Candeal Pequeno onde tiveram filhos: Maria Mendes, Isabel Mendes, Antonio Mendes da Silva...O qual casou-se com Tumazia Francisca de Jesus que tiveram 5 filhos Celestina Mendes, Maria Irene Anunciação Mendes, Francisca Romana Mendes, André Cursino de Sant’Anna Mendes, Evaristo Mendes. Quando Antonio Mendes da Silva faleceu 1873 a sua filha Celestina estava com 26 anos de idade já era casada.(originalmente transcrito com base em manuscritos de D.Hilda de Sant’Anna Quirino, 84 anos – pertencente à 4ª geração).

Em campo, na tentativa de validar 1781, como ano marco de fundação do Candeal Pequeno, baseado no manuscrito de D. Hilda, nas dissertações de ALVES(1995) e GADÊLHA(2004), e, nas experiências apreendidas em trabalho de campo, arriscou-se a partir do grau de parentesco e datas de nascimento e morte, traçar uma árvore genealógica de duas famílias pertencentes à linhagem dos Sant’Anna e Mendes com a intenção de chegar a uma possível confirmação da data divulgada. Para esta tarefa, contou-se com a colaboração da família de Arinalva Arcanjo e de seu Raimundo Quirino, que na condição de filho de Dona Didi, é também um dos sábios contadores da história do lugar.

Como ponto de partida, a partir de uma citação de Dona Didi, (GADELHA, 2004), identifica-se que a formação de núcleos familiares começou quando Josepha de Sant’Anna casou-se na Igreja Matriz Nossa Senhora de Brotas com o mulato Manoel Mendes. Desta união, tiveram

²⁴ O termo foi transcrito do manuscrito redigido por D.Didi, e, possivelmente, significa “pedra preciosa”.

Maria Mendes, Isabel Mendes e Antonio Mendes da Silva. Antonio casou com Maria Tumazia,

[...] filha de uma das famílias mais ricas de Salvador, que comercializava peixes na Gamboa [...].Eles tiveram cinco filhos, dentre eles Francisca Romana, a Chica. Ela teve um casamento arranjado aos 16 anos com um mulato chamado Ramiro de 45 anos. Depois de sua morte, Dona Chica casou-se de novo, com o Nicolau, acaboclado neto de índios ²⁵ (GADÊLHA, 2004, p.24-25).

Das duas uniões, Francisca Romana concebeu cinco filhos: Tolentina, Joana, Manoel, Vitor, Corina. Destes cinco pertencentes à 3ª geração, se escolheu Joana e Tolentina para traçar a linhagem de um de seus filhos até os dias atuais e identificou-se que: Joana teve duas filhas, uma adotiva, Regina, e outra, Laura. Laura, pertencente à 4º geração, teve 12 filhos, dentre os quais Pedro. Pedro, pertencente à 5ª geração, teve Graciela que, junto a centenas de primos espalhados pelo Candeal Pequeno, compõe a 6ª geração. Em 2004, Graciela aos 27 anos, teve Pedro Gabriel. Pelo que consta, Pedro Gabriel, junto a outros, pertencentes à 7ª geração, é no Candeal Pequeno, o mais novo membro da família Sant'Anna e Mendes.

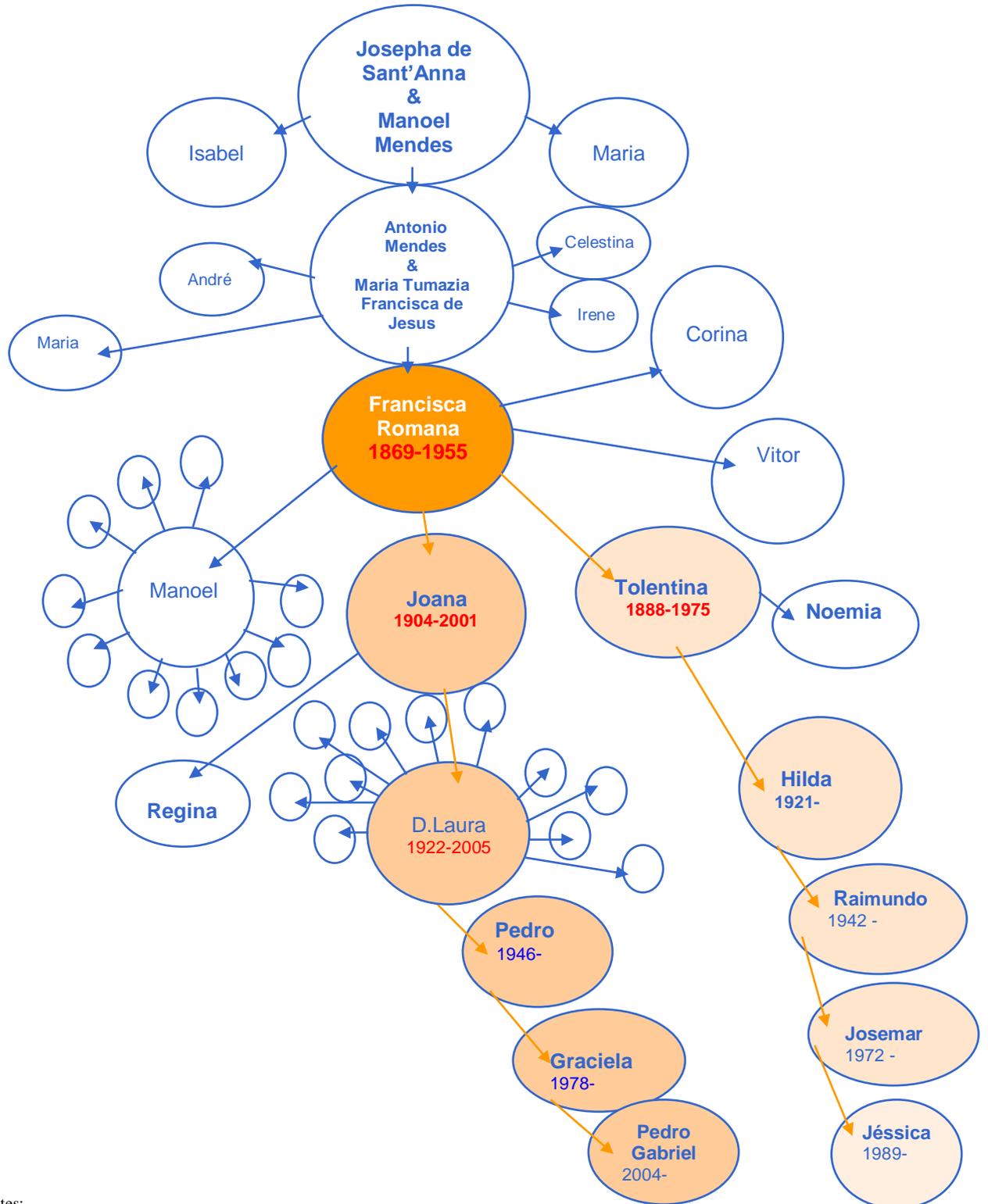
O traçado da linhagem de Tolentina, também segue o mesmo percurso. Tolentina teve duas filhas, Noemia e Hilda – Didi. Didi teve Raimundo, que teve Josemar, que teve Jéssica, e que pertence a 7ª geração (vide QUADRO 1).

Assim, seguindo as datas de nascimento e morte, e a idade, de alguns, confirmada, e de outros estimada, em que cada genitor teve seu filho, tirou-se a mediana chegando-se à seguinte conclusão: se cada genitor gerou um membro, da geração seguinte, com idade em torno de 35 anos, considera-se provável a data de 1781, como o ano de fundação do lugar. No entanto, este é apenas um ponto de partida para uma investigação documental necessária para tornar o dado oficial.

²⁵ Citação extraída da Dissertação de Marcelo Gadelha em Administração da UFBA *Organizações Brown: Identidade Cultural e Liderança em um complexo de organizações baianas* (2004 p.24-25).

QUADRO 1

ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA DE Sant'Anna & Mendes



Fontes:
 1) Manuscritos de Dona Hilda Sant'Anna Quirino - Dona Didi,
 2) Dados obtidos junto às famílias de Arinalva Arcanjo e Raimundo Quirino
 Autor: Selma Batista

Em campo, através do convívio com as diferentes gerações, foi possível constatar que Pedro Gabriel, ao nascer, encontra no Candéal Pequeno uma realidade diferente da vivida pelas gerações que o antecederam, visto o lugar, inserido no perímetro cartográfico da cidade que foi, até o ano de 1763, a primeira capital do Brasil, ter tido suas ruas identificadas de acordo com o padrão de ordenamento territorial da cidade, com nomes e números seqüenciais, apenas, a partir do ano de 1999.

Anterior a este período, as correspondências chegavam a partir de um referencial dado. Como, por exemplo, Candéal Grande, rua Alameda Bons Ares, número 05; ou Candéal Pequeno, Largo do Tamarineiro, número 10; ou Candéal Grande, Carmelo da Bahia, número 15. E esta é uma das justificativas para a diferenciação dos nomes Candéal Grande e Candéal Pequeno. Para moradores nascidos na década de 1950, Candéal Grande, até pouco mais de uma década, quando dito, referenciava áreas ao redor do Candéal Pequeno, tomadas pela mata fechada. Floresta, como se referiam alguns à densa mata, cheia de animais silvestres, como jacaré, mico leão dourado, cobra, iguana, entre outros que, desesperados com a devastação da mata, para o empreendimento do loteamento Cidade Jardim, fugiam encosta acima, indo parar nas residências, assustando os moradores do Candéal Pequeno²⁶.

E é este lugar, segundo descrição da árvore genealógica, fundado no século XVIII, que se irá resgatar, a partir da década de 1970 do século XX, no tempo e no espaço, no sub-item a seguir.

²⁶ Comentários de Arinalva Arcanjo - ano/2003.

3.2 PROCESSO DE OCUPAÇÃO EM QUATRO TEMPOS

Seja qual for o país e o estágio do seu desenvolvimento, há sempre nele uma configuração territorial formada pela constelação de recursos naturais, lagos, rios, planícies, montanhas e florestas e também de recursos criados: estradas de ferro, e de rodagem, condutos de toda ordem, barragens, açude, cidades, o que for. E esse conjunto de todas as coisas arranjadas em sistema que forma a configuração territorial cuja realidade e extensão se confundem com o próprio território de um país.

(SANTOS,1997,
p.75-76)

De acordo com Santos, ler a história de um lugar exige identificar, no atual território usado, os objetos que, materializados por meio de suas funções, criam um sistema. Identificados, em movimento cíclico, deve-se recuar na escala do tempo e espaço, resgatando fatos e eventos que, ocorridos com base nos recursos contidos no território, respondem pelo que se vê e vivencia, mas, apenas, compreende-se através das relações sociais. Exercício complexo que demanda criar uma geografia para a história e uma história para a geografia²⁷.

Assim, na dimensão socioespacial do Candéal Pequeno, na condição de objetos criados, responde pela dinâmica do atual território os conjuntos habitacionais, que representam no histórico do lugar um marco de resistência, permanência e conquista dos moradores. Resistência, porque todo o entorno do Candéal Pequeno, encravado em um fundo de vale, a partir da década de 1970, é tomado por condomínios e loteamentos destinados a uma população de média e alta renda per capita. Permanência, porque resistiram ao avanço do capital imobiliário, assistindo à construção ao redor da cidade formal responsável pela agressiva extinção da proteção natural do solo, colocando em risco as encostas e as fontes naturais de subsistência. E, em meio à perversidade do crescimento urbano, a conquista deve-se à mobilização dos moradores, que organizados criaram a Associação Pracatum Ação Social – APAS, que em parceria com o Governo do Estado, com recursos da Caixa Econômica Federal – CEF, implementaram na localidade o Programa Viver Melhor, via projeto de desenvolvimento urbano e melhorias habitacionais Tá Rebocado, gerido por técnicos da APAS. Ação que, desde 1999, impôs ao histórico do lugar um *antes* e um *depois*, representado pela consolidação dos conjuntos habitacionais, identificados como: Conjunto Habitacional Zé Botinha, Sapucaia, Jardim Candéal e Chácara Candéal. Projetos que pelo tipo

²⁷ Notas de aula - Teoria da Geografia – Prof.Drº Sylvio Bandeira, 2003.

de parceria estabelecida envolvendo os três setores da economia, renderam ao governo créditos, ao mercado lucro e aos moradores do Candeal Pequeno a rapidez na implementação de equipamentos públicos e melhorias urbanas e habitacionais. Aliança que junto à mídia garantiu visibilidade ao conjunto, tornando o projeto internacionalmente conhecido como modelo de intervenção popular.

Entretanto, para compreender na essência o *antes* e o *depois* das intervenções urbanas e habitacionais ocorridas no Candeal Pequeno, foi necessário, com base na mais recente imagem aérea, referente ao ano de 2002, definir poligonais em torno dos novos conjuntos habitacionais (FIGURA 6), permitindo através deste procedimento, criar critérios de análise (vide QUADRO 2) capazes de embasar a análise diacrônica²⁸, por conjunto habitacional, da dinâmica territorial ao longo das últimas décadas, conforme imagens aéreas apresentadas, anteriormente, na FIGURA 4, no capítulo 2, sub-item 2.5, referente aos anos pretéritos de 1992/1989/1976²⁹.

QUADRO 2

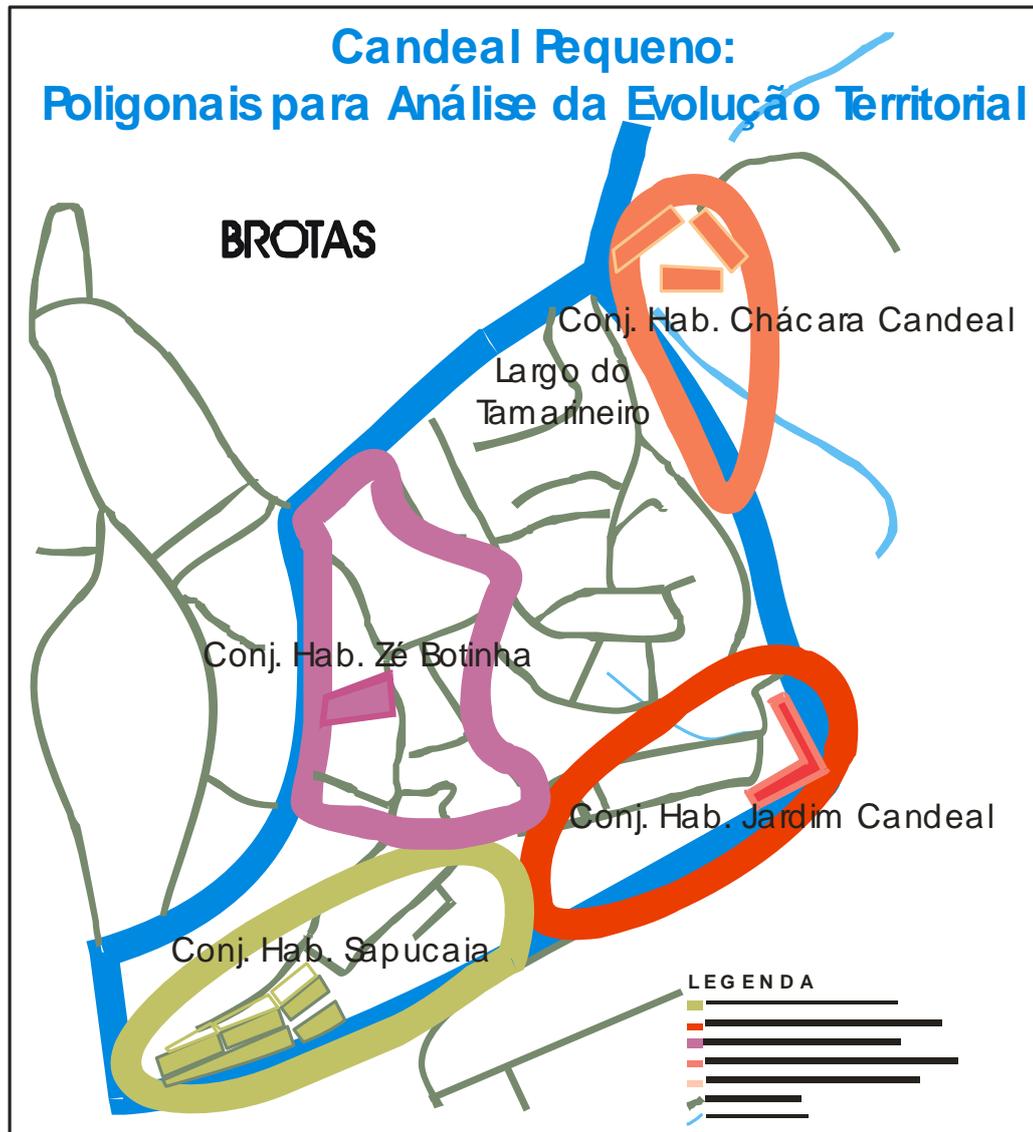
PROCESSO DE OCUPAÇÃO EM QUATRO TEMPOS: CONCEITOS UTILIZADOS PARA AS VARIÁVEIS DE ANÁLISE	
CONDIÇÕES DO AMBIENTE FÍSICO	
MATA FECHADA	Espaços de área verde adensada
MATA	Espaços de área verde não adensada
MATA INEXISTENTE	Espaços sem área verde ocupados, densamente, com edificações
PADRÃO DE MORADIA	
BOM	Edificações em alvenaria
RUIM	Edificações em taipa
PRECÁRIO	Edificações com material alternativo
DENSIDADE POPULACIONAL	
ELEVADA	Alta ocupação da área
MÉDIA	Média ocupação da área
BAIXA	Baixa ocupação da área
INEXISTENTE	Nenhuma ocupação na área

Elaborado por: Selma Batista

²⁸ Analisados com base na evolução no tempo. Sincrônica (antônimo), analisados independente de sua evolução no tempo.

²⁹ Únicas datas disponíveis em acervo público.

FIGURA 6



Fonte: Base Cartográfica - SCAR - 1992 - PMS/ Extraída do CD LOUOS versão 2001 - FMLF
 Escala 1:3000
 Autor Selma Batista

Análise exaustiva, mas, que, permitirá compreender como, com a implantação do Projeto Tá Rebocado, o Candeal Pequeno passará à condição de um lugar referência cidadã na cidade de Salvador.

Área do Conjunto Habitacional Zé Botinha

De acordo com a poligonal, o limite geográfico atribuído ao conjunto habitacional Zé Botinha compreende a extensão da Rua Paulo Afonso, desde o conjunto habitacional até o *CandyAll Guetho Square*. E, de acordo com as variáveis de análise, observa-se, a partir da sistematização dos dados apresentados na TABELA 1, predominância de um padrão de moradia boa pertencente aos antigos moradores; e ruim, ocasionada pela alta densidade populacional ao longo das décadas de 1970, 1980, e 1990, responsáveis pela ocupação da mata levando-a a extinção nas décadas seguintes, conforme descrição detalhada, ano a ano, e imagens do antes, durante e depois, das intervenções (FIGURA 7).

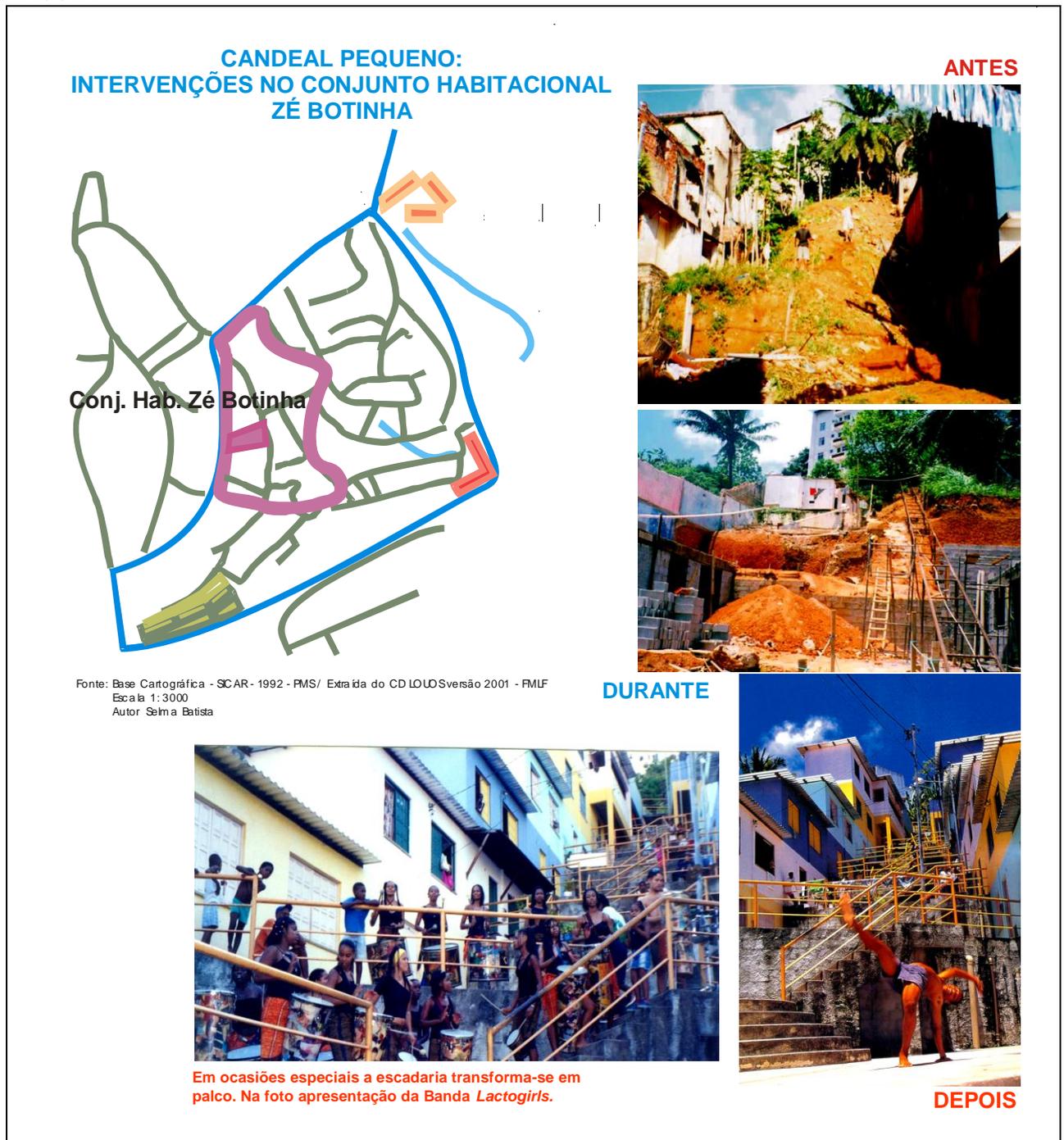
TABELA 1

EVOLUÇÃO DO PROCESSO DE OCUPAÇÃO E DINÂMICA SOCIAL NA ÁREA DO CONJUNTO HABITACIONAL ZÉ BOTINHA					
CRITÉRIOS	ANOS	1976	1989	1992	2002
CONDIÇÕES FÍSICO-AMBIENTAIS		Mata	Mata	Mata Inexistente	Mata Inexistente
PADRÃO DE MORADIA		Bom Ruim	Bom Ruim	Bom Ruim	Bom
DENSIDADE POPULACIONAL		Baixa	Média	Alta	Alta

Elaborado por: Selma batista

Fonte: 1)Imagens Aéreas/ CONDER/PMS 2)Trabalho de Campo

FIGURA 7



Crédito: Arquivo Digital Conder/ Agenda CEF ano 2003/ Selma Batista

1976 – Com base na observação da imagem aérea, do referido ano, na poligonal traçada para o conjunto habitacional Zé Botinha, identifica-se espaços de área verde adensados, com algumas edificações em alvenaria e taipa, localizadas ao pé da encosta, apontando baixa ocupação populacional na área. No entanto, em campo, a imagem ganha expressão com o que

guarda na memória o aposentado Paulo Conceição, de 57 anos. Cego após a adolescência, o senhor Paulo descreve com detalhes a cartografia do lugar na década de 1970.

Onde é a Pracatum, hoje, era a chamada avenida da Dona Preta, irmã do seu Ranulfo, pai do Boga (Boga toca com Carlinhos Brown). As casas eram de taipa. Era tudo propriedade do seu Maninho. Onde é o estúdio de Brown era uma avenida que ligava até a Alameda Bons Ares, em Brotas. Lá era tudo roça de portugueses e onde tinha o comércio. Os acessos eram poucos, tinha a Rua do Meio, o Tamarineiro e a escadaria da Paulo Afonso. Ladrão aqui era ‘besta’, só sabia roubar roupa, porco, galinha e bichos de quintal. Se plantava alface, coentro, hortelã, cebolinhas. Alguns como seu Francisco, tinha jegue, gado e cavalo, ele distribuía água pra todo mundo. Só quem tinha cisterna era seu Pedro, que também costumava consertar a Rua do Meio. A gente chamava de ‘quebra bunda’, porque, como era de barro, em tempo de chuva, não tinha quem não caísse. O seu Júlio tinha horta. A Bica era antes uma bananeira que estourou. A entrada da 9 de Outubro, era antes a “boca da mata”. Tinha um rio e tinha uma bica que atendia a comunidade, ele jogava para o rio das Tripas. Mulheres lavavam roupas lá. Ele saía por trás da OAS ligando a Vasco da Gama. Deu até sucuri! A avenida Sapucaia tinha lagoa e roça. Era a avenida do finado Marinho. Quem saberia te dizer tudo isso era a dona Maria Rezaderia, mulher de seu Edécio, se não tivesse morrido³⁰.

Pelo relato, observa-se a existência de um sentimento comunitário, cujo histórico aponta sua origem no topo da encosta, no Largo do Tamarineiro. Sentimento que acompanha as famílias, muitas com laços de parentesco e afinidade, fazendo do cotidiano, ainda hoje, um conjunto de práticas coletivas, realizadas por até quatro gerações, residentes em uma mesma habitação³¹. Embora as obrigações tenham se adaptado à modernidade, ainda se identifica, entre a maioria, que às mulheres cabem os afazeres domésticos assumindo junto à coletividade, responsabilidades com as festas religiosas, novenas, brincadeiras e eventos ao ar livre. E, aos homens, o tempo livre é tomado com a organização de campeonatos de baba e dominó, ambos, em geral, envolvendo até três gerações, que em qualquer localidade e hora do dia promovem em ritmo harmonioso a batida das pedras sobre os tabuleiros, fazendo eco com o ritmo do berimbau tocado por meninos que, duas vezes por semana, à sombra de uma árvore frondosa, em frente ao conjunto habitacional Sapucaia, sob os cuidados do mestre Arquiles praticam a capoeira. Atividades cotidianas, realizadas em pequenas áreas de espaços públicos, tomados por moradores que fazem da rua a extensão de suas casas, em geral pequenas pelo número de habitantes.

³⁰ Entrevista obtida em trabalho de campo, nov/2004.

³¹ Relatos levantados em campo, ago/2003.

A socialização, entendida como um sentimento de integração, cooperação e solidariedade, sempre presente entre os moradores, por vezes era posta em prática, conforme relatos rememorados, em entrevista com a cantora Daúde, que, até os cinco anos, morou no local. Frequentando, posteriormente, até os onze anos a casa dos avós, aos finais de semana, antes de mudar-se para o Rio e Janeiro, onde fez sucesso como cantora consagrando-se no mercado internacional.

[...] a imagem que guardo são as visitas na casa dos meus avós maternos, dos almoços, do quarador, da vizinhança, das serestas, e sambas de roda feitas pelos meus tios e amigos da redondeza. Também é claro a imagem que tenho dos Reis Magos indo visitar as casinhas. O serviço público era desenvolvido pelos próprios moradores, assim como retirar o barro vermelho em forma de lama depois de um grande temporal e por vezes a própria reconstrução das casas de taipa que desabavam³².

1989 - Tomadas por uma maior densidade populacional, crescem em áreas íngremes da encosta e, em espaços livres, localizados nas áreas de brejo, edificações em alvenaria e taipa. E, nos pequenos becos e terrenos localizados ao longo das principais ruas, encontram-se boas habitações em alvenaria, pertencentes às famílias tradicionais e outras, oriundas de aquisições ocorridas por volta das décadas de 1960 e 1970, em sua maioria, fruto da mobilidade populacional de famílias que, indenizadas pelo Poder Público, deixaram áreas centrais, como a Barra, Ondina, e encostas da Vitória, ocupando novos espaços em regiões menos favorecidas e de menor valor o metro quadrado, como, na época, caracterizava-se o Candéal Pequeno, com a vantagem da fertilidade do solo e de inúmeros minadouros, beneficiados pela existência do lençol freático na região.

1992 – Com adensada densidade populacional e menor área verde disponível, a localidade continuava à margem da cidade formal, marcada pela falta, prioritária, de serviços públicos e infra-estrutura urbana. No entanto, foi neste cenário e, em especial, nesta área do Candéal Pequeno que, em, 1996, o músico Carlinhos Brown, já com sucesso consolidado com a Banda Timbalada, inaugura na principal rua da localidade, a Paulo Afonso, a casa de espetáculos *CandyAll Guetho Square*, elemento importante para a análise da dinâmica socioespacial, responsável pela história do Candéal Pequeno.

2002 – A imagem da poligonal que, hoje, compreende o conjunto habitacional Zé Botinha representa ao longo das três décadas investigadas, o resultado de uma mobilização comunitária, como veremos nos capítulos seguintes, iniciada na década de 1990 e consolidada

³² Entrevista obtida em trabalho de campo, agosto/2004.

em 1997 em documento redigido na forma de projeto social. Resultados expressos no tipo de moradia que, com as intervenções promovidas, assentou na mesma área, antes de risco, sessenta e oito moradores em dezesseis unidades habitacionais.

Área do Conjunto Habitacional Sapucaia

Segundo documentação, obtida na biblioteca da Fundação Mario Leal Filho, a poligonal que, hoje, compreende o Candeal Pequeno, está inserida no limite territorial do Loteamento Roça dos Netos, propriedade de Evandro Baltazar Silveira, de acordo com o Termo de Acordo e Compromisso - TAC, datado no ano de 1938. Um dos mais antigos loteamentos aprovado nesta área pela Prefeitura Municipal de Salvador. E, ao sul, divisa com o loteamento Horto Florestal aprovado pela Prefeitura no ano de 1970, em área de brejo, foi edificado no ano de 1999 o conjunto habitacional Sapucaia.

Onde, de acordo com a TABELA 2 e FIGURA 8, registra-se que, até final dos anos de 1980, a área era pouco habitada, mesclando, de acordo com a geografia do lugar, na parte alta do loteamento Roça dos Netos, habitações de bom padrão, edificadas em alvenaria. Porém, ao final da década, devido à elevada concentração populacional a área passa a apresentar, sobretudo, na chamada rua da Vala, formas de ocupação de padrão ruim a precário. Ao longo dos anos de 1990, com a invasão Nove de Outubro, torna-se crescente a densidade populacional e, de acordo com a imagem de 2002, a análise aponta que, em menos de três décadas, a atual área do conjunto habitacional Sapucaia passou da condição físico-ambiental de mata fechada, em 1976, para mata inexistente, em 2002. Resultado da elevada densidade populacional, mas, que, paralelamente, por conta das intervenções urbanas e habitacionais realizadas, erradica as formas de ocupação edificadas em taipa ou material alternativo, mantendo como bom, o padrão de moradia. Conforme processo descrito a seguir.

FIGURA 8

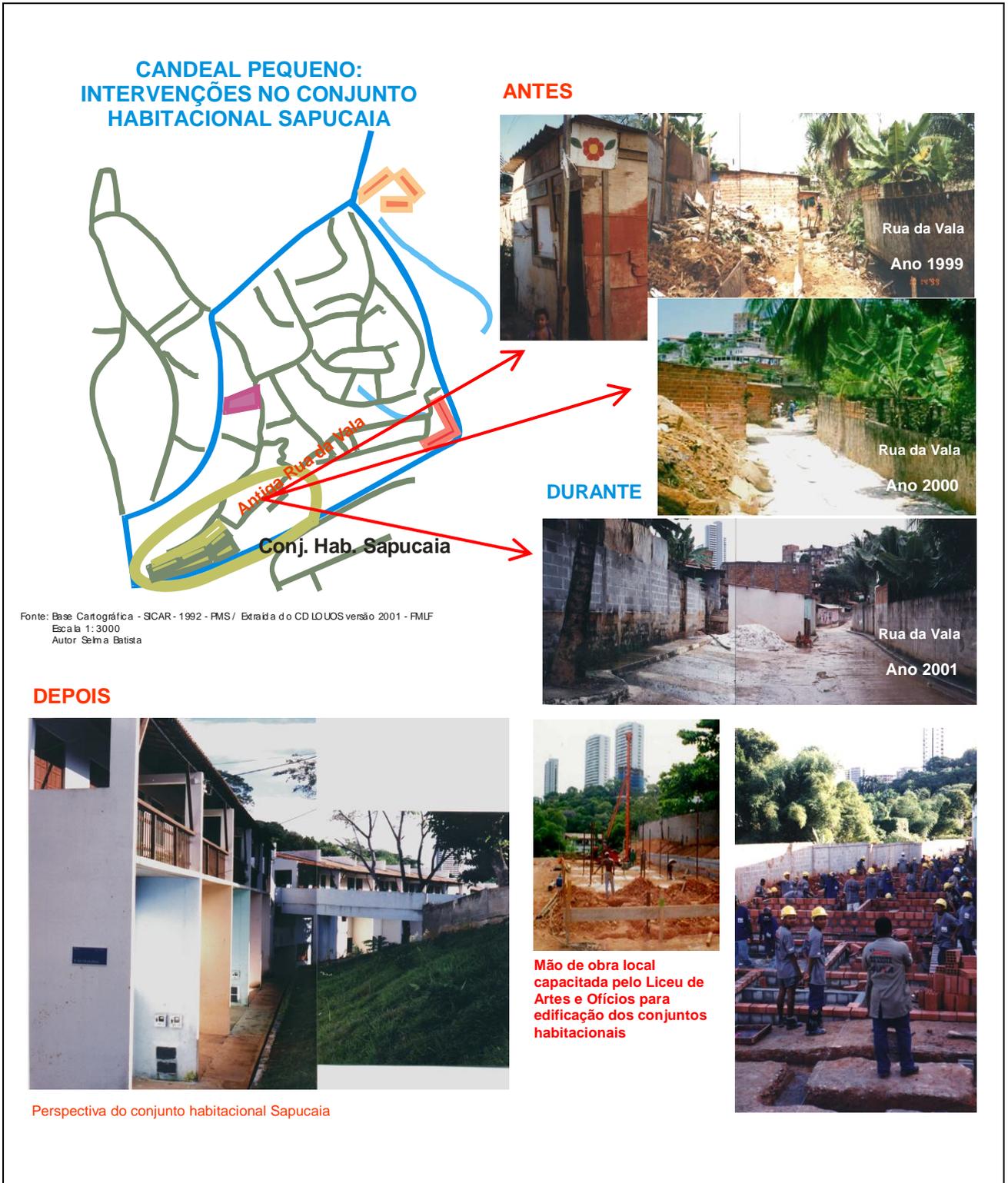


TABELA 2

EVOLUÇÃO DO PROCESSO DE OCUPAÇÃO E DINÂMICA SOCIAL NA ÁREA DO CONJUNTO HABITACIONAL SAPUCAIA					
CRITÉRIOS	ANOS	1976	1989	1992	2002
CONDIÇÕES FÍSICO-AMBIENTAIS		Mata Fechada	Mata	Mata	Mata Inexistente
PADRÃO DE MORADIA		Inexistente	Bom Ruim Precário	Bom Ruim Precário	Bom
DENSIDADE POPULACIONAL		Inexistente	Baixa	Média	Alta

Elaborado por: Selma batista

Fonte: 1)Imagens Aéreas/ CONDER/PMS 2)Trabalho de Campo

1976 - De acordo com a imagem aérea, apenas o topo da encosta do Loteamento Roça dos Netos, precisamente, a Alameda Bons Ares é ocupada. E pelo padrão da moradia, ainda, hoje, predominante, por uma população de melhor poder aquisitivo.

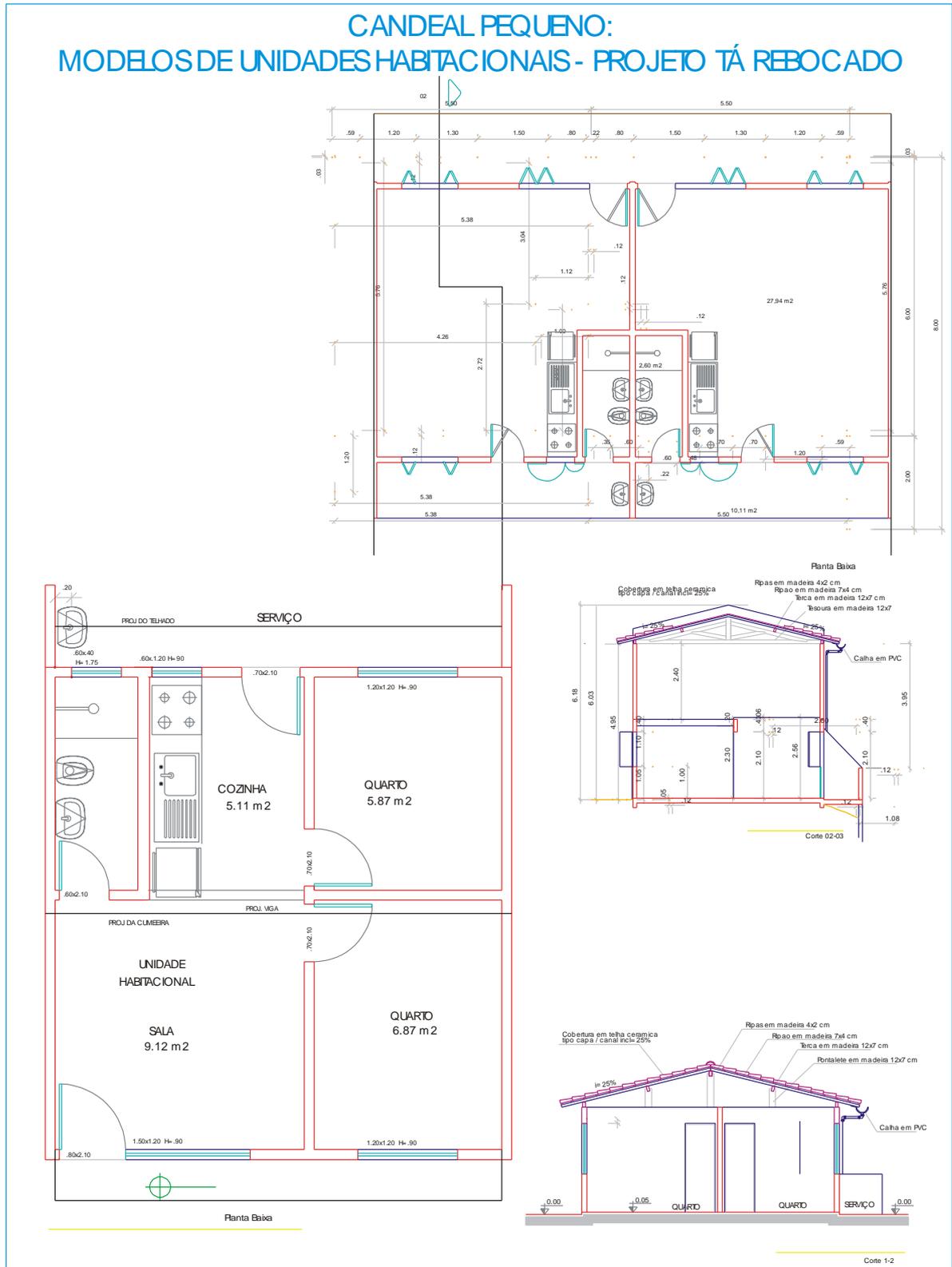
1989 – Devido a elevada densidade populacional nas áreas centrais do Candéal Pequeno, pouco a pouco, a região de brejo passa a ser ocupada, mesclando na paisagem um padrão de moradia com edificações em alvenaria, taipa, e material alternativo.

1992 – Com o episódio da invasão Nove de Outubro no ano de 1991, parte da área de brejo, identificada como rua da Vala, passa a ser ocupada com padrões de moradia irregulares, tornando-se um perigo evidente para a população submetida à falta de infra-estrutura sanitária, habitacional e urbana.

2002 – De acordo com a imagem deste ano, desenhando um novo cenário, as ações empreendidas pelo Projeto Tá Rebocado levaram à erradicação as formas precárias de ocupação, cedendo lugar ao conjunto habitacional Sapucaia, com unidades contendo com banheiro, cozinha, área de serviço, dois quartos, sala, espaço público para brincar, e infra-estrutura armada para construção de um pavimento superior (vide FIGURA 9). Projeto, previamente, desenhado, fruto da reivindicação dos moradores junto à equipe técnica responsável pela execução das obras, mas, que, infelizmente, não atendeu os mesmos anseios dos moradores do Conjunto Habitacional Zé Botinha, que devido às condições do terreno teve indeferindo o projeto de ampliação.

FIGURA 9

CANDEAL PEQUENO: MODELOS DE UNIDADES HABITACIONAIS - PROJETO TÁ REBOCADO



Fonte: Arquivo Digital CONDER/ Programa Viver Melhor

Área do Conjunto Habitacional Jardim Candéal

Considera-se, para a análise, como área do conjunto habitacional Jardim Candéal, os espaços consolidados, pelo próprio empreendimento, acrescidos de extensões em áreas limítrofes com a rua Nove de Outubro, loteamento Quinta do Candéal, e Cidade Jardim, conforme poligonal traçada em vermelho no mapa abaixo (FIGURA 10).

FIGURA 10



Crédito: Arquivo Digital Conder/ Selma Batista

Conforme imagens acima, e dados sistematizados na TABELA 3, observa-se que a área do conjunto habitacional Jardim Candéal sofreu um processo tardio de ocupação e, entre 1992 e 2002, inversamente, vivencia um acelerado processo de aniquilamento da reserva de mata

existente e, conseqüentemente, uma elevada ocupação populacional, conforme histórico relatado.

TABELA 3

EVOLUÇÃO DO PROCESSO DE OCUPAÇÃO E DINÂMICA SOCIAL NA ÁREA DO CONJUNTO HABITACIONAL JARDIM CANDEAL					
CRITÉRIOS	ANOS	1976	1989	1992	2002
CONDIÇÕES FÍSICO-AMBIENTAIS		Mata Fechada	Mata Fechada	Mata	Mata Inexistente
PADRÃO DE MORADIA		Inexistente	Inexistente	Ruim Precário	Bom
DENSIDADE POPULACIONAL		Inexistente	Inexistente	Alta	Alta

Elaborado por: Selma batista

Fonte: 1)Imagens Aéreas/ CONDER/PMS 2)Trabalho de Campo

1976 – A predominância da mata fechada que caracteriza a área em torno do Candéal Pequeno, no ano de 1978, é colocada em risco, através da assinatura de um Termo de Acordo e Compromisso, que concede ao Empreendimento Odebrecht Ltda, por parte da Prefeitura Municipal de Salvador, licença para implantação do loteamento “Quinta do Candéal”. Acordo que daria início a um amplo processo de especulação imobiliária, colocando fim à mata fechada, trazendo, em paralelo ao desenvolvimento, destruição dos recursos naturais e assimetria social.

1989 – Ao longo da década de 80, os empreendimentos Quinta do Candéal e Horto Florestal, densamente, ocupados, espacialmente, definem seus territórios encurtando o limite com o loteamento Roça dos Netos e áreas centrais do Candéal Pequeno. Nesta época, como conseqüência do adensamento populacional, ocupada com padrões de moradia irregulares, e, como fruto da especulação imobiliária ao redor, espacialmente comprimido.

Processo dialético que desenhou na configuração socioespacial desta região, de um lado espaços auto-segregados e, de outro, pela dinâmica territorial, segregou o limite geográfico do Candéal Pequeno. Segundo Caldeira, espaços auto-segregados, são “[...] *enclaves fortificados, onde se enclausuram os setores mais ricos da população em busca de uma forma de proteção à violência*” (1997, *apud* KOGA, 2003, p.250) e, como conseqüência, tal prática condiciona áreas consolidadas a um processo de segregação.

Variáveis que impulsionaram, em 1991, a chamada “*Invasão Nove de Outubro*”. Manifestação realizada por moradores inquilinos do Candeal Pequeno, que em defesa ao limite do território e reivindicando o direito à cidade, erguem, em uma noite, em área limítrofe e insalubre, cerca de quinze edificações com material alternativo, abrigando cada qual, em média, uma família com no mínimo quatro moradores. Fato amplamente explorado pela mídia e que teve na assessoria jurídica do atual Deputado Federal do Estado da Bahia, o petista Nelson Pellegrino³³, resultado favorável aos moradores. Hoje, os manifestantes dignamente assentados, aguardam a escritura definitiva de posse da terra que tramita, via assessoria jurídica do programa Viver Melhor/CONDER, para todas as novas unidades habitacionais edificadas pelo Projeto Tá Rebocado. Documento que compreende um convênio, onde os beneficiados desembolsarão pelo valor total do imóvel 20%, a serem pagos em prestações ao longo de cinco anos, contra 80% do valor, assumidos pelo Poder Público³⁴.

1992 – Com a aprovação do TAC concedido ao Loteamento Cidade Jardim no ano de 1988, a década seguinte é marcada por um acelerado processo de desmatamento para a consolidação do empreendimento que, em planta, conta com 39 lotes destinados à construção de condomínios residenciais verticalizados. Situação que ao extinguir a biodiversidade da flora e fauna, minguiu alguns recursos utilizados por moradores do Candeal Pequeno, que através de uma pequena estrada de terra – passagem pelos moradores identificada como OAS, devido à atuação no local da Construtora OAS Ltda -, chegavam ao lago para pescar e à mata para colher frutos. Áreas tomadas pelo empreendimento, responsável pela derrubada das árvores e soterramento do lago, para a construção dos edifícios.

2002 – Após dez anos, em relação a análise anterior, densamente ocupados, tanto Candeal Pequeno como Loteamento Cidade Jardim, juntos, respondem pela predominância das edificações em detrimento à mata fechada.

Em campo, ao longo do ano de 2005, registrou-se o volume frenético de obras responsáveis pela edificação de condomínios nos lotes da Rua Guilhermino de Freitas Jatobá, único acesso, via Cidade Jardim ao Candeal Pequeno. E ao ver as edificações avançando e fazendo limite com o território do Candeal Pequeno, foi possível, enquanto pesquisador, compreender a

³³ Gestão referente ao ano de 2005.

³⁴ Dados obtidos em entrevista realizada com Regina Luz, técnica responsável pelo Programa Viver Melhor – Conder/PMS – em Maio/2005.

atitude de mobilização dos moradores, realizada no ano de 1991 reivindicando o direito ao habitar e, em 1994, quando Carlinhos Brown propõe a criação de uma aliança em defesa aos elementos culturais do lugar. Ações que justificam o sentimento de pertencimento que concedem ao Candéal Pequeno sua excêntrica territorialidade.

Área do Conjunto Habitacional Chácara Candéal

Apenas em 1999, quando foi construído o conjunto habitacional Chácara Candéal, é que a área, marcada abaixo na FIGURA 11 em tom laranja, passou a fazer parte do limite territorial do Candéal Pequeno. Antes, as terras inseriam-se no limite do loteamento Cidade Jardim, e, negociadas pela CONDER sofreram desapropriação onerosa, favorecendo a expansão do limite territorial do Candéal Pequeno. Contudo, devido à elevadíssima declividade da encosta, não há possibilidade de expandir além deste limite, segundo o TAC do loteamento, projetado para ser ocupado, no fundo de vale, por um empreendimento escolar.

Logo, de acordo com as imagens aéreas, apenas, a partir do ano de 2002, é que a localidade passa a ser habitada por 24 famílias beneficiadas com o Projeto Tá Rebocado, em sua maioria, participantes do episódio da “Invasão Nove de Outubro” e ocupantes das edificações precárias, erguidas, na antiga rua da Vala.

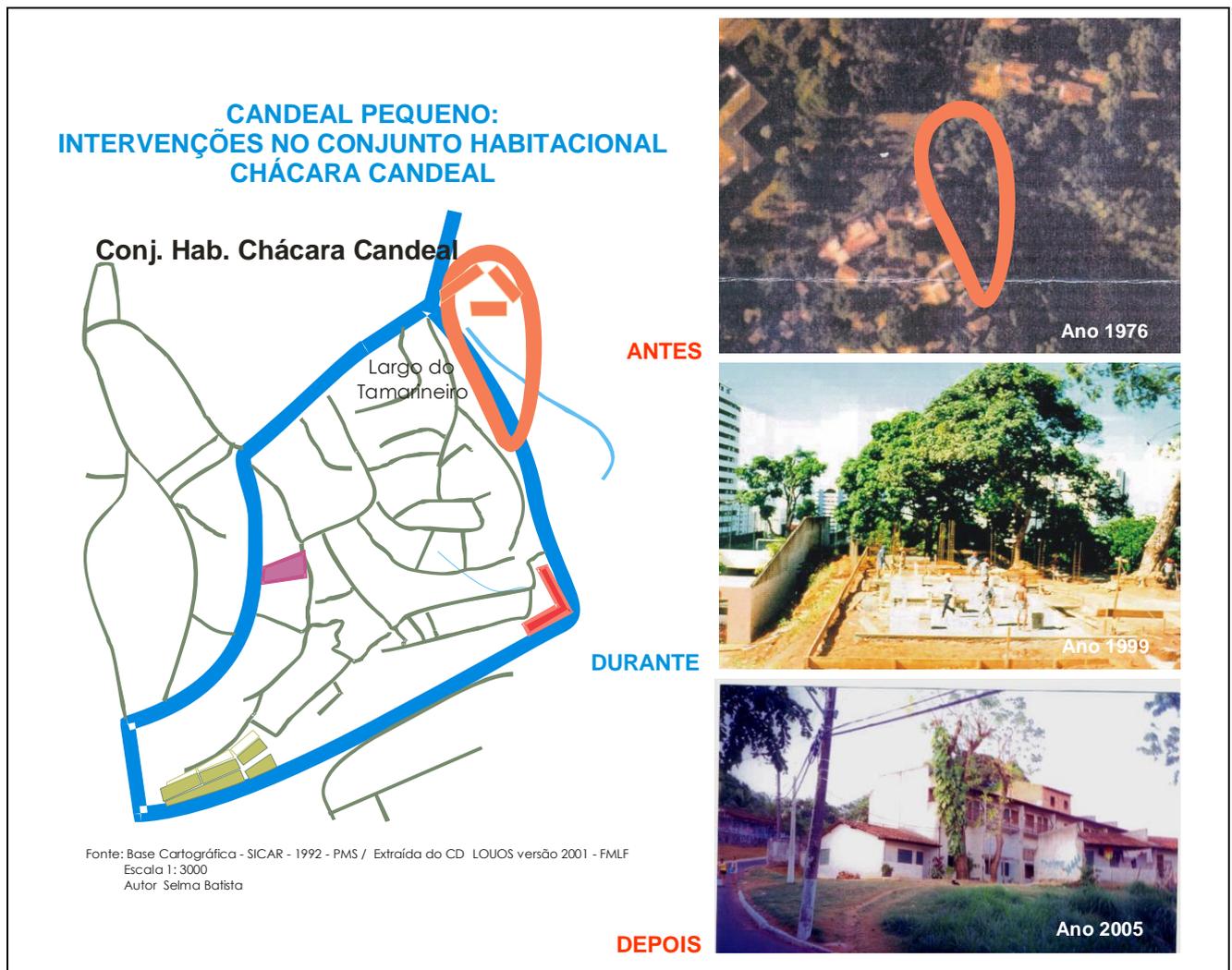
TABELA 4

EVOLUÇÃO DO PROCESSO DE OCUPAÇÃO E DINÂMICA SOCIAL NA ÁREA DO CONJUNTO HABITACIONAL CHÁCARA CANDEAL				
CRITÉRIOS \ ANOS	1976	1989	1992	2002
CONDIÇÕES FÍSICO-AMBIENTAIS	Mata Fechada	Mata Fechada	Mata Fechada	Mata
PADRÃO DE MORADIA	Inexistente	Inexistente	Inexistente	Bom
DENSIDADE POPULACIONAL	Inexistente	Inexistente	Inexistente	Baixa

Elaborado por: Selma batista

Fonte: 1)Imagens Aéreas/ CONDER/PMS 2)Trabalho de Campo

FIGURA 11

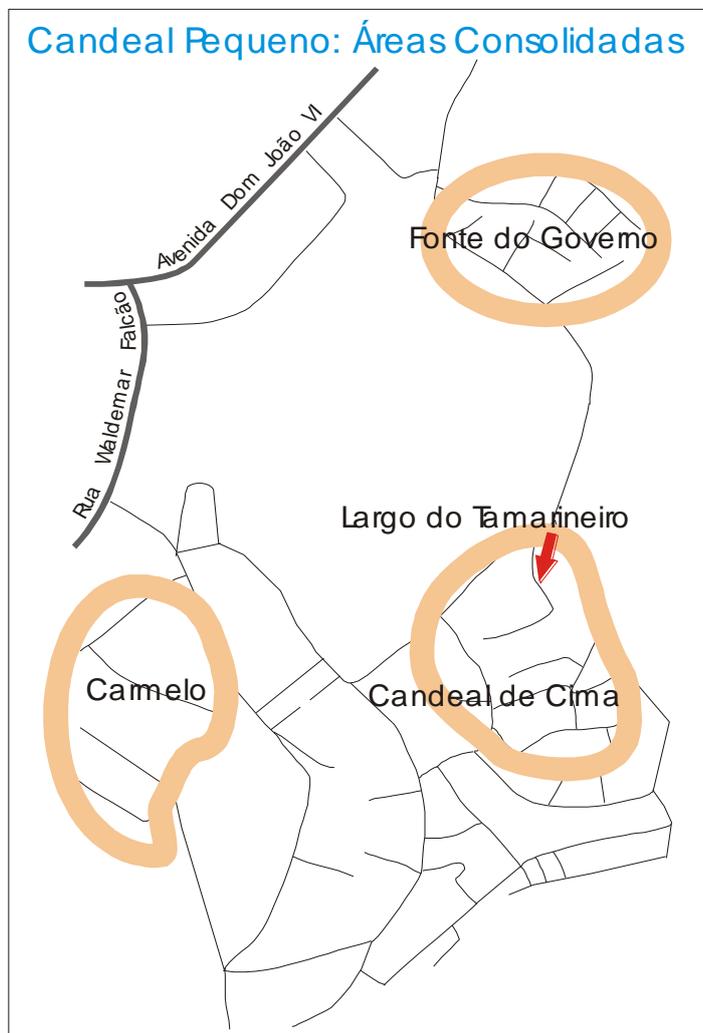


Crédito: Arquivo Digital Conder/ Selma Batista

3.3 ÁREAS CONSOLIDADAS

Na totalidade do território que configura o Candeal Pequeno, de acordo com as imagens aéreas observadas, destacam-se três áreas de relevo acidentado, desde 1976, densamente ocupadas. A área do Candeal de Cima, onde está localizado o Largo do Tamarineiro; outra distante em relação ao fundo de vale do Candeal Pequeno, área da Fonte do Governo³⁵ e, do lado oposto, ocupando encostas e fundo de vale, a área do Carmelo pertencente ao Loteamento Roça dos Netos (vide FIGURA 12). Assim chamado segundo o morador Raimundo Quirino³⁶ por, originalmente, ter sido propriedade pertencente à família de Chico Neto³⁷.

FIGURA 12



Fonte: Base Cartográfica –SICAR 1992 – PMS – Extraído do CD LOUOS – FMLF
Escala 1:5000
Autor: Selma Batista

Como estas áreas, na totalidade das intervenções urbanas e habitacionais executadas pelo Projeto Tá Rebocado, sofreram ações pontuais, não há impacto territorial significativo que justifique, no contexto deste capítulo, resgate histórico do processo de evolução da dinâmica de ocupação das mesmas. Entretanto, no contexto das relações sociais, devido o importante papel desempenhado, pelas Associações de Moradores Defesa e Progresso e Fonte do Governo, no processo de implantação dos

³⁵ Segundo a cartografia da LOUOS, a área da Fonte do Governo é identificada como Candeal Pequeno II, e faz parte da Área de Proteção Sócio-Ecológica - APSE, Lei nº 3592/85.

³⁶ Trabalho de Campo, junho/2005.

³⁷ Embora, de acordo com o TAC do loteamento, conste como proprietário o nome do Sr. Evandro Baltazar Silveira.

projetos sociais da Associação Pracatum, no capítulo seguinte, Fonte do Governo e Largo do Tamarineiro, serão tratadas como objeto de investigação.

3.4 ANÁLISE INTEGRADA DOS DADOS

De acordo com o referencial teórico, a análise diacrônica de interpretação das imagens aéreas, apesar de exaustiva, pela descrição, foram de fundamental importância para compreender, nos últimos trinta anos, a influência do movimento urbano - focado na criação de um novo eixo central para a cidade de Salvador, planejado para crescer sentido norte, a partir da região do Iguatemi, em direção ao município de Lauro de Freitas -, no processo de ocupação irregular do Candéal Pequeno. Processo este, responsável por tornar a área semi-rural do Candéal Pequeno em uma zona periférica, dentro da mais nova centralidade da cidade de Salvador, identificada pelas regiões do Iguatemi, Itaigara e Cidade Jardim.

Em escala intra-urbana, o resgate do processo de ocupação e uso do solo no Candéal Pequeno, permitiu identificar como núcleo original o Largo do Tamarineiro. Como testemunho há resguardado o *Terreiro de Ogum*, marco de fundação do lugar e berço da herança afro-brasileira deixada pela família pioneira de Josepha de Sant'Anna e Manoel Mendes.

Posteriormente, no final do século XIX, foi em forma de arrendamento negociado verbalmente entre arrendatários e familiares da segunda geração, que novas famílias agregaram-se ao clã da família Sant'Anna e Mendes. No século XX, fragmenta-se a homogeneidade familiar e a terceira geração, sem contrato escrito dos arrendamentos negociados, vivencia a perda de posse da terra por adensamento espontâneo de ocupação das áreas e conseqüente direito adquirido por uso capião. Situação agravada, ao longo das décadas de 1960 e 1970, quando o Poder Público Municipal visando o ordenamento territorial e a legalização das contribuições prediais, passa a cobrar dos moradores regularização fundiária.

Em campo, na área consolidada da Fonte do Governo, de acordo com relatos obtidos com seu Domingos Manuel Vieira, ex-funcionário público e morador no local, desde os anos de 1960, terras privadas que, nas décadas de 1960 e 1970, não tivessem a situação fundiária regularizada de acordo com o prazo estabelecido pelo Poder Municipal, passavam a ser considerada de domínio público. E, para ele, foi esta norma que pressionou seu Florentino, proprietário de terras na Fonte do Governo, a realizar o loteamento vendendo ao preço de um

conto de réis o metro quadrado de um lote na encosta ³⁸. Exigência que, segundo a octogenária Antonia Ribeiro Cortes, vinda do interior do Estado, há 50 anos residente na localidade, promoveu a especulação e constante negociação de compra e venda de terras e imóveis. Segundo dona Antonia, “*hoje é todo mundo novo aqui, poucos são da época de seu Florentino e dona Hilda que, antes de morar aqui, moraram na Barra*”, onde também, segundo ela, sobreviviam cultivando temperos, legumes e folhas, posteriormente, vendidos em feira pública³⁹.

Demandas da dinâmica urbana, adequadas à cidade formal, mas, quando impostas a áreas cujas características, até então, eram rurais, criam aniquilamento e desordem na base social, estruturada em acordos verbais de uso da terra, tornando irreversível a singularidade dos lugares, a partir do momento em que a nova estrutura sobrepõe ao valor de uso da terra, valor de troca.

Neste contexto, o resgate histórico da mobilidade populacional e o processo de mobilização social ocorridos, entre as décadas de 1970 a 2000, possibilita mensurar o poder da dinâmica urbana, sobre áreas até então consolidadas, como foi o caso do Candéal Pequeno. Cujos cenários pretéritos, resgatados por meio de diálogos com moradores mais antigos, capazes de descrever, em detalhes, a singularidade do lugar, com um fundo de vale coberto de hortaliças, a sonoridade das rodas de samba em fim de tarde, o canto dos pássaros, a sombra frondosa de uma árvore cujo fruto, descrito em formato, aroma, e sabor, expressam, através da fala dos conhecedores do lugar, a nostalgia de um tempo em que o verde era abundante e limpa era a água extraída dos minadouros para abastecer as residências e regar as plantações. Fonte natural condenada nos anos de 1990, ao título de “*Ilha dos Sapos*”, devido o elevado número de girinos facilmente procriados pelas condições insalubres das valas.

Caos urbano que encontra limite quando os moradores identificando um cenário de vulnerabilidade, tomam consciência do potencial em recurso natural, cultural, e simbólico, existentes no território, e, unidos levam ao conhecimento de segmentos do setor público e privado, através de um projeto social, as demandas do lugar. Como resultado, hoje, *Ilha dos Sapos* é apenas o nome do estúdio fonográfico de Carlinhos Brown, referência mundial,

³⁸ Informações obtidas com Sr. Domingos Manuel Vieira, morador da área da Fonte do Governo onde, em 1963, comprou um ‘pedaço de terra’. Segundo ele, a boa fertilidade do solo sustentou com as plantações, por muito tempo, inúmeras famílias na localidade. Maio/2005.

³⁹ Informações obtidas em trabalho de campo, maio/2005

devido ao padrão de alta tecnologia do equipamento, por ele comparado aos estúdios europeus e por onde já passaram para gravar nomes importantes da música nacional e internacional. Assim como é referência, a casa de espetáculos *CandyAll Guetho Square*⁴⁰ e a Banda Timbalada que, onde quer que se apresente, faz menção honrosa à sua origem - O Candeal Pequeno. E pelo histórico de mobilização social, o Candeal Pequeno tornou-se, no mundo, referência, com a atuação dos líderes comunitários, com a determinação dos moradores, com a rede de relacionamentos articulada pela Associação Pracatum Ação Social, e com os resultados em desenvolvimento social, alcançados com o Programa Tá Rebocado e a Escola de Música Pracatum. Referência, pela arte, e, música percussiva que, diuturnamente, ecoa pelas ruas e becos do lugar. E, no universo religioso, pelas ações e medicamentos confeccionados pelas rezadeiras, pelas práticas dos Terreiros de Candomblé, e, pelo trabalho cristão desenvolvido pela Congregação Irmãs Ancilas no Brasil, o Candeal Pequeno, também, tornou-se referência.

Um ciclo, um *“conjunto indissociável de sistema de objetos e ações”* (SANTOS, 1996) que ao Candeal Pequeno dão *“a noção de territorialidade”* (SANTOS, 2001), permitindo a sobrevivência do conjunto ainda que *“os diversos agentes tenham interesses diferentes, depende desse exercício de solidariedade, indispensável ao trabalho e que gera a visibilidade do interesse comum”* (SANTOS, 2003).

Visibilidade expressa na qualidade de vida adquirida entre os moradores, com a nova moradia, com a contenção das encostas, com a pavimentação das ruas, e com 100% da população, atendida com a implantação dos sistemas de drenagem, energia elétrica, abastecimento de água e coleta de lixo.

No ano de 1997, segundo Relatório de Pesquisa⁴¹, no universo de 100%, das 966 famílias residentes no limite da poligonal traçada para a intervenção, apenas, 14% eram atendidas com coleta de lixo, 81% com abastecimento de água, e 78% com energia elétrica. Em 2004, de acordo com os dados obtidos junto a Unidade de Saúde do Candeal – que compreende a cobertura da mesma poligonal traçada no Relatório de Pesquisa -, entre as 1460 famílias cadastradas no PSF, 100% contavam com serviço público de água, luz e coleta seletiva de

⁴⁰ Tradução: a quadra toda doce do *guetho* Candeal

⁴¹ Relatório de Pesquisa – Avaliação Socioeconômica e Cultural do Candeal, Associação Pracatum ABRIL/1997

lixo⁴². Para o mesmo total, quanto à tipologia da moradia, 99,46% são unidades construídas de tijolo/adobe; 0,28%, de taipa revestida; e, 1,10% de madeira (vide QUADRO 3).

No entanto, como o projeto Viver Melhor foi programado para ser executado em três etapas, e concluiu apenas a primeira, áreas do Largo do Tamarineiro, e encostas do Candeal de Cima, Fonte do Governo e Carmelo, ainda, apresentam demandas, a serem atendidas. Mas, de acordo com entrevista realizada em maio de 2005, com Regina Luz, técnica da CONDER responsável pelo Programa Viver Melhor, não há previsão de conclusão da segunda etapa, nem projeção de início da terceira.

⁴² No universo de 100%, apenas uma unidade habitacional tem como destino das fezes o sistema de fossa.

QUADRO 3

PERFIL DAS ÁREAS ATENDIDAS PELA UNIDADE DE SAÚDE DA FAMÍLIA DO CANDEAL- Programa Saúde da Família					
ÁREAS DE ATENDIMENTO		PEDRA		GUETHO	
População		2781		2991	
Nº de homens		1288		1335	
Nº de mulheres		1493		1656	
Nº de famílias		716		744	
SERVIÇOS					
Energia Elétrica		716	100%	744	100%
% de famílias atendidas ANO DE 1977					
→ 78%					
Abastecimento de Água	Rede Pública	716	100%	744	100%
	Poço ou Nascente	-	-	-	-
	Outros	-	-	-	-
→ 81%					
Destino do Lixo	Coleta Pública	716	100%	744	100%
	Queimado/Enterrado	-	-	-	-
	Céu Aberto	-	-	-	-
→ 14%					
Tipo de Casa	Tijolo/Adobe	710	99,16%	740	99,46%
	Taipa Revestida	02	0,28%	-	-
	Madeira	04	0,56%	04	0,54%
ANO DE 1977					
Destino das Fezes	Sistema de Esgoto	715	99,86%	744	100%
	Fossa	01	0,14%	-	-
	Céu Aberto	-	-	-	-
966 famílias 4,4 hab./domicílio					
Tratamento da Água no Domicílio	Filtração	553	77,23%	573	77,02%
	Fervura	03	0,42%	13	1,75%
	Coloração		--	03	0,40%
	Sem tratamento	160	22,35%	155	20,83%
Alfabetização	07 a 14 anos de idade	331	99,40%	421	99,06%
	15 anos e mais alfabetizados	1965	91,78%	2060	93,17%
PLANOS DE SAÚDE					
Moradores portadores de plano de saúde		470	16,90%*	471	15,75%*

Fonte: Secretaria Municipal de Saúde SSA – SIAB Sistema de Informação de Atenção Básica / Secretaria de Assistência a Saúde / DAB – Datasus . Consolidado das famílias cadastradas do ano de 2005 do modelo PSF
Organizado por: Selma Batista

Contudo, se por um lado, as intervenções não contemplaram a população em sua totalidade, por outro, favoreceu, satisfatoriamente, taxistas e moradores dos loteamentos vizinhos. Usuários das benfeitorias urbanas, como o senhor Nonato, que passou a utilizar “sem medo” o

novo acesso. Segundo relato do mesmo, “antes das intervenções, ninguém entrava no Candeal. Primeiro porque não tinha acesso e, segundo, porque achavam que ali era uma área de perigo, com traficantes e ladrões”⁴³. Como atalho, as ruas pavimentadas, Nove de Outubro e 18 de Agosto, passaram a oferecer opção de acesso ao bairro de Brotas. Passagem agregada de significado simbólico, considerando a expectativa de cada usuário - externo ao lugar - de vir a encontrar transitando pelas ruas o ex-morador Carlinhos Brown. Situação freqüente quando o músico está em Salvador visto administrar, na área central da localidade, três empreendimentos – Stúdio Ilha dos Sapos, *CandyAll Guetho Square* e Associação Pracatum Ação Social. Além de manter laços de afetividade com o pai, irmãos e demais parentes e amigos que ainda residem na localidade.

Para ilustrar a vantagem obtida com as intervenções urbanísticas, com base no arquivo digital da LOUOS, a partir do uso da ferramenta: medida de distância, idealizou-se três percursos para carro com saída pela Rua Guilhermino de Freitas Jatobá com destino à Igreja Matriz Nossa Senhora de Brotas (vide FIGURA 13). O primeiro percurso, marcado em tom vermelho, com aproximadamente 1055 metros, tem como opção a estreitíssima rampa da Rua Santo Antonio, devendo o motorista ter cuidado, pois apesar de ser mão dupla, a mesma não tem largura para dois carros. Ao final, seguindo pela Ladeira Monsenhor Antonio Rosa, ao cruzar a Dom João VI, chegará à Igreja Matriz. O segundo percurso, cerca de 1720 metros, marcado em tom rosa, segue pela estreita Rua Nove de Outubro - antiga Rua da Vala -, na qual foi planejado pelo Projeto Tá Rebocado espaços próprios, tipo bolsões, permitindo um desvio para passagem, quando ocorrer o fluxo de dois carros. Seguindo o percurso, sobe-se um pequeno trecho da ladeira da Rua Paulo Afonso para alcançar o topo da Alameda Bons Ares. Ao final à direita, a Rua Waldemar Falcão e, adiante, a primeira à direita a avenida Dom João VI. O terceiro, e mais longo percurso, com aproximadamente 3718 metros, marcado em tom verde, segue pela Rua Leonor Macedo de Bittencourt até a Avenida Juracy Magalhães Júnior onde realiza um retorno à esquerda, para que, adiante, possa realizar outro retorno que dará acesso a Ladeira do Mulambo e, ao final, à esquerda, a Avenida Dom João VI.

⁴³ Entrevista concedida em agosto/2003

FIGURA 13



Fonte: Base Cartográfica - SICAR - 1992 - PMS / Estraido do CD LOUOS versão 2001 - FMLF
Escala 1: 9000
Autor: Selma Batista

Intervenções que ao usuário externo, favoreceu o rápido acesso ao bairro de Brotas, e aos moradores do Candeal Pequeno, a garantia de acesso de veículos como ambulância, fornecedores de gás, coletores de lixo, entregadores de compras, entre outros. Porém como as ruas são estreitas e praticamente não há calçadas, por parte dos moradores, existem queixas com relação ao intenso fluxo de carros de passeio que favorecido com as obras colocou em risco a livre circulação das crianças. E apesar da vantagem do acesso de veículos pesado, há entre um grupo de moradores preocupação, entre a capacidade de carga e a manutenção em infra-estrutura da pavimentação.

4 - RELAÇÕES SOCIAIS NO TERRITÓRIO

4.1 MODELOS DE SOLIDARIEDADE ORGÂNICA E FUNCIONAL ORGANIZACIONAL

Tendo resgatado trinta anos do processo de ocupação e dinâmica social no Candéal Pequeno, com base no conceito de território usado (SANTOS, 2003), chega-se à atual configuração socioespacial da localidade compreendida pelas poligonais: Candéal Pequeno e Fonte do Governo. Traçado que definido, impôs ao lugar a conformação de um território e, que, frente às adversidades do meio ambiente e das condições socioeconômicas da população, impostas pelo crescimento urbano, passa a ser gerido pela ação conjunta de organizações sociais. Estruturas jurídicas que objetivando contemplar as necessidades locais, abrem-se às demandas exógenas vinculadas às práticas organizacionais nas quais, tecnicamente, estão inseridas, criando sobre a base alicerçada na vida cotidiana, uma estrutura organizacional da qual os moradores, pela falta de conhecimento técnico e tempo hábil para o aprendizado, temporariamente, tornam-se dependentes.

Com este enfoque, neste capítulo, buscando compreender como estas organizações se relacionam e atuam na contigüidade do espaço geográfico, usando os modelos da *solidariedade orgânica* e *solidariedade organizacional funcional* (SANTOS, 2000), analisados com base nas categorias *verticalidades* e *horizontalidades* (SANTOS, 1996), buscou-se apreender a função social destas organizações, na expectativa de compreender como, a partir da ação conjunta entre o Mercado, o Estado e a Sociedade Civil organizada, se insere na esfera do lugar o padrão de uma ordem global, paradoxalmente, constituída.

Triáde formada pela conectividade espacial de organizações que embora atuem com foco em um mesmo fim, sabe-se, apresentam interesses individuais em geral pouco participativos. Dinâmica criada dentro de uma conjuntura política neoliberal que identificada como a práxis da ação coletiva⁴⁴, fez crescer e ganhar independência o chamado Terceiro Setor, segundo

⁴⁴ Segundo o dicionário político entendido como sendo “o comportamento típico de um indivíduo utilitarista, isto é, que age segundo seu próprio interesse, buscando sempre maximizar seu benefício pessoal dentro de associações organizadas”. <http://www.agoranet.org.br/az.htm>. Acessado em 13/maio/2005.

Fernandes (1995), considerado como organizações sem fins lucrativos de iniciativa privada com fim público e foco na equidade social. Entretanto, levando em consideração a intensidade com que os projetos são executados, e tendo as práticas, em geral, recurso financeiro captado junto aos setores público e privado da economia, tem se tornando cada vez mais difícil definir o limiar do campo de ação e o princípio ideológico de cada um destes segmentos dentro da estrutura socioeconômica. Isto porque, muitas vezes, para contemplar objetivos coletivamente traçados, o Terceiro Setor assume compromissos originalmente não embasados nos princípios da democracia social que Semeraro (1999), ao revisitar a obra de Gramsci, nos faz resgatar:

[...] a inovadora e fascinante concepção de homem e de sociedade que emana dos escritos de Gramsci, subverte os princípios do determinismo, do totalitarismo, do individualismo, do legalismo, do utilitarismo e afasta qualquer tentativa de conciliação e de reformismo que venham a comprometer o objetivo fundamental do seu projeto político: recriar as bases da sociedade pelas iniciativas livres e responsáveis dos trabalhadores capazes de chegarem ao ponto de traçar os rumos da própria história e de assumir a organização da sociedade. Nessa ótica, o agir político deixa de ser um ofício administrativo e uma operação lucrativa reservada a grupos privilegiados e passa a ser ato criador e socializador de toda a população (*ibidem*, p.237-8).

E que corrobora com a epistemologia da existência de Santos, permitindo-nos avançar em escala intra-urbana, buscando compreender, através dos fixos que abrigam as organizações sociais no território, como, no âmbito do lugar circulam, técnica, ciência e informação (SANTOS, 1996). Elementos que articulados, ao adentrarem na esfera do espaço cotidiano cujas relações se processam através de uma linguagem singular, causam um movimento nem sempre perceptível ou compatível com os objetivos do meio. Segundo o referido autor:

Nas condições atuais, as relações informacionais transportam com elas o reino das necessidades enquanto as relações comunicacionais podem apontar para o reino da liberdade. A tendência atual é que os lugares se unam verticalmente e tudo é feito para isso, em toda a parte. Créditos internacionais são postos à disposição dos países mais pobres para permitir que as redes modernas se estabeleçam ao serviço do grande capital. Mas os lugares também podem se unir horizontalmente, reconstruindo aquela base de vida comum, susceptível de criar normas locais, normas regionais... que acabam por afetar as normas nacionais e globais (SANTOS, 1996, p.206).

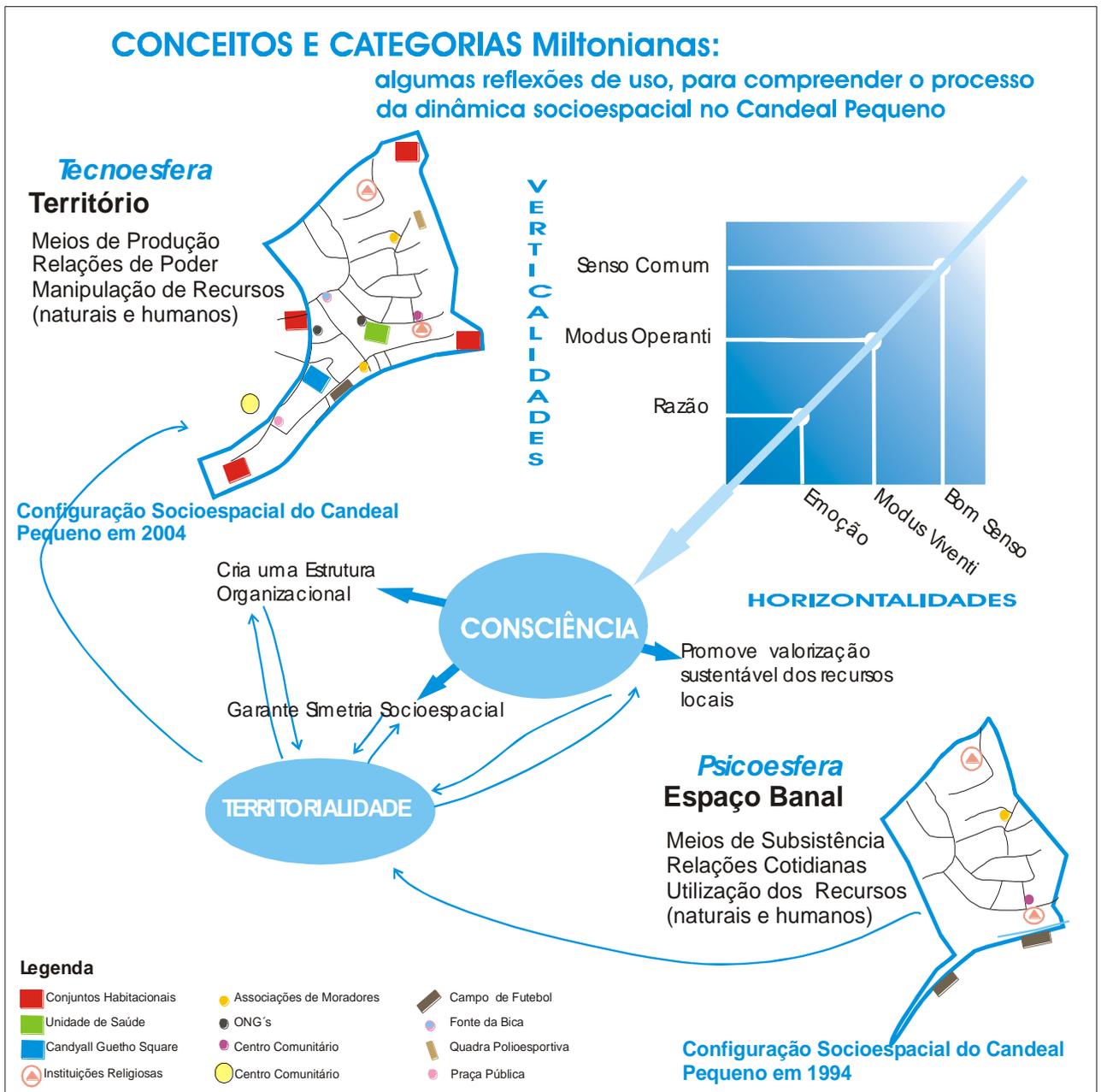
Assim, na tentativa de compreender como, no Candeal Pequeno, as organizações sociais se articulam, foi necessário investigar os princípios que as mobilizam. No entanto, abre-se aqui um parêntese, para esclarecer que não há pretensão de adentrar a discussão para o enfoque no conceito de poder, que é inerente ao contexto das organizações sociais, pois fazê-lo remeteria

a uma outra e ampla bibliografia. Contudo, ao nortear a investigação do objeto de estudo com base no conceito de *território usado*, entende-se, de acordo com a teoria, que o conceito de poder está presente e intrínseco quando Santos propõe como categorias de análise a solidariedade orgânica e a solidariedade organizacional. Isto porque adotando a epistemologia da existência, ao unir, para o entendimento dos fatos, razão e emoção, ele vislumbra evidenciar um poder que está tanto na base das verticalidades (espaço da técnica), como das horizontalidades (espaço da vida).

Adotando este modelo, é possível conjecturar como, no espaço banal, ocorre a confluência entre as horizontalidades e verticalidades e a partir de que momento este encontro promove a projeção do lugar à condição de território. Processo de transformação socioespacial promovida pela criação e ação da consciência coletiva por meio da valorização dos recursos contidos no âmbito do lugar e que, uma vez identificados, tornam-se ponto de referência e troca entre a tomada de consciência (homens cientes do seu direito cidadão) e a territorialidade (recursos naturais e culturais, utilizados de forma sustentável), tornando possível com a consolidação de uma estrutura organizacional multidisciplinar, a simetria socioespacial e a valorização sustentável dos recursos locais (vide DIAGRAMA 2).

Com este argumento, classifica-se, de acordo com Santos (2000,2001), dois modelos de organizações: as atuantes com foco na solidariedade orgânica e as regidas pela dinâmica do meio técnico-científico-informacional. A primeira centrada em um eixo cultural agrega como elementos norteadores, a valorização dos costumes e tradições, acrescido de um sentimento de pertencimento por parte dos moradores com o local habitado. Convívio que induz à coletividade e, por meio, dela, ao aprimorar a organização, facilmente, se cria meios de alcançar os ideais traçados. E o segundo modelo, são o das organizações que ao atuarem com foco nas demandas do mercado, sobrepõem à solidariedade orgânica, a solidariedade funcional organizacional. Assim a primeira, pautada em valores de uso, se estabelece no eixo das horizontalidades, no âmbito do que Santos convencionou chamar de espaço banal. E a segunda, pautada em valores de troca, se estabelece no eixo oposto, mas não excludente, das verticalidades.

DIAGRAMA 2



Fonte: A Natureza do Espaço Técnica Tempo Razão e Emoção, 1996
Interpretação: Selma Batista

Juntas, culminam com a racionalidade de uma ação coletiva. Conceito formulado a partir do seguinte raciocínio:

[...] primeiro é preciso admitir que, por mais variados que possam ser os desejos humanos, eles podem ter pontos em comum; num segundo momento, os homens reconhecem ter interesses comuns, o que Marx chamaria de adquirir "consciência"; a partir desses interesses comuns os homens planejam uma atuação coordenada para alcançá-los. Esta atuação

coordenada que tem origem num reconhecimento consciente de interesses comuns recebe o nome de ação coletiva ⁴⁵.

Práxis, que na dinâmica de um mundo globalizado, defronta-nos - como de forma eloqüente Santos descreveu - com “*o território vivo, vivendo*” (*op.cit*, 2001, p.247). Ou seja, para a *sociedade civil* estabelecida no eixo das horizontalidades, o território é base de sustentação do lugar, a partir do momento em que é tido não apenas como abrigo, mas, também, recurso, pois dele ela extrai sua fonte de subsistência. Para o *mercado*, no território os recursos são humanos, naturais e simbólicos. E propenso à incidência das técnicas que adentram via verticalidades, criam “*regras e normas egoístas e utilitárias (do ponto de vista dos atores hegemônicos)*” (*op.cit*. 1996, p.207).

No entanto, juntas, apesar da diversidade de interesses, sociedade civil, mercado e Poder Público, através de organizações, formam um conjunto indissociável solidário, mas também contraditório, uma vez que, de um lado, condicionam as formas como se dão as ações no território. E de outro, as ações condicionam a forma como devem atuar (SANTOS, 1996)⁴⁶.

Em novembro de 2004 e junho de 2005, período de realização do trabalho de campo pertinente a este capítulo, como organizações juridicamente legalizadas e diretamente envolvidas com o processo da dinâmica social do qual resulta a atual configuração socioespacial do Candeal Pequeno, existiam: 1) três associações de moradores: Fonte do Governo – AMFOGO; Defesa e Progresso - AMDP e Nove de Outubro - AMNO; 2) uma entidade religiosa – Congregação Irmãs Ancilas no Brasil; 3) duas organizações sem fins lucrativos: Associação Lactomia Ação Social – ALAS e Associação Pracatum Ação Social – APAS (vide FIGURA 14).

⁴⁵ De acordo com o site: <http://www.agoranet.org.br/az.htm>. Acessado em 13/maio/2005.

⁴⁶ Ver (*ibidem*. p.52).

FIGURA 14

CANDEAL PEQUENO: ORGANIZAÇÕES SOCIAIS ano 2004

Associação de Moradores Defesa e Progresso – ano de fundação 13/07/1978

Presidente/ ano 2004 Arinalva Arcanjo dos Santos

Atividade

foco nas tradições culturais



Sede da Associação
Rua Candeval Pequeno
(Candeval de Cima)

Associação de Moradores Nove de Outubro – ano de fundação 31/07/1991

Presidente/ ano 2004 Graciete Batista Bispo dos Santos

Atividade

foco em práticas de
mobilização comunitária



Sede da Associação
Rua 9 de Outubro
(Candeval de Baixo)

Associação de Moradores Fonte do Governo – ano de fundação 27/03/1997

Presidente/ ano 2004 Nilton da Silva Viana

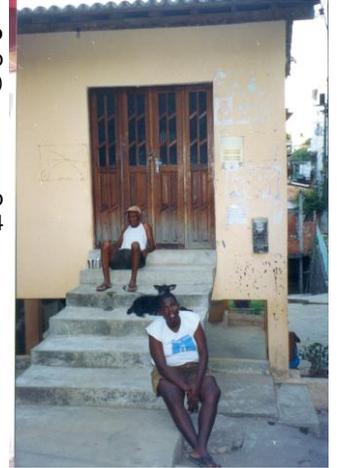
Após as intervenções - ano 2004

Atividade

foco em práticas esportivas
(realizadas no campo de várzea - terreno
privado - única área de lazer)

Sede da Associação
Rua Fonte do Governo
(Fonte do Governo)

Inaugurada no
ano de 2004



Congregação Irmãs Ancilas do Brasil – ano de fundação 1981

Responsável/ ano 2004 Irmã Maria Cândida Binotto

Atividade

foco em ações solidárias e
educação religiosa

Centro Comunitário
Menino Jesus
Rua Fonte do Governo
(Fonte do Governo)



Centro Comunitário Madre Helena
Rua 18 de Agosto (Candeal de Baixo)



Sede da Associação
Ladeira Monsenhor
Antonio Rosa
(Fonte do Governo)



Associação Lactomia Ação Social – institucionalizada no ano de 2004

Responsável Mestre Jair Rezende (ao centro com o grupo)

Atividade

foco em formação musical com uso de instrumentos confeccionados com material reciclável



Grupo "Os Piralhos" Espanha/2005

Sede da Associação

Rua 18 de Agosto
(Candeal de Baixo)



final dos anos de 1990



anos de 2005

Associação Pracatum Ação Social – idealizada no ano de 1994

Presidente/ ano 2004 Antonio Carlos Santos de Freitas –
Carlinhos Brown

**Sede da Associação Pracatum
Ação Social**

Rua Paulo Afonso
(Candeal de Baixo)

Obras iniciadas em 1997



Atividades

Educação

Escola de Música Profissionalizante Pracatum

– inaugurada em 26/03/1999

Desenvolvimento Comunitário
*Projeto de Melhorias Urbana e
Habitacional*
– **Tá Rebocado**



Por não haver trabalhos acadêmicos com o enfoque proposto neste estudo, para contemplar a análise qualitativa e quantitativa que o capítulo estimula, foi de fundamental importância o acesso às fontes de informações primárias obtidas através de entrevistas e questionários aplicados com: Nilton da Silva Viana - AMFOGO, Arinalva Arcanjo dos Santos – AMDP, Graciete Batista dos Santos – AMNO, Jair Rezende – ALAS, Judith Leite - coordenadora pedagógica da Escola de Música Pracatum, e irmã Maria Cândida Binotto – coordenadora da Congregação Irmãs Ancilas do Menino Jesus. Entre as fontes documentais relacionadas às organizações, se teve acesso ao: jornal comunitário A Voz da Comunidade, editado pela AMFOGO; Estatuto Social da AMNO datado de 31/07/1993; Ata de Assembléia Geral de 07/10/1997; Texto de Apresentação da ALAS, redigido por Antonio Mario Sena; Plano Global de Ação 2004-2005, redigido pela Congregação Irmãs Ancilas do Menino Jesus – Comunidade de Brotas – Casa de Nazareth; Documento Referência da APAS, redigido em 2001; relatório ‘Estudo de Caso Tá Rebocado’, editado pelo IBAM no ano de 2004; Relatório de Pesquisa Socioeconômica do Candeal, redigido em 1997; Release produzido pela Mais Comunicação, redigido no ano de 2000; Documento Discussão da JSI JohnSnowBrasil - Definindo a Visão Estratégica da Pracatum, ano 2002. E, cedido pela CONDER, em forma de documento impresso, se teve acesso ao projeto Viver Melhor Candeal Pequeno, pró-moradia/97 e, em forma digital, um CDROOM com histórico das intervenções executadas. Como procedimento relevante, destaca-se, para a redação deste capítulo, o intenso convívio do pesquisador com seu objeto de estudo, possibilitando, em diferentes etapas de acompanhamento, ampliar a leitura da realidade, como veremos a seguir, a partir da descrição do perfil, recursos e práticas das organizações sociais atuantes no limite da área de estudo.

4.2 O PERFIL DAS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS

Associação de Moradores Defesa e Progresso

À sombra de uma mangueira, no Largo do Tamarineiro (ponto de maior altitude), a partir da criação de um grupo organizado de moradores, era fundada em 13 de junho de 1978, a primeira associação de moradores do Candeal Pequeno⁴⁷. Ato concretizado, com objetivo de oferecer aos moradores um local, para abrigar e organizar eventos culturais e religiosos

⁴⁷ Informações obtidas com a presidente da associação Arinalva Arcanjo (popularmente conhecida como Tita) - nov/2004.

realizados com fundamento nos elementos étnico-culturais existentes na localidade que, hoje, abriga a 7ª geração da família Sant'Anna e Mendes. E, que, apesar da especulação imobiliária, mantêm preservado como herança e testemunho o *Terreiro de Ogum* (FIGURA 15). Um Santuário em homenagem à *Ogum*, localizado na atual Praça Alcebíades Damasceno, popularmente conhecida como Largo do Tamarineiro, devido à existência de um exemplar, desta espécie, da flora brasileira.

FIGURA 15



Santuário da Pedra de Ogum
Elemento Simbólico que fundamenta a existência da localidade
Foto: Selma Batista

Local sacro, cujo acesso permitido apenas com a permissão dos descendentes que têm a posse da chave, é que possibilita o encontro espiritual com a entidade de *Ogum*, representado por um elemento natural, uma rocha. Segundo narrativa dos familiares, está chegou à atual localidade do Candeal Pequeno, junto ao corpo de Manoel Mendes, através da camisa que usava, quando retornou de uma missão de guerra. Ainda, de acordo

com os relatos, a pedra suja de sangue teria protegido de doenças e morte o guerreiro em seu exercício e, por este motivo, a esposa Josepha, creditando à pedra a proteção de *Ogum* - orixá arquétipo do guerreiro - ao marido, “planta-a” no solo e no mesmo local em que foi lançada está até hoje. Só que com o passar do tempo, segundo a vivência e o relato dos descendentes⁴⁸, a pedra cresceu e estabilizou-se no formato atual, algo em torno de 25 cm.

Não há precisão sobre a data de chegada deste elemento que agregou em sua matéria forte significado simbólico. No entanto, de acordo com as memórias de seu Raimundo Quirino, foi por volta de 1949, quando este tinha sete anos, que teria tido início no primeiro dia do ano na Igreja Matriz Nossa Senhora de Brotas, as missas em homenagem ao orixá Ogum, padroeiro do Candeal Pequeno que, no cristianismo, tem sincretismo com São Jorge ou Santo Antônio.

⁴⁸ Informações obtidas em campo, com parentes da 4ª e 5ª gerações da família pioneira, residentes no Largo do Tamarineiro.

Segundo recordações de dona Laura, atualmente, com 87 anos, e Tita, na época uma criança, da Igreja Matriz, os adeptos saíam em procissão até o Largo do Tamarineiro, que para a festa, era todo enfeitado com bandeirolas. Ocasão única, em que o portão do terreno era aberto, possibilitando aos moradores através do acesso ao *Terreiro de Ogum*, proximidade com o orixá, representado pela rocha. Para dona Laura, aquele dia “*era uma grande festa, todos traziam um prato para compor a mesa, tinha canjica, mugunzá. Era um entrando na casa do outro, a gente fazia muitas brincadeira (...) Hoje é diferente*”⁴⁹.

Com o espírito de quem conhece a história do seu local de origem é que a líder comunitária, Arinalva Arcanjo dos Santos, atualmente, com 50 anos de idade, está a oito anos, por eleição direta, à frente da presidência da associação de moradores. Embora, segundo o estatuto, o tempo de mandato seja de dois anos, não há em períodos de eleição, chapas concorrentes.

No ano de 2003, junto à equipe técnica do Programa Tá Rebocado, com verba do projeto de melhorias, a sede da associação obteve benfeitorias como: reboco em alguns ambientes, colocação de portas e janelas, acabamento da infra-estrutura do sanitário, cabeamento elétrico para computadores e, no tom rosado, pintura da fachada externa e estrutura interna⁵⁰. Sendo os 172 metros de piso em cerâmica, adquirido e assentado com recursos de doações.

Benfeitorias que possibilitaram reabrir a sede à comunidade, oferecendo, no espaço do primeiro piso, uma pequena cozinha, um banheiro e um salão principal com cerca de 40m², em geral, utilizado para a prática do dominó, reuniões e camarim, quando acontecem eventos culturais, em área pública. No segundo piso, o espaço compreende um banheiro e duas salas. Uma ampla, com duas janelas e capacidade máxima para 40 carteiras escolares, é utilizada para cursos e reuniões. E outra, com um pequeno basculante e capacidade para 10 carteiras escolares, destina-se a atividades diversas.

Com relação à posse de recursos tecnológicos, como telefone, fax, computador e internet, a associação, até o momento da entrevista, não possuía nenhum item em seu patrimônio. No

⁴⁹ Relatos de Dona Laura Arcanjo, na ocasião do depoimento 87 anos. Faleceu em 2005.

⁵⁰ Através do trabalho de campo e como profissional contratada pela APAS, foi possível identificar a dificuldade encontrada pelos técnicos e lideranças, em manter o padrão de qualidade do material utilizado nas obras de melhorias, comprados sob responsabilidade de técnicos da CONDER. Situação de conflito que em reuniões e assembléias gerava discussões entre as partes interessadas, mas não se conseguiu avançar, como o esperado, para romper com este sistema vicioso de alguns segmentos públicos. E esta dificuldade, fez com que no plano de meta 2005, a associação de moradores Defesa e Progresso, inserisse no orçamento a troca de portas e serviços de manutenção de infiltrações.

entanto, junto a uma instituição de ensino de língua inglesa, mantinha em consignação, um televisor, um aparelho de som e um vídeo cassete. Eletroeletrônicos necessários para ministrar as aulas de inglês, três vezes por semana, na sede. Quanto aos equipamentos de uso comum, não possuía bebedouro e, doados, em estado regular de conservação, possuía geladeira e fogão.

Como agradecimento aos moradores pela participação no documentário “*El Milagro de Candéal*”, a produção do cineasta Fernando Trueba doou, igualmente às três associações de moradores, o valor de três mil euros. Com este recurso, a presidente da AMDP, previa adquirir, ainda em 2004, bebedouro elétrico, televisor 20 polegadas, vídeo cassete, ventiladores de teto, e material permanente para as aulas de artes plásticas, constantes no calendário de atividades da associação.

Entre outras atividades acontece na sede aulas de dança, que, instruídas pela líder comunitária Tita, são aplicadas pelos próprios componentes do grupo que, duas vezes por semana, reúnem cerca de 50 crianças para os ensaios dos grupos Mistura, Girassol, Arco Íris, Nova Geração, Candéalenses e *Street Angel*. E quando há apresentações, para que possam cobrir gastos com despesas e figurinos, em geral idealizados com material reciclável e confeccionados com o auxílio de mães voluntárias, os valores são entre eles arrecadado. Na área da educação, a associação, por intermédio da APAS, firmou convênio com a Escola de Inglês ACBEU, que, por meio de um processo de seleção, oferece 51 vagas para o curso profissionalizante de língua inglesa, com duração de seis anos, com 2 horas e meia de aula, uma vez por semana. Por parte do aluno, o investimento de R\$ 10,00 (dez reais) mensais, garante material didático, aulas e manutenção do suporte técnico. Também, com turmas pela manhã e tarde, o reforço escolar, atende em média 30 crianças, e é realizado com trabalho voluntário de moradoras da localidade. Por ocasião da entrevista, em novembro de 2004, como atividade extra, com o trabalho voluntário de moradoras residentes nos condomínios fechados do entorno, estavam sendo ministradas aulas de artesanato e terapia em grupo.

Ocorre ainda, no espaço físico da associação, o projeto Viva Canção, parceria firmada entre a APAS e a Secretaria de Educação do Município. O Projeto, que atende crianças indicadas pelas escolas municipais localizadas nas imediações do Candéal Pequeno, oferece, para cerca de 150 crianças, atividades de música, artes plásticas e dança e, após as atividades, um lanche. Também acontece na associação, semanalmente, reuniões com o Grupo Jovem do Candéal.

Encontros que auxiliam os 15 jovens envolvidos a identificar demandas e criar ações pontuais com foco no desenvolvimento da comunidade.

No ano de 2003, alguns moradores adeptos da prática esportiva, sofrendo com a falta de espaço público para lazer, conseguiram com o apoio de um político, a construção de uma quadra poliesportiva para uso dos moradores, minimizando, com o equipamento, o risco de acidentes entre transeuntes e carros. Risco freqüente ao final da década de 1990, quando o local, via Ladeira Santo Antonio, passa a ser utilizado como atalho, permitindo, a partir do Loteamento Cidade Jardim, acesso mais curto ao bairro de brotas.

Para o Plano de Ação 2005, entre os projetos elaborados pela associação, havia empenho em desenvolver ações nas áreas de geração de emprego e renda, saúde e meio-ambiente, e educação e cultura.

Associação de Moradores Nove de Outubro

Fundada em 31 de julho de 1991, a sede da associação de moradores Nove de Outubro leva este nome devido ao movimento de moradores que, nesta data, no ano de 1991, ergueram, em área situada no limite norte ao condomínio Quinta do Candéal, em uma noite, cerca de 15 barracos. Hoje, a área ocupada legalmente, pertence ao limite do Candéal Pequeno e abriga na esquina da 1ª travessa da Rua Nove de Outubro, a sede da associação, que à frente da presidência, tem o comando da ex-moradora de aluguel no Candéal Pequeno, Graciete Batista Bispo dos Santos. Uma das responsáveis pela mobilização de moradores, realizada com intuito de garantir o direito ao habitar e a proteção de áreas limítrofes do território em relação ao entorno, que, de modo veloz, ameaçava comprimir os limites geográficos do lugar. No entanto, se, por um lado, a ação contou com a intervenção negativa de policiais e empresários do segmento imobiliário, por outro, teve apoio do Movimento dos Sem Teto e de intelectuais voluntários à causa, possibilitando abrir um processo e garantir a legitimidade da ação. Um histórico que dita o perfil político e militante assumido pela presidente da associação e que fica evidente quando ao lhe perguntar sobre qual a área de abrangência e atuação da

associação de moradores Nove de Outubro, obter como resposta que “*não há limite, é a totalidade*”⁵¹.

Uma totalidade que extrapola o Candeal Pequeno e, para o entendimento dos fatos que ocorrem no lugar, vai buscar auxílio e informação junto as instituições e grupos organizados que, articulados, discutem uma pluralidade de assuntos que vão desde a administração e o estatuto de uma associação de moradores, até temas pertinentes ao Estatuto da Cidade, Plano Diretor, cidadania, ALCA, drogas, entre outros.

E, hoje, aludindo ao episódio da invasão, rua e associação de moradores levam no nome a marca de uma conquista. E embora singela, para os moradores, a associação representa um elemento importante no histórico de conquista do Candeal Pequeno. A estrutura erguida com recursos públicos entregou aos moradores uma edificação com instalações básicas. E, segundo Ciete, coletando do chão do *CandyAll Guetho Square* latinhas de cervejas após os ensaios da Banda Timbalada, foi que o piso e a pintura foram colocados, com recursos obtidos com a venda das mesmas. Um trabalho que envolvia associados fiéis, como a jovem Ana Cláudia dos Santos, sempre voluntária nas atividades da associação. A estrutura pequena e vagarosamente construída, hoje conta com uma sala, com espaço para cerca de 30 carteiras, um banheiro coletivo, uma pequena cozinha e uma área externa coberta com placa de Eternit e cercada com alvenaria, onde são realizados, reuniões, cursos e eventos.

Outro elemento de resistência, localizado nas imediações da associação é o campo de futebol de várzea, localizado na rua 9 de Outubro, e que por ocasião da invasão, em 1991, configurou-se como uma barreira ao avanço dos moradores “pagadores de aluguel”. Isto porque, para as famílias tradicionais, em meio ao desmatamento do entorno e à elevada densidade populacional na área, os espaços de lazer tornavam-se cada vez mais restritos. E, sendo o campo a única área pública existente, era incondicional para os moradores estabilizados na comunidade a necessidade de preservá-lo enquanto recurso e não abrigo. Com este enfoque, o episódio da invasão criou uma fragmentação na área do fundo de vale, que passou a contar com dois territórios rivais, a *área dos invasores* e a *área dos tradicionais*. O campo permaneceu como área pública de lazer. Entretanto, conta com uma administração que sob os cuidados de um grupo atribuiu ao lugar, normas de acesso e uso.

⁵¹ Fala de Graciete Batista (popularmente conhecida como Ciete), em entrevista realizada em nov./2004.

Quanto à infra-estrutura, com o recurso financeiro também recebido pela produção do cineasta Fernando Trueba, após uma pesquisa de preço, a associação adquiriu computador, geladeira, fogão, bebedouro e ventiladores de teto. Carteiras, mesas e cadeiras, em regular estado de conservação, fazem parte do patrimônio da sede, tendo sido doadas por instituições privadas.

Entre as atividades desenvolvidas, a associação mantinha, em novembro de 2004, com trabalho voluntário de jovens residentes na comunidade, um grupo de dança com 48 moradores, na faixa etária entre 10 e 20 anos. E um grupo de capoeira, com 32 participantes, com idades entre 4 e 20 anos. Com trabalho de um voluntário não residente no Candéal, 62 moradores com faixa etária entre 7 e 22 anos, participavam de um curso de manequim, cuja inscrição paga com um quilo de alimento, resultaria em doações. Através da APAS, a associação firmou parceria com o Comitê para Democratização da Informática - CDI, organização sem fins lucrativos, que promove programas objetivando oferecer, às crianças e aos jovens, informações básicas de computação, adotando como metodologia a capacitação dos próprios moradores, para que estes sejam, depois, monitores e coordenadores do projeto no bairro. Na ocasião, segundo a líder comunitária, três jovens do Candéal estavam sendo capacitados para formar novas turmas, tendo o curso, em outra ocasião, contemplado 39 jovens, com formação básica.

Associação de Moradores Fonte do Governo

Em 27 de março de 1997, é legitimada a associação de moradores Fonte do Governo, tendo sido seus limites geográficos inseridos no *Censo e Pesquisa de Opinião*, organizado pela APAS. No entanto, embora geograficamente a área tenha sido inserida no limite da poligonal traçada para a intervenção do Projeto Tá Rebocado, poucas benfeitorias foram realizadas, visto o maior volume de melhorias habitacionais estar previsto para a terceira etapa do projeto. E devido à distância e difícil acessibilidade, tanto associação como moradores, em geral, sofrem com a informação tardia das atividades que envolvem a dinâmica do Candéal Pequeno. Embora, segundo o presidente Nilton da Silva Viana, desde a fundação da APAS, sempre tenha havido a participação dele e de moradores em reuniões e assembléias

comunitárias, pois era este o meio de levar aos técnicos as carências urbanas e habitacionais existentes em sua localidade⁵².

Oficialmente na gestão há oito anos, seu Nilton conta com o apoio direto de seu Raimundo Quirino, ambos naturais da comunidade, sendo seu Raimundo pertencente à árvore genealógica da família pioneira do Candeval Pequeno. O nome dado à associação deve-se à existência de dois minadouros que, ininterruptamente, promovem no lugar, de geografia altamente acidentada, uma melodia harmoniosa ao ritmo da queda d'água que corre em direção ao fundo de vale. Elementos naturais que, na década de 1960, favoreceram na área a alta produção de hortigranjeiros, bem como criação de cabras e porcos que sustentavam as famílias do lugar, sendo a produção excedente vendida em feiras⁵³.

Hoje, a área desnuda abriga um campo de futebol de várzea. Aparentemente, simples espaço de lazer, mas, através do convívio junto aos moradores e do resgate do processo de ocupação da área, por situar-se no limiar entre a Fonte do Governo e os empreendimentos privados dos Loteamentos do Candeval Grande, caracteriza-se como um recurso, envolvendo interesses, tanto para os moradores da Fonte do Governo, como para o proprietário da área, senhor Fernando Calabrich. Por parte dos moradores, o campo, em uso, representa a possibilidade de, ao conservar o solo e a várzea em seu entorno, estar se adquirindo direito lícito e, pretende-se, permanente, da única área de lazer existente para os moradores. Por parte do proprietário da área, o uso e a manutenção pelos moradores parecem representar a garantia de não invasão da terra com moradias. Acordo passível de ser rompido a qualquer momento.

Pela posição geográfica, a população conta com apenas duas deficientes vias de acesso. Uma pelo alto da encosta, através da rua Monsenhor Antonio Rosa, cujo percurso, obrigatoriamente, exige do morador o uso de vários lances de escada. Situação que, em 1994, para facilitar as condições de acesso para os enfermos, idosos, crianças e gestantes, com cimento doado por um político, em mutirão, os moradores recuperaram degraus comprometidos e fixaram corrimãos às escadarias⁵⁴. Como segunda alternativa e única via

⁵² Informação obtida em entrevista - nov/2004.

⁵³ Informação obtida em entrevista com D. Antonia Ribeiro Cortes, 80 anos - maio/2005.

⁵⁴ Consta, redigido pelos moradores em formato de história em quadrinhos, no jornal comunitário “*A Voz da Comunidade*”, um resumo das dificuldades enfrentadas nos quesitos infra-estrutura urbana, vias de acesso, área de lazer e escolinha de futebol. O objetivo era chamar a atenção para a realidade do lugar que, distante da centralidade – a área do fundo de vale, onde aconteciam as manifestações culturais e sociais - poderia não ter suas demandas contempladas. E ainda que, à equipe técnica da APAS, tenha sido entregue um exemplar, pouco

para acesso de carros, os moradores contam com uma passagem, via Loteamento Candeval, que, em épocas de chuva, pela falta de pavimentação, torna-se impraticável.

Embora fundada em 1997, apenas sete anos depois, a associação passou a contar com uma sede que, construída com supervisão da APAS e recursos vinculados ao Programa Viver Melhor, ofereceu à comunidade um local para as reuniões e novas atividades. E, embora a área da Fonte do Governo não tenha participado das filmagens do documentário “*O Milagre do Candeval*”, como as demais, também foi beneficiada com o recurso advindo da produtora. Montante que, em consenso entre os representantes, foram investidos em uniformes, bolas, apitos e coletes para as atividades coordenadas pelos moradores associados à Liga de Futebol do Candeval Pequeno (Fonte do Governo), responsável, desde 1991, pelo trabalho voluntário com média de 35 crianças participantes na escolinha. Parte do material também utilizado pela Liga para partidas e campeonatos, organizados aos finais de semana, incrementam o orçamento de alguns moradores, que, aproveitando o fluxo de jogadores provenientes de outros bairros, arriscam a venda de picolés, acarajés, pastéis e bebidas. Outra parte do recurso foi investida na aquisição de um computador e acesso à internet e, em estado regular de conservação, de “segunda mão”, comprou um fogão que fica na sede, cuja estrutura compreende um pequeno salão, uma cozinha com espaço para a pia e fogão e um banheiro.

Associação Lactomia Ação Social - ALAS

Com 25 anos de idade, à frente da produção musical de seis bandas percussivas, desenvolvendo um trabalho de conscientização ecológica e confecção de instrumentos musicais com material reciclável, está o jovem Jair Rezende de Miranda. Descendente de paranaenses, Jair viveu a infância no Candeval Pequeno e, apaixonado por música, tinha, apenas, no rádio de pilha, a possibilidade de ouvir o que se produzia no Brasil e no mundo. Até o momento, em que através do trabalho de Carlinhos Brown e, em seguida, da Banda Timbalada, passou a ouvir no rádio a produção do lugar onde morava. Motivação suficiente para torná-lo discípulo de Brown e mestre da “música de lata” no Candeval Pequeno.

Hoje, sob a regência de sua batuta, o jovem loiro e de olhos azuis, contrasta com o perfil afro-descendente da média dos 150 integrantes que compõem as bandas Lactomia, Lactoboy,

foi conquistado, pois via Projeto Tá Rebocado, segundo o censo, havia demanda de maiores investimentos nas áreas localizadas no fundo de vale do Candeval Pequeno.

Lactogirl, Lactosamba, Os Pirralhos e Meninos de Lata. A maioria, formada por moradores do Candeal Pequeno, sendo 55% crianças com faixa etária entre 6 a 13 anos, 25% adolescentes de 14 a 21 anos e, os demais, jovens com faixa etária acima de 21 anos e que, pelo tempo de envolvimento com Jair, tornaram-se multiplicadores e contribuem com o que aprenderam de teoria musical, educação ambiental e confecção de instrumentos recicláveis, com o desenvolvimento das atividades com os novos aprendizes. As aulas, que acontecem em um pequeno salão, produzem, ao som excêntrico dos materiais reciclados, instrumentos como: Timbales de Lata - técnica do repique; Timbanco; Tambor Térmico; Isopor de Cerveja; Caixote - que são tocados com uma técnica semelhante ao Timbau; Estantes de Surdos - também chamados de três surdos, técnica semelhante à do Tímpano; Gongos de Bacia; Timbales de Latas; Tubulação Metálica; e Chocalho de Tampa de Cerveja. A criatividade estendida na criação dos figurinos, também confeccionados com material reciclável, garante excentricidade, ganhando notoriedade nas apresentações internacionais.

Assim como as associações de moradores, a ALAS, devido carência financeira e falta de conhecimento técnico-organizacional, apenas no ano de 2004, favorecida com a doação que recebeu pela participação no documentário de Fernando Trueba, se regularizou juridicamente. Condição que possibilitou firmar parcerias e, com recurso financeiro advindo de uma instituição de fomento social, transformar o salão de ensaios em galpão de arte-educação, agregando à música projetos de inclusão digital, teatro, dança e literatura. Projeto em execução, com entrega prevista para o segundo semestre de 2005.⁵⁵

Além de apresentações musicais, por sua prática, a ALAS adiciona ao currículo participação em eventos educacionais, *clips* musicais, participações especiais com músicos brasileiros e estrangeiros e, como última produção, a participação na película “*El Milagro de Candeal*”. Sem recursos humanos, os eventos contam com o apoio voluntário dos educandos mais velhos no grupo e alguns moradores, como o jovem Antonio Mario Sena, adepto do trabalho social realizado. Nem todos os grupos têm, ainda, destaque no cenário musical, todavia, alguns músicos já inserem ao currículo participação em eventos de grande porte, realizados tanto no Brasil, como no exterior.

⁵⁵ Informações obtidas com Jair Rezende de Miranda - maio/2005.

Os cachês nacionais, em média, rendem R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais) e os estrangeiros, cerca de R\$ 200,00 (duzentos reais)⁵⁶. Entretanto, nem sempre equivalem ao tempo e energia empreendidos com a pré e pós-apresentação. Isto porque, como os instrumentos são confeccionados com material reciclado exige na confecção, locomoção, montagem e afinação, cuidados redobrados em relação a um material convencional. Assim como o figurino, também, totalmente, confeccionado em um modo de produção artesanal. Logo, uma caixinha de ferramentas e costura caracteriza-se como acessório básico para um músico da ALAS. Entre participações expressivas, consta na cidade de Salvador, em 1998, **PercPan - Panorama Percussivo Mundial**, evento organizado por Gilberto Gil e Naná Vasconcelos, e, em São Paulo, “**Palco, Academia e Periferia: O Penhor dessa Desigualdade**”, coreografia de Ivaldo Bertazzo e o percussionista Naná Vasconcelos. Em 1999, na Itália, em Florença, uma participação especial, ao lado de Carlinhos Brown em evento organizado pelo Unicef. Em 2001, na cidade de Londrina, **VII Simpósio Paranaense de Educação Musical**, com o tema "Educação Musical: Transitando entre o Formal e o Informal"; e, na Alemanha, em Wuppertal, quatro músicos da ALAS acompanharam o músico Naná Vasconcelos em espetáculo organizado pela coreógrafa Pina Bausch. Em 2002, em Londrina, **22º Festival de Música de Londrina e VIII Simpósio Paranaense de Educação Musical** com o tema "Música e Cidadania: A Formação do Educador Musical". Em 2003, Nova Iorque, **Lincoln Center de Nova Iorque**, ao lado da Banda Timbalada. Em 2005, na Espanha, em Madrid, **Cabalgada dos Reis Mago e Festival Womad**⁵⁷.

Como participações especiais, o acervo da associação inclui faixas gravadas em CDs com músicos de repercussão nacional, como Elza Soares, Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown, Grupo Timbalada, Banda Beijo; e, na linha infantil, gravações com Sandra Peres e Paulo Tatit. Entre as participações internacionais, Aldo Brizzi, Ricki Martin, entre outros.

Congregação Irmãs Ancilas no Brasil

Desde a fundação, no ano de 1981, à frente do trabalho está a italiana Irmã Maria Cândida Binotto, responsável pela construção da sede da congregação sem fins lucrativos, localizada mais próxima à Fonte do Governo, do que as demais áreas do Candeal Pequeno. Atuando com base no princípio cristão, busca desenvolver no indivíduo, a partir de suas potencialidades,

⁵⁶ Informação obtida com Antonio Mario Rosa - maio/2005.

⁵⁷ Informações extraídas do Documento Referência da ALAS - ano/2005.

crescimento e formação integral. Com foco na valorização da criança, família e comunidade, a entidade acredita que apenas em conjunto e de forma solidária é possível, de fato, resgatar e solidificar o sentimento de cidadania, pautada em valores éticos, religiosos e educacionais. Com esta missão, há 25 anos, realiza inúmeras atividades sociais junto aos moradores do Candeal Pequeno e, apesar de estar situada nesta, atende também, em Brotas, a localidade de baixa renda do Alto do Saldanha.

A sede, construída em terreno doado pelo Retiro São Francisco, hospeda as Irmãs Cândida, coordenadora; Yolanda, educadora e psicopedagoga; Jacira, supervisora regional e estudante de pedagogia; Leonora, que estudará teologia na África; e Miquelina, Lourdinha e Sirle. Com destaque, Irmã Cândida atribuiu créditos à importância do cargo conquistado pela Irmã Jacira, por ser a primeira brasileira a ocupar a função de liderança regional na Congregação que, com sede na Itália, conta, no Brasil, com outras unidades semelhantes à existente no Candeal Pequeno. Elogios que apontam o bom desempenho conquistado pela equipe, que divide entre as irmãs as atividades. Ainda com relação à infra-estrutura, a sede conta com cozinha; copa; escritório; sala de reuniões; biblioteca; oratório; jardim, com diferentes plantações de ervas medicinais; quintal, onde também se desenvolvem atividades lúdicas e manuais; garagem, que abriga um fusca e uma Kombi e dormitórios destinados às irmãs e hóspedes em missão ecumênica.

Também sob coordenação da entidade estão duas escolas, para crianças, uma na Fonte do Governo, identificada como Comunidade Menino Jesus e outra, Centro Comunitário Madre Elena, localizada no Candeal de Baixo – em frente ao Terreiro de Candomblé, de Mãe Angelina, que, segundo Irmã Cândida, em uma ocasião, foi convidada e participou de uma aula expositiva, objetivando desmistificar, no imaginário de algumas crianças, o sentido construído no senso comum de que, no candomblé, há demônios e maldade.

Ação que demonstra a necessidade de se discutir e aceitar no outro as diferenças na tentativa de evitar qualquer tipo de repressão ideológica e construção equivocada de conceitos que fundamentam cada prática. Porém, com base em um relato feito por Carlinhos Brown⁵⁸, a mesma aceitação às diferenças religiosas não ocorreu por parte do Retiro São Francisco - não investigado para este trabalho, por não manter nenhum vínculo de relação com as demais

⁵⁸ Reunião Geral na APAS, em 12.03.2003.

organizações, embora atenda moradores da comunidade prestando serviços clínicos, lúdicos e espirituais – que, por vezes, manifestou-se contra as práticas religiosas ocorridas nos muitos terreiros existentes, nas mediações onde hoje se localiza a sede da APAS. Ocorre que o Retiro São Francisco, devido à carência de infra-estrutura hoteleira na cidade, ao longo da década de 1970, por sua localização em área de verde abundante, serviu de hospedagem a personalidades nacionais e internacionais em visita a Salvador. E, na tentativa de preservar o conforto auditivo dos hóspedes, segundo a narrativa, chegaram a aplicar uma brutal represália, matando, envenenados, dezenas de cães que, simbolicamente, pagaram pelo autoritarismo, que, pressupõe-se, não suportou ver reproduzido, com maior evidência o som dos timbaus - típico em manifestações religiosas de origem africana .

No entanto, aceitando as diferenças e seguindo com base no fundamento cristão, a Congregação Irmãs Ancilas no Brasil atua de forma holística, tendo como principal preocupação atender o indivíduo em suas necessidades básicas - educação, saúde e alimentação. Triade que fomentou, na Itália, a formação de uma rede solidária composta de padrinhos, que contribuem com o valor de um euro por dia, para cada criança apadrinhada. Aos cuidados da Congregação, este recurso é distribuído, atendendo, diretamente, 60 crianças assistidas por um turno na escola gerida pela entidade. E, indiretamente, mais 60, que se beneficiam da infra-estrutura e serviços prestados, pelas duas escolas, que oferecem três horas de atividade pedagógica monitorada por 9 professores, que, rotineiramente, atendem as crianças em suas demandas escolares, visto, obrigatoriamente, freqüentarem a escola formal no período da tarde. E os professores, segundo irmã Cândida, apesar de voluntários, recebem, pelas atividades prestadas, uma ajuda de custo mensal no valor de R\$ 160,00 (cento e sessenta reais)⁵⁹. No turno em que estão recolhidas na sede educacional da Congregação, muitas crianças têm na alimentação oferecida a única fonte de vitaminas, minerais e nutrientes ingeridos no dia, visto tanto o lanche matinal como o almoço comporem ingredientes balanceados.

As crianças apadrinhadas, embora não recebam valores em espécie, têm a maioria de suas necessidades supridas pela entidade que, periodicamente, envia aos padrinhos cartas redigidas pelas crianças, contando a evolução de seu desempenho escolar e humano. Há casos, inclusive, em que as necessidades habitacionais são tão preeminentes que há, no histórico de ações realizadas pela entidade, aquisição de imóveis e promoção de melhorias habitacionais.

⁵⁹ Entrevista realizada em maio/2005.

Em parceria com a Pastoral da Criança, vinte e duas mães com bebês são atendidas todas as primeiras quartas feiras do mês, onde recebem uma porção de multi-mistura, um quilo de mel, uma quantia em dinheiro e acompanhamento reflexivo sobre a maternidade, que acontece na sede e, posteriormente, também nas residências.

Outra atividade anualmente desenvolvida pela congregação e esperada pelos jovens envolvidos nos cursos de catequese é o encontro de jovens, que acontece na Casa de Encontro da entidade, localizada em Itapuã. Duas vezes por ano, por dois dias, cerca de 40 jovens com faixa etária entre 12 e 14 anos participam desta atividade de formação cristã, que se encerra com a redação de um projeto de inclusão social, a ser aplicado, pelos jovens, junto à comunidade, ao longo do ano.

E apesar de todas as atividades relatadas contarem com um cronograma, pela natureza do trabalho desenvolvido, é constante o tocar da campainha, apresentando algum morador necessitado das áreas atendidas – Candeal e Alto do Saldanha - em busca de solução para problemas corriqueiros, como a aquisição de um botijão de gás, um alimento, uma roupa⁶⁰, um remédio, um vale-transporte. Mas há também os que buscam orientação e consolo, e a partir de um primeiro contato, o acompanhamento das irmãs se intensifica com visitas residenciais na tentativa de agregar ao indivíduo, a família e a comunidade. Segundo Irmã Cândida, os casos mais comuns, envolvem violência, abusos sexuais - dentro e fora do seio da família -, desnutrição, doenças, entre outros casos pertinentes às condições socioeconômicas da população que necessita, em paralelo, ao assistencialismo, uma veemente aplicação de políticas públicas.

Associação Pracatum Ação Social

Em novembro de 2004, a Associação Pracatum Ação Social –APAS, organização sem fins lucrativos, mantinha à frente como presidente Antônio Carlos Santos de Freitas - Carlinhos Brown – que, junto a uma equipe de profissionais, respondia por dois Programas Sociais, a *Pracatum Escola Profissionalizante de Músicos*, sob direção da administradora Selma Calabrich, e o *Programa de Melhorias Habitacionais Tá Rebocado*, sob direção de Patrícia Marchesini.

⁶⁰ Irmã Cândida relatou que é comum receber solicitações de agasalhos, por parte das mães, cujos filhos, envolvidos com as bandas da Escola de Música Pracatum e Lactomia, viajam para o exterior.

A sede situada na Rua Paulo Afonso, com obras iniciadas no ano de 1997, através de recursos financeiros da Petrobrás e do BNDES, em 26 de março de 1999, foi entregue à comunidade que, em 18 de outubro de 1999, compõe com 70 alunos, a primeira turma da Escola de Música, embora a estrutura, com nove salas de aula individuais e coletivas, biblioteca, estúdio de gravação, sala de informática, oito banheiros, dois escritórios e cozinha, tenha sido construída para atender a capacidade de até 200 jovens ⁶¹. Se não fossem as crises administrativas, vivenciadas pela Associação, associadas à necessidade de adaptações técnicas na Escola de Música Pracatum, o curso já teria obtido o certificado de reconhecimento do MEC e formado a primeira turma de profissionais em música percussiva. No entanto, no ano de 2004, ocasião desta pesquisa, contemplando os quesitos necessários para o pleno funcionamento, a sede se encontrava em reforma, com aulas suspensas e previsão de reabertura para o primeiro semestre de 2005. Quando, então, segundo a coordenadora pedagógica, previa-se a aquisição, através do Programa de Expansão da Educação Profissional – PROEP, do certificado de reconhecimento junto ao MEC e, por conseguinte, a formação da primeira turma de músicos profissionais.

Em fase de reformulação, a atual estrutura organizacional da APAS é composta por um presidente, uma diretoria geral, duas diretorias executivas, responsáveis por cada um dos programas, um conselho deliberativo, uma direção executiva, uma gerência administrativa e uma secretaria. E, entre os profissionais, nativos do Candeal Pequeno, encontravam-se, o presidente, dois jovens prestadores de serviços auxiliares no Programa Tá Rebocado, e seis adultos, realizando serviços de manutenção e limpeza do prédio.

Em maio de 2002, um estudo realizado pela *JohnSnowBrasil*, empresa de consultoria em marketing social⁶², diagnosticou que 96% dos recursos financeiros da APAS eram provenientes do primeiro setor. Dependência financeira que por duas vezes gerou instabilidade administrativa, chegando a paralisar as atividades da APAS. Situação responsável pelo descrédito por parte de alguns moradores que sem informações precisas por parte dos técnicos sobre o real motivo das paralisações, até porque, muitas vezes, eles também não as tinham, acabavam criando especulações, dando margem a opiniões dúbias sobre a

⁶¹ Release – Mais Comunicação (2000, p.25).

⁶² JSI JohnSnowBrasil - Definindo a Visão Estratégica da Pracatum (documento de discussão) - maio, 2002.

legitimidade e objetivo das ações desenvolvidas, o destino dos recursos financeiros e a real intenção do projeto social.

É também o Primeiro Setor que responde pela parceria junto ao Programa Tá Rebocado que, em dezembro de 1997, apresentou à Caixa Econômica Federal e ao Governo do Estado da Bahia o plano urbanístico, elaborado com base em resultados obtidos através do censo realizado no limite das áreas deste estudo, que apontou em um diagnóstico socioeconômico, carência de investimentos na área habitacional e urbana. Prevendo atender a demanda de 966 famílias, o projeto propunha a construção de novas unidades e melhorias habitacionais, implementação de equipamentos comunitários, ampliação das redes de abastecimento de água, esgotamento sanitário, iluminação pública, creche e posto de saúde⁶³. Analisado e aceito, o projeto iniciou as obras em março de 1999, contando com investimento público do Programa Viver Melhor⁶⁴, no valor de R\$ 2.687 milhões de reais, prevendo atender a poligonal delimitada para intervenção, cuja desapropriação para execução do projeto ocorreu em julho de 1998.

Para contemplar a totalidade do projeto, outras parcerias se uniram a APAS, que previa realizar além de intervenções em infra-estrutura urbana e habitacional, também ações nas áreas de geração de emprego e renda, saúde e meio-ambiente, educação e cultura, e, organização comunitária. No âmbito estadual, o apoio técnico de empresas prestadoras de serviços públicos, como a Embasa e a Coelba, auxiliou os projetos de drenagem, abastecimento e, respectivamente, iluminação pública e residencial. Sendo a parceria da Coelba estendida à contratação de um morador - via concurso local - que passou a responder pela medição dos relógios e demandas da área. Parceira em várias ações, para a comunidade do Candeal Pequeno, o principal projeto realizado pela Prefeitura Municipal de Salvador foi a inauguração, em novembro de 2003, do Posto de Saúde com o *Programa Saúde da Família*. Gerando emprego remunerado para dez agentes comunitários de saúde residentes na localidade, a Unidade de Saúde da Família, localizada na rua 18 de Agosto, promove, em

⁶³ Dados obtidos no Estudo de Caso: Tá Rebocado (2003) e no documento fornecido pela Conder (1998).

⁶⁴ O Viver Melhor foi lançado em 1995, no governo anterior, de Paulo Souto, tendo continuidade nas administrações de César Borges e Otto Alencar. O programa agrega linhas de financiamento como o Pró-Moradia (Programa de Recuperação de Conjuntos Habitacionais), Produr (Programa de Desenvolvimento Urbano) e do Programa de Erradicação da Doença de Chagas. A intervenção acontece através da construção de unidades habitacionais para famílias que foram remanejadas e de melhorias habitacionais, incluindo unidades sanitárias, infra-estrutura, equipamentos comunitários, serviços urbanos, regularização fundiária e promoção social.

domicílio, atendimento de saúde preventivo para 1458 famílias, conforme dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Saúde.

Entre os anos de 2001 e 2003, a instituição contou com parceria do Sebrae Salvador, com cursos de empreendedorismo juvenil destinado aos jovens da Escola de Música. Também junto às lideranças comunitárias e moradores, ofereceu cursos de fortalecimento e articulação comunitária focando a capacitação destes para levarem adiante projetos direcionados ao desenvolvimento econômico e social do Candeal Pequeno. Etapa que contou com o apoio técnico e investimento no valor de R\$ 50 mil reais⁶⁵ do Sebrae nacional, para produzir o Plano de Desenvolvimento Local e o Plano de Desenvolvimento Econômico. Planos, que se pretendia, fossem levados adiante pelo Grupo Gestor e Núcleo de Articulação Institucional – NAI, ambos criados em torno desta parceria. Entretanto, embora intenso o envolvimento entre a APAS via Tá Rebocado, Sebrae, lideranças comunitárias e moradores, em trabalho de campo realizado em novembro de 2004, se identificou desarticulação entre os grupos formados e falta de expectativa de aplicabilidade dos planos, coletivamente, redigidos.

Entre outras parcerias relevantes, em 1997, por ocasião da construção da sede, foi oferecido pelo Liceu de Artes e Ofícios o Programa Menor Aprendiz, responsável pela capacitação de jovens na área da construção civil, contratando, ao final, dez aprendizes para trabalharem nas obras do Programa Viver Melhor. A partir de 1999, abrindo espaço para a Universidade Federal da Bahia e Associação Baiana de Odontologia, realizou o Projeto Saúde Bucal envolvendo um grupo de estudantes que ofereceram atendimento odontológico para 127 crianças cadastradas de 0 a 6 anos de idade. Encerrada a parceria, os atendimentos tornaram-se dados estatísticos em inúmeros trabalhos acadêmicos. Com parceria do governo federal, nos anos de 2000 e 2001, a Associação de Apoio à Capacitação Solidária ofereceu em forma de auxílio-estudo, envolvendo o recebimento de uma quantia mensal em dinheiro, sob responsabilidade da APAS, 60 vagas para cursos de massoterapia e atendente de consultório odontológico. Com foco na educação profissionalizante, a parceria com o Centro de Democratização da Informática, de âmbito nacional, doou equipamentos de informática e capacitou com curso avançado em Word, Excell e Power Point, três jovens da comunidade para que estes, na condição de instrutores, tivessem autonomia para ministrar curso básico a outros jovens, tornando-os aptos ao mercado de trabalho.⁶⁶

⁶⁵ Segundo o Estudo de Caso: Tá Rebocado (2003, p.23).

⁶⁶ Este projeto foi realizado na Associação Nove de Outubro.

Em parceria com o ACBEU filial Salvador, estava sendo ministrado, para 51 jovens, curso profissionalizante com tempo de duração previsto de seis anos, onde o aluno, mediante pagamento mensal de R\$ 10,00 (dez reais), tem direito ao material didático e duas horas e meia de aula, uma vez por semana, com professor indicado pela instituição de ensino. E, junto à Secretaria Municipal de Educação, atendendo um universo de 150 crianças, acontecia o projeto Viva Canção com atividades de arte-educação. Ambas, atividades, desenvolvidas nas sedes das associações de moradores Nove de Outubro e Defesa e Progresso.

Desde a fundação a Escola de Música Pracatum busca consolidar um produto social e, em 2004, investia na tentativa de consolidar três trabalhos: o Coral Pracatum formado com alunos das primeiras turmas, o Grupo Ebanóides, com quatro alunas, envolvendo técnicas de sopro e percussão, e Black Panters, com 8 alunos. No entanto, ainda falta à escola, um departamento capaz de dar suporte a estes grupos para que possam aprimorar práticas administrativas e inserir-se no mercado.

Em novembro de 2004, a Escola Pracatum mantinha 176 alunos e, pretendia diplomar a primeira turma, inscrita em 1999, no ano de 2005⁶⁷. No entanto, nem todos vivenciarão este momento. Uns porque, mesmo sem concluir o curso, pelo talento, conquistaram contratações no Brasil ou no exterior; alguns porque, abdicando do sonho, colocaram as mãos para tocar outros instrumentos, que não musicais, necessários ao sustento individual ou da família; e outros, que vivenciando a concorrência crescente dentro do limite do próprio Candeal Pequeno, preferindo evitar conflitos, desistiram da formação profissionalizante⁶⁸. Mas, através do convívio, percebe-se entre os jovens que a música é referência em suas vidas, ainda, que, por algum dos motivos apontados, tenham desistido do curso.

⁶⁷ Informações obtidas junto à coordenadora pedagógica da Escola de Música Pracatum - nov/2004.

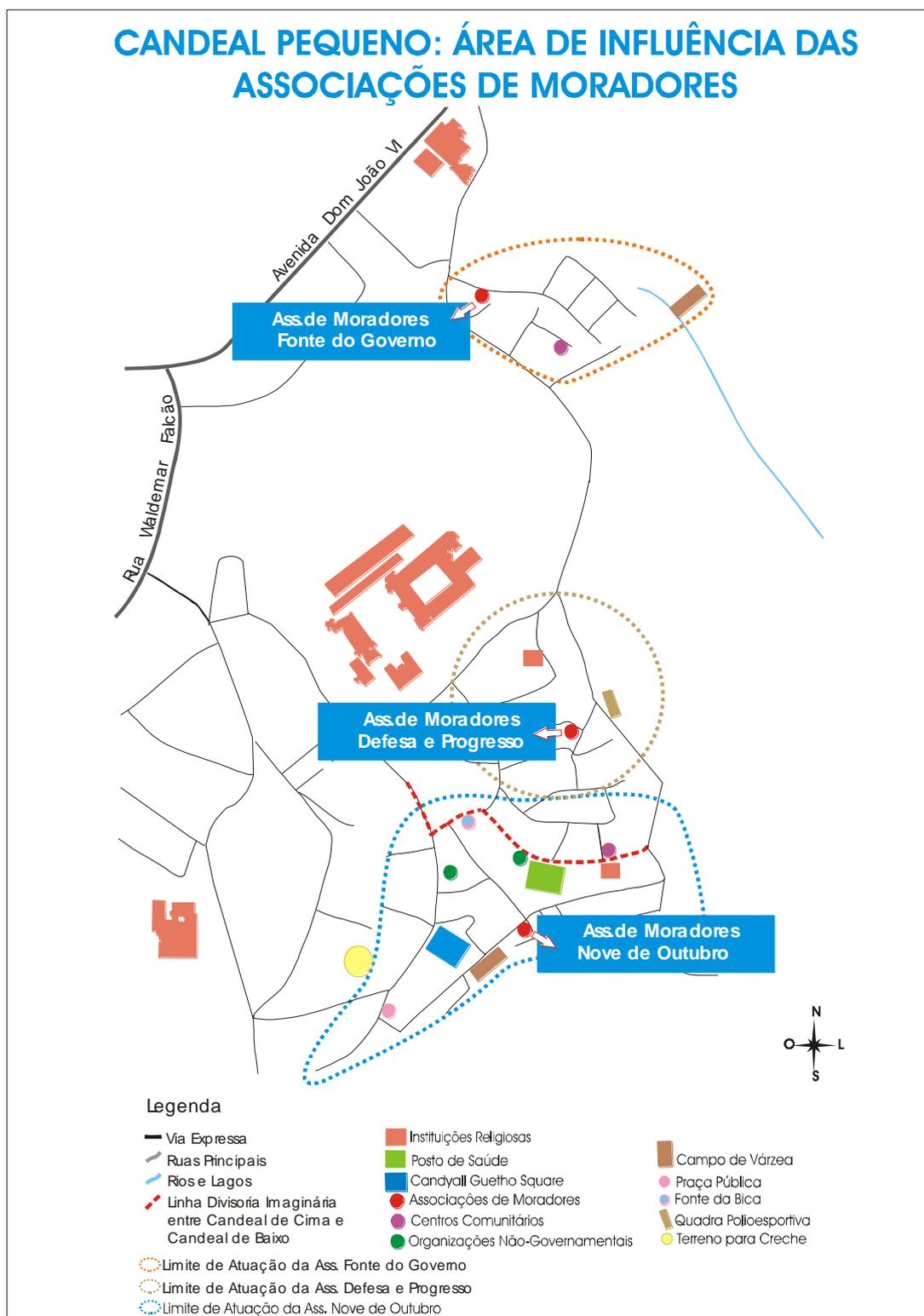
⁶⁸ O uso do termo conflito deve-se às dificuldades enfrentadas por músicos que cresceram juntos no Candeal Pequeno, mas que, hoje, com a produção e demanda musical local, como integrantes de uma banda ou grupo musical, vêem a necessidade de disputar com o amigo a concorrência no mercado. Situação que gera desentendimento e desgaste emocional. Relato embasado no depoimento de um jovem de 16 anos, que desistiu do curso, elencando este como um dentre outros motivos.

4.3 O PAPEL DAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES NO TERRITÓRIO

Com base no perfil das associações de moradores, observa-se que cada qual atua com certa autonomia, pautando as ações nos recursos disponíveis em suas áreas de abrangência. Já as APAS, ALAS e Irmãs Ancilas, com parcerias e recursos externos, atuam objetivando atender o Candeal Pequeno em sua totalidade. E, entre estas, a APAS, para viabilizar suas ações, desde o ano de sua fundação, 1994, passou a contar, diretamente, com a participação das lideranças, responsáveis pela presidência das associações de moradores, que, juntas, passam a realizar um amplo trabalho de mobilização social com os moradores. E, desta forma, transitando entre o eixo das horizontalidades e verticalidades, como articuladores assumem o papel de transmissores e receptores de informações.

Atividade exaustiva desenvolvida por Nilton da Silva Viana na Associação de Moradores Fonte do Governo, Arinalva Arcanjo dos Santos na Associação de Moradores Defesa e Progresso, e Graciete Batista Bispo dos Santos na Associação de Moradores Nove de Outubro (FIGURA 16). Envolvimento que alterou a rotina de cada um, que passou a dedicar às atividades sociais tempo *full time*, tendo em vista a demanda advinda de cada projeto que baseado em um modelo participativo e, nenhuma experiência anterior, exigia das lideranças um envolvimento em tempo integral, a ponto de atividades corriqueiras, como um almoço, uma roupa por passar, uma ida ao médico, uma assistência familiar, ou um problema particular, acabar ficando, em geral, em segundo plano. Envolvimento exigido pela Associação Pracatum Ação Social, cujas atividades desenvolvidas em forma de projetos, se, por um lado, contemplam os anseios da comunidade, por outro, exigem prazos, metas e objetivos, cumpridos de acordo com o aprovado, junto às instituições parceiras, responsáveis pelo fluxo de recurso financeiro, técnico, e informacional.

FIGURA 16



Fonte: 1) Base Cartográfica - SICAR - 1992 - PMS / Extraída do CD LOUOS versão 2001 - FMLF 2) Entrevista com Lideranças Comunitárias, nov/2004
Escala 1: 5800
Autor - Selma Batista

Cotidiano que ao olhar do outro, que esta do lado de fora, como o pesquisador, gera constrangimento ao saber que ao líder comunitário, ainda que tenha empreendido um gasto de energia, cabe o trabalho voluntário, e à equipe técnica contratada pela organização sem fins

lucrativos uma remuneração, estabelecida ao preço do mercado, de acordo com o projeto executado. Por trabalho voluntário, toma-se o conceito de Mônica Corullón (1996), como sendo a ação de um (...)

(...) ator social e agente de transformação, que presta serviços não remunerados em benefício da comunidade; doando seu tempo e conhecimentos, realiza um trabalho gerado pela energia de seu impulso solidário, atendendo tanto às necessidades do próximo ou aos imperativos de uma causa, como às suas próprias motivações pessoais, sejam estas de caráter religioso, cultural, filosófico, político, emocional⁶⁹.

Logo, com base nos argumentos, o que se está aqui pontuando, são as disparidades que passam a ocorrer, a partir do momento em a incidência da técnica sobre as horizontalidades torna-se inevitável. E aí, a ação social torna-se paradoxal, levando em conta que para se concretizar supera as motivações pessoais dos voluntários nativos. Isto em campo se observa, através do convívio cotidiano junto às lideranças, que, por vezes, expressaram cansaço devido horas investidas em mobilização social, noites mal dormidas, acompanhadas da preocupação com a execução dos projetos, tempo disponibilizado para as constantes entrevistas aos veículos de comunicação e pesquisadores vindos do Brasil e do mundo. Enfim, pelo excesso de responsabilidade e tempo disponibilizado, o mito do trabalho voluntário, não remunerado, parece não ser justo em se tratando de lideranças comunitárias, como as atuantes no Candeal Pequeno.

Possivelmente, estes sejam fatores relevantes, para justificar a não alternância de poder, pela falta de concorrência para a presidência das associações de moradores. O histórico aponta que a presidente da AMNO está na gestão desde 1993, quando foi fundada para viabilizar a regularização de posse da área apropriada por famílias pagadoras de aluguel, antiga, na Rua da Vala. De lá para cá, ocorreram eleições seguindo os artigos do capítulo V do Estatuto Social⁷⁰ redigido em assembleias comunitárias. Mas, segundo Ciete, na última eleição – ano de 2004 -, por exemplo, não havia uma chapa concorrente. Situação que a levou a ser reeleita, por 90 moradores associados, através de uma reunião convocatória⁷¹. O mesmo procedimento eleitoral é praticado pelas AMDP e AMFG. Onde, por decisão popular, os presidentes

⁶⁹ Informação extraída do site: http://www.voluntarios.com.br/oque_e_voluntariado.htm. Acessado em Maio/2005

⁷⁰ Nas associações de moradores do Candeal Pequeno, os presidentes são eleitos por voto direto ou aclamação, conforme Capítulo IV – Do Processo Eleitoral. Estatuto Social da Associação Nove de Outubro, redigido em 31/07/1993.

⁷¹ Depoimento em 14/11/2005.

permanecem na gestão há oito anos, e, pela convivência com as lideranças e moradores deduz-se, ainda ficaram por mais tempo. E apesar de manterem as assembleias comunitárias como espaço oficial para discussões, *in loco*, percebe-se que são nas vias públicas onde efetivamente se dão as grandes plenárias.

Percebe-se também, que para os presidentes das associações de moradores, o exercício comunitário é o combustível diário. E até onde, em campo, apreendeu-se das relações do homem com a natureza (VICTOR, 1974, *apud* SANTOS, 2004), não se encontrou evidências de articulações políticas individualistas. Prezam no que fazem a transparência de suas ações junto à coletividade, e de uma maioria, pelo voto recebem reconhecimento e credibilidade.

No entanto, de acordo com o observado ao longo da investigação, como em relação à hierarquia estabelecida pela APAS, com o processo, as associações sofrem uma oscilação no poder, ficam questionamentos quanto à autonomia destas organizações no território e que, a seguir, pretende-se elucidar.

4.4 - A AUTONOMIA DAS ORGANIZAÇÕES NO TERRITÓRIO

Em geral, entre os moradores de uma localidade, caracterizada como de baixa renda, há os que lutam junto às organizações sociais existentes, e, outros, que lutam em pequenos grupos não institucionalizados, mas que também, muitas vezes, respondem por conquistas significativas para a coletividade. Prática estabelecida no modelo da *solidariedade orgânica* (SANTOS, 2000), onde as trocas se processam com os recursos do território, sem o interesse de uma ordem distante. No entanto, a falta de recurso financeiro e técnico-organizacional, em geral, dificulta a mobilidade de ação dos grupos, o que conduz à legalização jurídica dos mesmos para que possam, oficialmente, firmar parcerias com objetivo de viabilizar projetos idealizados. E por esta prática, enquadram-se no modelo da *solidariedade funcional organizacional* (SANTOS, 2000).

Assim, fixas no eixo das horizontalidades, a partir da necessidade de institucionalização, obrigatoriamente, as organizações sociais criam uma hierarquia. No contexto do Candeal Pequeno, em 2004, esta hierarquia tinha no topo da pirâmide, sob a presidência de Carlinhos Brown, a Associação Pracatum Ação Social. Instituição responsável pela interface das

verticalidades - representada pelo Governo Federal, Estadual, Municipal, e instituições privadas e multilaterais -, e horizontalidades - representada pela AMDP, AMFG, AMNO, APAS, Lactomia, Congregação Irmãs Ancilas, *CandyAll Guetho Square*, moradores⁷². E como condição *sine qua non* para o pleno funcionamento desta interface, de acordo com nosso objeto de estudo, as articulações, em rede, se processam da seguinte maneira: os agentes externos - situados no eixo das verticalidades - articulam diretamente a APAS. A APAS, articula as associações de moradores e demais organizações envolvidas. As associações de moradores - devido o papel desempenhado pelos presidentes -, articulam os moradores. Formando, assim, a rede de relacionamentos, através da qual, firmam-se alianças e parcerias.

Uma rede que, em geral, não se desarticula ou encontra nós, pois é através das alianças estabelecidas que “todos” vislumbram algum “tipo” de conquista. E no contexto deste processo, é que ocorre na horizontalidade - o espaço banal - a penetração da racionalidade que, segundo Santos (2001), traz em si a idéia e o fato da política, cujo exercício se torna indispensável para providenciar o pleno funcionamento do conjunto (SANTOS, 2004).

Com este enfoque, objetivando compreender até que ponto a racionalidade pode ter comprometido a autonomia da participação popular representada pelas organizações sociais estabelecidas no eixo das horizontalidades, agregou-se à análise a “escala de avaliação da participação popular em projetos de intervenção urbanos”, contribuição de Marcelo Lopes de Souza (2003) re-elaborada com base na original de autoria de ARNSTEIN (1969).

Com base na escala (vide QUADRO 4), Souza (2003) destina a parte mais alta, para a AUTOGESTÃO, DELEGAÇÃO DE PODER e PARCERIA. Categorias que constituem um grau de participação popular autêntica. As intermediárias, COOPTAÇÃO, CONSULTA e INFORMAÇÃO, não passam de pseudoparticipação. E as duas inferiores, MANIPULAÇÃO E COERÇÃO, nada mais são do que situações de não participação (*ibidem*, p.202).

⁷² Citou-se aqui, apenas, os investigados.

QUADRO 4

PARTICIPAÇÃO POPULAR EM PROJETOS DE INTERVENÇÃO URBANOS DA NÃO-PARTICIPAÇÃO À PARTICIPAÇÃO AUTÊNTICA: UMA ESCALA DE AVALIAÇÃO		
ESCALA	CATEGORIA	PARTICIPAÇÃO POPULAR ESTADO
8	AUTOGESTÃO	PARTICIPAÇÃO AUTÊNTICA
7	DELEGAÇÃO DE PODER	PARTICIPAÇÃO AUTÊNTICA
6	PARCERIA	PARTICIPAÇÃO AUTÊNTICA
5	COOPTAÇÃO	PSEUDOPARTICIPAÇÃO
4	CONSULTA	PSEUDOPARTICIPAÇÃO
3	INFORMAÇÃO	PSEUDOPARTICIPAÇÃO
2	MANIPULAÇÃO	NÃO-PARTICIPAÇÃO
1	COERÇÃO	NÃO PARTICIPAÇÃO

Fonte: Mudar a Cidade – Uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos, 2003
Adaptação: SelmaBatista

De acordo a literatura, resumidamente, a **coerção** representa situações em que, freqüentemente, nem sequer as aparências são salvas, como ocorre com as remoções e favelas. A **manipulação** corresponde a situações nas quais a população envolvida é induzida a aceitar uma intervenção, mediante, por exemplo, o uso maciço da propaganda ou de outros mecanismos. Na escala da **informação**, o Estado disponibiliza informações sobre as intervenções planejadas. Na categoria **consulta**, o Estado agrega à categoria anterior, a consulta junto à população. Categoria dúbia, pois não há garantia de que a consulta realizada junto à população – quanto as suas demandas - seja incorporada ao projeto. Quanto à categoria **cooptação**, segundo o autor, esta pode se dar de várias formas sendo uma delas cooptação de indivíduos. E que, em geral, ocorre quando líderes populares ou pessoas-chave no processo, é convidada a desenvolver papel importante criando um “canal participativo”, que por sua institucionalização, difere da categoria consulta. Nas palavras do autor,

a partir do momento em que essa institucionalização ocorre sem que a instância participativa possua real poder decisório (o que pressupõe um mínimo de independência político-institucional e financeira), nessa situação se aninha um risco: o de domesticação e desmobilização ainda maiores da sociedade civil. Mesmo sem presumir, sempre, uma intenção por parte do governo em desmobilizar (não se trata, afinal, de promover uma interpretação conspiratória do processo histórico), na *prática* a cooptação pode mostrar-se vantajosa para indivíduos ou mesmo grupos, mas para a coletividade, no longo prazo, ela tende a ser antes um problema que uma solução (*ibidem*, 205)

Ainda segundo o autor, a **parceria**

corresponde ao primeiro grau de participação autêntica, isto é, não meramente, consultiva ou cooptativa. Estado e sociedade civil organizada colaboram, em um ambiente de diálogo e razoável transparência, para a implementação de uma política pública ou viabilização de uma intervenção (*ibidem*, 205).

Adiante, na categoria **delegação de poder**, o autor pontua que esta vai além da parceria, pois o Estado abdica de toda uma gama de atribuições, antes vistas como sua prerrogativa exclusiva, em favor da sociedade civil. E por último, no topo da escala, a categoria **autogestão** se processa através da delegação de poder atribuída aos cidadãos envolvidos, sendo este, o nível mais elevado que se pode alcançar nos marcos do binômio “capitalismo e democracia representativa”.

Em síntese, o autor comenta:

“Somente as categorias superiores (6,7 e, obviamente 8) correspondem a marcos político-institucionais em que se pode, efetivamente, ter a esperança de que as soluções de planejamento e gestão possam ser encontradas de modo fortemente democrático e sobre os alicerces do emprego da racionalidade e do agir comunicativos” (*ibidem*, p. 205).

Logo, superando uma avaliação pautada apenas no momento presente, visto o hoje ser a transição de um processo mutável a cada momento, com base no histórico do lugar, classifica-se a participação popular dos moradores do Candeal Pequeno, no processo de realização das intervenções urbanas, na categoria parceria.

Parceria porque moradores, lideranças, e organizações sociais, não se abriram às verticalidades para implantar um projeto de intervenção – no caso o Programa Viver Melhor, e, sim, através de um ideal – o Projeto Tá Rebocado, foram buscar parcerias para viabilizá-lo. O tempo cronológico aponta para esta afirmativa. Em 1994, a Associação Pracatum foi criada; em 1995, os primeiros técnicos são contratados por Carlinhos Brown; em 1996, se cria o conselho deliberativo da Associação Pracatum, e se realiza a primeira Assembléia Comunitária. Em abril de 1997, com recurso financeiro de Carlinhos Brown e Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional POMMAR/ USAID - Prevenção Orientada aos Meninos e Meninas em Risco - é realizado o “Censo de Pesquisa do Candeal”. Ação realizada junto à participação dos moradores, cujos dados obtidos, deram suporte para a

redação do Projeto Tá Rebocado que em julho, do mesmo ano, é apresentado ao Governo do Estado, selando o início de uma parceria.

Mas, como parceria, se anteriormente descreveu-se uma subordinação das lideranças das associações de moradores para com a Associação Pracatum? Ocorre que há na interface entre verticalidades e horizontalidades uma transição, por Santos (2004) conceituada como contra-racionalidades. Para o autor, estas são *“formas de convivência e de regulação criadas a partir do próprio território e que se mantêm nesse território a despeito da vontade de unificação e homogeneização, características da racionalidade hegemônica típica das verticalidades”* (op.cit, p.110).

E são estas contra-racionalidades que mantêm a integridade do espaço banal, e o torna através do *meio-técnico-científico-informacional* - operacionalizado por meio da sobreposição da *solidariedade funcional organizacional* sobre a *solidariedade orgânica* - em território usado. Uma metamorfose, que segundo Santos (2004), citando Jean Gottman (1975), o transforma mais do que num simples recurso, mas, sobretudo, um abrigo, permitindo tanto ações pragmáticas quanto solidárias.

Logo, a submissão, no contexto do Candéal Pequeno, não é uma situação permanente, pois em paralelo, por meio dela, os presidentes das associações de moradores têm acesso à técnica e ao conhecimento sistematizado que num próximo momento tendem a levá-los à práxis libertadora. E é neste movimento que o objeto de estudo cria o diferencial no contexto das relações sociais, pois a autonomia, não está apenas no processo das intervenções executadas, ela ultrapassa este limiar do visível e ganha força com a conquista da consciência, do existir. Entendimento, magnificamente, elaborado na literatura de Santos:

O ato de perceber ultrapassa os sentidos e ganha a razão. É assim que se opera a metamorfose do sensorial, mudado em conhecimento. Este se alimenta da relação entre sujeito e objeto, relação em que este, permanecendo o que é e interagindo com o sujeito, contribui para que, nessa interação, o sujeito evolua. É essa mesma evolução que permite visitar o objeto, vendo-o de forma nova, despojando-o dos símbolos que escondem a sua realidade profunda. É a vitória da individualidade, da individualidade forte que ultrapassa a barreira das práxis repetitivas e se instala em uma práxis liberadora. (SANTOS, 2000, p.52)

4.5 – CONQUISTAS, BARREIRAS E EVIDÊNCIAS

Apesar das adequações do Programa Viver Melhor, para atender no projeto Tá Rebocado, às modificações solicitadas pelos moradores, contemplando, por exemplo, a substituição de telha Eternit por telha de barro vermelha. Melhor infra-estrutura no alicerce, possibilitando ao morador “bater lage” e ampliar o embrião habitacional com mais um andar (vide FIGURA 17). O dizer não, da comunidade organizada, para a construção de unidades habitacionais em possível área pública para lazer⁷³, levando a CONDER a adquirir lotes de terra no limite do Candéal Pequeno com loteamentos vizinhos, garantindo com a aquisição manter intacta, no interior da localidade, áreas para lazer e instalação de equipamentos públicos. Ainda que estas adequações representem a legitimidade da participação popular, não alcançaram os mesmos resultados quanto ao controle do uso e qualidade do material utilizado nas obras, tornando evidente, conflitos envolvendo técnicos da APAS, CONDER, lideranças comunitárias e moradores.

Situação registrada em visita técnica às obras acompanhando profissionais do projeto Tá Rebocado que diante de reclamações e queixas, tentavam minimizar a insatisfação dos moradores com os serviços executados pela Conder. Também, entre uma parcela significativa de moradores atendidos com as intervenções de melhorias, registrou-se elevado grau de insatisfação com o critério utilizado para o reboco dos imóveis que projetou, inicialmente, realizá-lo na parte externa (fachada), em detrimento à interna, prevista de acontecer apenas na segunda etapa do projeto. Como já mencionado, sem previsão de ocorrer.

⁷³ Este episódio diz respeito ao conjunto habitacional Jardim Candéal, cuja planta previa a construção de um terceiro bloco na área livre, no centro do terreno. Na ocasião, utilizada como área de convivência.

FIGURA 17



Fonte: Arquivo Digital Conder/ Selma Batista

Ainda em campo, foi comum ouvir entre moradores, críticas com relação às obras de infraestrutura urbana e habitacional implementada que, segundo o entendimento de alguns, tiveram como objetivo favorecer a regularização e funcionamento do *CandyAll Guetho Square*. De fato, de acordo com a cronologia, após três anos de funcionamento – a casa foi inaugurada em 1996 -, com as intervenções, o *Guetho* passa a oferecer melhor acesso e infra-estrutura ao público frequentador. Mas, não há como negar, que os benefícios tenham contemplado a população como um todo, elevando indicadores do índice de qualidade de vida, como habitação, infra-estrutura sanitária, e geração de renda, considerando que com o aumento do movimento no *Guetho*, os moradores que trabalhavam nos dias do ensaio com o comércio ambulante, aumentaram consideravelmente suas vendas. Bem como o número de estabelecimentos comerciais que cresceu de 35 unidades, no ano de 1997, para 218 no ano de 2005. Crescimento comprometido com a cassação do alvará de funcionamento do *Guetho*, no ano de 2003, impedido de manter os ensaios da Banda Timbalada.

No entanto, no contexto do Candéal Pequeno, impedimentos, evidências e conquistas, são elementos que devem ser vistos com parcimônia. No âmbito do seu entorno, por exemplo, as

intervenções no interior da localidade, contemplam parte do que reza a Lei de nº 3592, datada em 16/11/1985, criada com objetivo de enquadrar e delimitar áreas consolidadas - em regiões que, com a dinâmica urbana, agregaram elevado valor o metro quadrado - em Área de Proteção Sócio Ecológica – APSE. Havendo o interesse dos órgãos públicos, com esta Lei, em criar normas de uso e valor destas áreas, frente à crescente especulação imobiliária. E ao ler os artigos da referida Lei, percebeu-se afinidade desta com o Projeto Tá Rebocado, ainda, que, segundo os técnicos envolvidos, não haja nenhuma referência entre ambas.

Mas, com base na teoria utilizada, SANTOS (2004) irá propor ao pesquisador, ler a realidade desfocando o olhar. E, unindo razão e emoção, procurar enxergar a *esquizofrenia do espaço*, entendido segundo ele “*como os lugares, que realizam e revelam o mundo, tornando-o historicizado e geografizado, isto é, empirizado*” (*ibidem*, p.112). E empirizar o espaço requer empreender um esforço na análise diacrônica, buscando registrar, além do visível o invisível.

E, buscando resposta à legitimidade das ações das organizações sociais no território, registra-se com base no processo, uma autonomia que traz em si a essência do espaço banal, valorizado através dos elementos culturais, da mobilização social, e dos recursos, que concedem ao lugar a noção de territorialidade. E ainda que possa ter ocorrido possíveis clientelismos, não se identificou nenhuma evidência, que justifique desmerecer a autonomia das organizações sociais sobre as ações concretizadas no Candeal Pequeno.

Não a autonomia plena da categoria de *delegação de poder* ou *autogestão*, propostas por SOUZA (2003), mas uma autonomia que está intrínseca, a partir do momento em que a coletividade, atribuindo uso ao direito cidadão, vai buscar através da parceria do Estado, condições que possibilitem melhorar a qualidade de vida do lugar em que habitam. E neste movimento, não há assistencialismo, e sim, conquista e justiça social⁷⁴. Elementos que baseados na literatura de SANTOS (2000), dão ao lugar a conformação de um Espaço Cidadão.

⁷⁴ Ver também, DAVID HARVEY. A Justiça Social e a Cidade, 1980.

4.6- A CORRELAÇÃO DAS AÇÕES E DOS OBJETOS NO TERRITÓRIO

Em 1925, Sauer escrevia que os objetos da paisagem existem em correlação. Essa correlação não era, aliás, tão nítida, tão indispensável como hoje. Mas, já então, a idéia de objetos em sistema era fundamental para o trabalho geográfico.

(SANTOS, 1996,
p.58)

Neste momento, com base no que se alcançou até aqui, pretende-se de forma sistemática, realizar uma descrição cronológica dos fatos, elucidando a correlação das ações com a materialização dos objetos, que, ao longo do período de 1994/2004, dão ao Candeal Pequeno a conformação de um *território usado*.

Para a análise dividiu-se o tempo cronológico em três períodos classificado como ANTES, DURANTE e DEPOIS. ANTES – período anterior ao ano de 1994, caracterizado pela proposta de criação de uma escola de música profissionalizante. DURANTE – período entre 1995 e 1999, caracterizado pelo desdobramento da idéia de criação da escola de música, culminando com a fundação da Associação Pracatum que, ao longo desta etapa, elabora e executa diversos projetos sociais; e DEPOIS – período entre 2000 e 2004, caracterizado pela concretização dos ideais coletivos, que concedem ao Candeal Pequeno sua atual configuração socioespacial.

O PRIMEIRO MOMENTO – ANTES (anterior ao ano de 1994)

Antecedem a criação da Associação Pracatum episódios importantes como a “Invasão de Moradores Nove de Outubro”, em 1991, e as práticas culturais, permanentemente realizadas pela coletividade, cada qual no limite das áreas que mantêm maior circulação. E dentre os episódios que marcam a história do Candeal Pequeno, ligado à raiz cultural alicerçada na produção étnico-musical, está a projeção no universo musical, na década de 1980, do morador Carlinhos Brown. Em seguida, em 1990, da fusão entre percussionistas do Candeal Pequeno e de outros bairros, ocorre também, a projeção da Banda Timbalada, que ganhando evidência na mídia, passa a levar para os ensaios no Candeal Pequeno, um fluxo de pessoas, incompatível com a capacidade de áreas livres de circulação. E a partir destes elementos: mobilização

social e herança étnico-musical é que, em 1994, Carlinhos Brown, propõem aos moradores a idéia de criar uma “escola de música para meninos de rua”⁷⁵.

Proposta que apresentada a alguns moradores gerou, pela intenção do discurso, reflexões quanto ao emprego do termo “meninos de rua”, pois entre os convocados a dividir o “sonho”, a realidade era meninos na rua, livres para brincar. Embora é certo, cheios de necessidades ocasionadas pela condição socioeconômica de seus familiares, envolvendo desemprego, péssima estrutura habitacional, com riscos de contaminação e deslizamentos, ocasionados pela falta de esgotamento sanitário e ausência de infra-estrutura urbana nas ruas da localidade. Discussões já iniciadas, em 1991, pela Associação de Moradores Nove de Outubro.

No entanto, através de outros encontros, em consenso as idéias vão tomando forma e projetando no grupo a consciência e o desejo de mudança impulsionado pela realidade vivida, tanto em relação aos recursos disponíveis - a música - como às necessidades latentes - a condição urbana. Situação que leva o músico a criar em setembro do mesmo ano, 1994, a Associação Pracatum que, apenas em 1999, acrescenta ao nome os termos Ação Social, constituindo-se como organização da sociedade civil sem fins lucrativos.

Com a proposta da criação da Escola de Música, instaura-se na estrutura social do Candeal Pequeno uma nova forma de comunicação entre as organizações sociais que antes não existia, visto cada qual atuar apenas no limite geográfico de abrangência das associações de moradores. E a partir do momento em que ocorre a intervenção do músico, as três associações de moradores passam a manter relações constantes, objetivando unir forças de modo a empreender um ideal comum: atuar no Candeal Pequeno na “*perspectiva de promover alterações, em áreas diversas que repercutissem de forma significativa na melhoria das condições de vida dos moradores*”.⁷⁶

Desta forma a linguagem singular e cotidiana estabelecida no Candeal Pequeno, com o episódio passa a contar com novos formatos de comunicação. Inicialmente as Reuniões Comunitárias, unindo técnicos, lideranças e moradores convidados. E, a partir de 1996, a Assembléia Comunitária instituída, abre espaço para toda a população.

⁷⁵ Carlinhos Brown, em evidência na mídia e ciente da possibilidade de atribuir uma dinâmica político-cultural no Candeal Pequeno, levando em conta as estratégias do Poder Municipal, no âmbito do que Dias (2003) chama de *mercantilização do carnaval da Bahia*, foca seus objetivos na possibilidade de construir uma Escola de Música no lugar que o projetou.

⁷⁶ Informação baseada no Documento Referência (2001 p.1).

O SEGUNDO MOMENTO – DURANTE (de 1995 a 1999)

Historicamente, o segundo momento traz à frente do movimento a imagem central de Carlinhos Brown como liderança na comunidade, idolatrado pelos moradores, que, em sua maioria, acompanharam a trajetória do músico alicerçada no Candeal Pequeno. Um sentimento que vem atribuído de significados, associados a um ideal, imaginário, de possibilitar a um filho ou neto o mesmo sucesso daquele menino “barulhento” que deixou de bater lata e carregar água para vizinhança, para virar fenômeno da música percussiva, conquistando, ao final da década de 1980, um público cada vez mais fiel ao ritmo dos diversos grupos criados e ensaiados pelo músico, dentre os quais, na década de 90, despontou a Banda Timbalada. Esta pela demanda de adeptos passou a necessitar de uma melhor infraestrutura. Situação que por alguns anos levou a Banda a circular pela cidade tocando em outros pontos, como no bairro do Rio Vermelho, na Mansão Fonte do Boi e no Hotel Meridien, enquanto se idealizava e executava um projeto arquitetônico que daria origem à atual estrutura do *CandyAll Guetho Square*. Este, inaugurado em 17 de novembro de 1996, re-insere o fenômeno musical de animação popular⁷⁷ em seu seio de origem, passando a agregar no interior da casa de espetáculos, cerca de 2500 pessoas, que ao pagar R\$20,00 (vinte reais) a meia-entrada⁷⁸, tinham acesso ao espaço de entretenimento, referência cultural nas tardes de domingo em Salvador e ponto de encontro da elite jovem no período de pré-temporada carnavalesca. O local além de oferecer ao convidado a participação em um show lúdico como é o da Banda Timbalada, possibilitava ver de perto músicos, artistas e personalidades ilustres, convidados especiais que promoviam no período entre a primavera e o carnaval, circulação média de 150 mil pessoas que se aglutinavam em espaço ínfimo ao redor do *Guetho*⁷⁹.

Com a dinâmica cultural efervescente, vagarosamente, o público frequentador moldava no fundo de vale contrastes em meio às condições das ruas sem pavimento, casas de madeira localizadas ao pé da encosta, becos e vielas sujos devido às péssimas condições do minadouro. Cenário de miserabilidade criado em paralelo ao crescimento urbano da cidade de

⁷⁷ Assim o mentor do Grupo, Carlinhos Brown, classifica o trabalho da Banda Timbalada.

⁷⁸ Release – Assessoria de Imprensa Mais Comunicação (2000, p.19).

⁷⁹ Release – Assessoria de Imprensa Mais Comunicação (2000, p.20).

Salvador, que com a inauguração da casa de espetáculos e, conseqüente fluxo de uma nova clientela, passa a ter parâmetro para comparação.

Realidade criada pelo inchaço urbano e acelerada densidade populacional promovida pela competitividade desenvolvimentista do território brasileiro que no contexto da capital de Salvador, entre os anos 1970 e 1990, pôs fim à exuberância da natureza e engessando o solo, exigiu pensar mudanças, mais pelos espaços de brilho do que pelos de opacidade. Estes na dinâmica, tornam-se corroídos pela rapidez do tempo (SANTOS, 2001). E assim, o Candeal Pequeno com seus recursos locais - a cultura e a mobilização social- e produzidos - a pobreza -, caracterizava-se como adequado para uma intervenção de política neoliberal. Com um adendo: sua localização, como enclave territorial, em uma zona urbana planejada para abrigar uma população de elevada renda *per capita*.

Panorama que impunha aos ideais de Carlinhos Brown um desafio tanto pessoal, quanto coletivo. É que desde a concepção da idéia de criar a Escola de Música Profissionalizante, o músico, ciente da carência organizacional das associações de moradores e lideranças, em 1995, agrega intelectuais de diferentes áreas do saber - arquitetos, urbanistas, engenheiros sanitaristas, sociólogos e educadores – objetivando que o conhecimento técnico e científico destes profissionais⁸⁰ contribuísse com a proposta criada no eixo da base popular, fortemente alicerçada e ciente de suas potencialidades, recursos e fraquezas. Os técnicos, vislumbrados com a riqueza do lugar, junto à comunidade trabalham na expectativa de encontrar soluções eficazes para viabilizar aspirações e carências. E cientes da necessidade de um diagnóstico ambiental e socioeconômico, ao final de abril de 1997, levam a campo, com recurso financeiro da produtora de Carlinhos Brown e do programa financiado pela Agência Norte-americana para o Desenvolvimento Internacional POMMAR/ USAID - Prevenção Orientada aos Meninos e Meninas em Risco - treze pesquisadores, estudantes universitários, para realizar o *Censo e Pesquisa de Opinião*⁸¹. Aplicado em nove setores previamente divididos o Censo levantou a realidade de 744 domicílios, significando no universo total 966 famílias⁸².

⁸⁰ Os primeiros técnicos, segundo relatório de Pesquisa, foram Vera Lyra e Anna Carolina Daltron Sampaio, contratados em 1995. p.10.

⁸¹ Estudo de Caso: Tá Rebocado (2003 p.11).

⁸² Há divergência de dados, quanto ao número preciso de domicílios cadastrados. Segundo o Relatório de Pesquisa – Avaliação Socioeconômica e Cultural do Candeal Pequeno, redigido em 1997, estes representavam o universo de 744 unidades. E, com base no Documento Referencia de 2001, estes são em número de 1066 domicílios. No entanto, ambos apresentam o mesmo total de 966 famílias, estando os dados, em sua maioria, descritos em compatibilidade. Na prática, acreditando na veracidade do Relatório de Pesquisa, nele fundamentamos as informações.

Os dados sistematizados apontaram no Relatório de Pesquisa uma realidade perversa, envolvendo uma “população de 5.500 pessoas, 77,29% da população com até US\$ 80 mensais per capita, 17% de desemprego, 6% de analfabetismo, 25% das moradias com risco de desabamento, 37% dos lotes com água ou esgoto a céu aberto”⁸³.

Neste contexto é que a Associação Pracatum oficializa o Programa Tá Rebocado, pensado desde setembro de 1996, por Carlinhos Brown, quando este proclama:

O que vamos fazer aqui é uma revolução com elegância... uma revolução estética... garantir o conforto dos moradores do bairro para que eles possam viver com dignidade... em casas onde ratos não entrem para trazer doenças ou disputar o alimento que o trabalhador luta para conseguir⁸⁴.

Segundo o Estudo de Caso: Tá Rebocado (2003), o referido Programa:

[...] tinha seu início previsto para o momento posterior à construção e funcionamento, pelo período de seis meses, da Escola Profissionalizante de Música. A inauguração, no entanto, por Carlinhos Brown, do Guetho Square CandyAll, casa de show privada, dedicada ao abrigo de eventos e, em especial, dos ensaios do grupo Timbalada, antecipou o início do projeto como decorrência de uma solicitação informal, feita pelo músico às autoridades públicas presentes, de liberação de recursos para regularização das propriedades existentes no Candéal – em especial as localizadas na área ocupada, irregularmente, no entorno imediato do Loteamento Roça dos Neves⁸⁵. Os resultados dessa solicitação expressaram-se pelo início das negociações entre Pracatum e complementado pela comunidade nos momentos de realização das Assembléias⁸⁶.

Momento este em que, conforme descrito no Relatório de Pesquisa/1997, se definem funções:

“tomando corpo, estabelecendo-se, constituindo-se e – pouco a pouco – diferenciando-se internamente, criou funções específicas, dando-se pautas e estabelecendo um Livro de Atas”

⁸⁷. Assim as Reuniões Comunitárias, a partir de 12 de dezembro de 1996, abertas à comunidade, realizadas uma vez por semana, tornam-se Assembléias Comunitárias. Principal arena para exposição de demandas, reivindicações e soluções.

⁸³ Dados obtidos em CD, via Conder – em arquivo “*formulário para apresentação das melhores práticas*”.

⁸⁴ Documento Referência (1997 p.2).

⁸⁵ Creio que a autora se equivocou atribuindo ao Loteamento Roça dos Netos, o nome de Roça dos Neves. Como é uma transcrição, mantivemos o nome descrito no documento.

⁸⁶ Estudo de Caso: Tá Rebocado (2003 p.11).

⁸⁷ Relatório de Pesquisa (1997 p.10).

Espaço democrático de onde, pautado em discussões coletivas, em 13 de junho de 1997 saiu o projeto Tá Rebocado, motivando a assinatura de um convênio entre Associação Pracatum e Governo do Estado da Bahia. Aprovado em 1998, o projeto contou com a parceria da Caixa Econômica Federal, via Programa Viver Melhor e linha de financiamento Pró-Moradia, com recursos na ordem de R\$ 2.687.070,64⁸⁸, objetivando atender as metas que envolviam investimentos em urbanização, infra-estrutura e regularização fundiária para 966 famílias, com construção de 150 novas habitações, 161 unidades sanitárias, 480 melhorias habitacionais, implantação de equipamentos comunitários e 01 posto de saúde.

A parceria prevendo contemplar o projeto em três etapas, contou com administração do recurso financeiro, via Caixa Econômica Federal, execução da obra via CONDER, e supervisão da APAS via Programa Tá Rebocado⁸⁹. Como resultado da primeira, e parte da segunda, foram entregues aos moradores 517 metros de ampliação da rede de drenagem; 436 metros de vias ampliadas do sistema viário; 122 novas unidades habitacionais; 86 unidades com melhorias habitacionais; melhoria do campo de futebol da rua Nove de Outubro; recuperação e valorização da Fonte de Água, localizada no fundo de vale, próximo à sede da Escola de Música Pracatum⁹⁰ e, em 2004, inaugurado o Posto de Saúde. Intervenções que executadas renderam à Associação Pracatum Ação Social o título de produtora de tecnologia social constando o modelo no banco de dados do Banco do Brasil, disponível para replicabilidade em outras comunidades com o mesmo perfil socioeconômico.

Logo, o período que compreende os anos de 1995 a 1999 caracteriza-se como de intensa incidência do *meio-técnico-científico-informacional* sobre o Candeal Pequeno, concedendo-lhe, através das relações sociais e modos de produção nova configuração socioespacial.

O TERCEIRO MOMENTO – DEPOIS (2000 a 2004)

Neste período, como resultado das relações sociais estabelecidas entre as horizontalidades e verticalidades, materializado em benefício da coletividade há o Conjunto Habitacional Zé

⁸⁸ Segundo documento fornecido pela Conder – Viver Melhor Candeal Pequeno Pró-Moradia/97, redigido em outubro/1998, do total investido R\$ 2.687.070,64, 10% (contra-partida) representa contribuição via Governo do Estado, e 90% (v.empréstimo) contribuição via F.G.T.S/Caixa.

⁸⁹ Segundo informações extraídas do Estudo de Caso: Tá Rebocado, a Caixa envolveu em campo alguns engenheiros e dois técnicos sociais, e a Conder mantinha no Candeal Pequeno dois fiscais, um coordenador, um gerente de fiscalização, um subgerente e um assistente social (2003, p.19-20).

⁹⁰ Dados obtidos em meio digital, via Conder – em arquivo “*formulário para apresentação das melhores práticas*” e apresentação em power point com o título “Palestra Tá Rebocado”.

Botinha, com 16 novas unidades habitacionais; Conjunto Habitacional Sapucaia, com 36 unidades; Conjunto Habitacional Chácara Candéal, com 24 unidades; Conjunto Habitacional Jardim Candéal, com 22 unidades; Vila do Jair, com 8 unidades e outras 8 unidades isoladas. Empreendimentos que envolveram a remoção, acompanhamento e assistência social dos moradores em áreas e habitações de risco e, em média, um ano depois, o reintegraram no mesmo ambiente, na condição de cidadão, ao receber a chave de uma habitação digna. Entre as unidades programadas de ser contemplada com melhoria - pintura e reboco - pouco foi contemplado, visto esta meta estar planejada para a terceira etapa. Situação que gerou frustração entre alguns moradores e, sobretudo, para as presidentes das associações – Tita e Ciete, responsáveis por indicar aos técnicos as unidades a serem atendidas⁹¹.

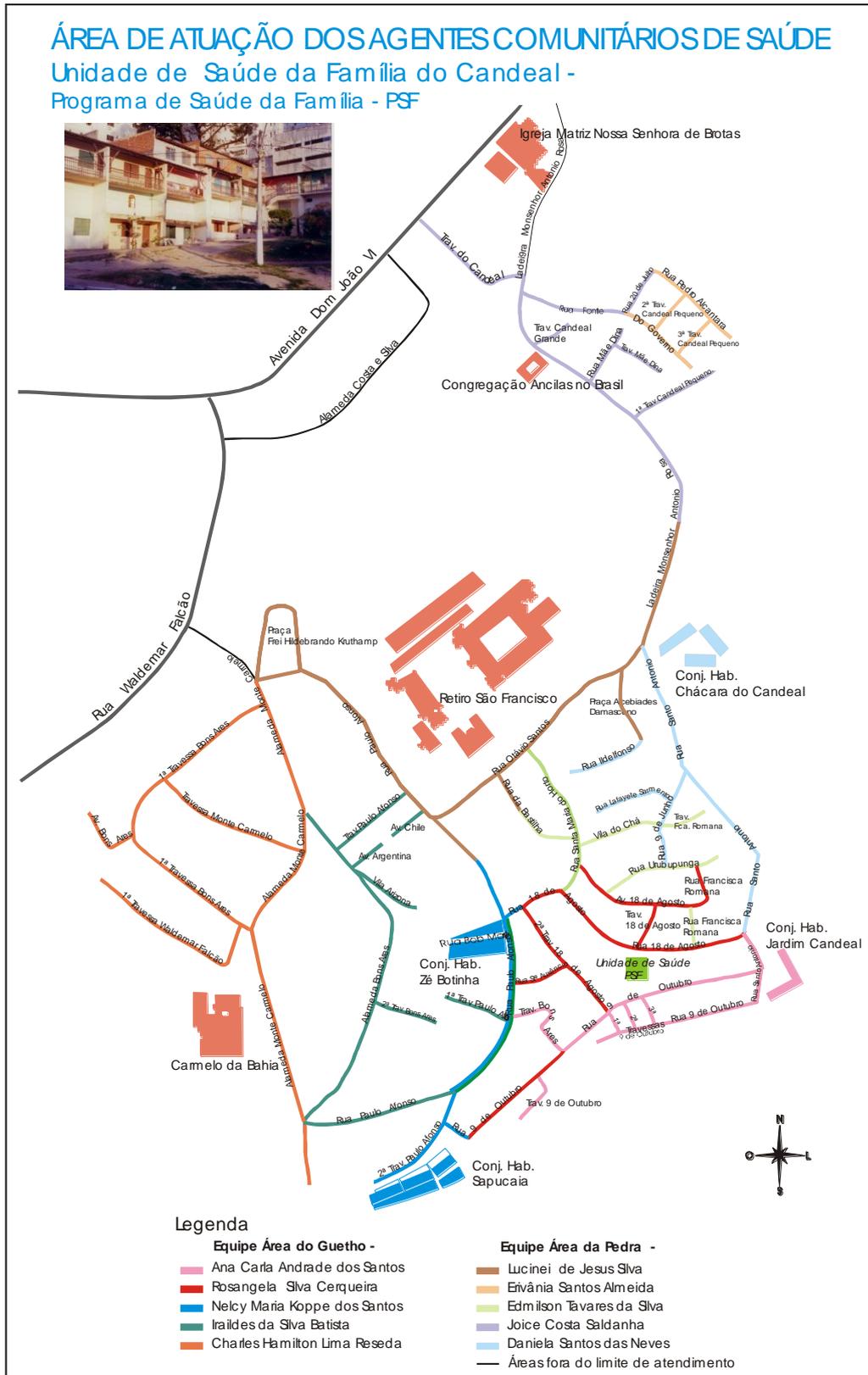
As oito unidades habitacionais da Vila Jair pertencem à família Rezende de Miranda e, apesar de configurar-se como um condomínio, representam um acordo de permuta com os lotes, onde hoje funciona o Posto de Saúde. Lotes que nas mãos do patriarca Rezende já foram hortas, mas, pela necessidade, nas décadas de 1980 e 1990, passaram a abrigar pequenos casebres que alugados contribuía com a renda da família.

Entre os equipamentos públicos, em novembro de 2003, foi entregue aos moradores a Unidade de Saúde da Família do Candéal, com o Programa Saúde da Família, que além do atendimento na unidade de saúde, oferece em domicílio a assessoria de agentes comunitários. Estes, em número de dez⁹², atendem as áreas do Candéal Pequeno, Fonte do Governo, Loteamento Roça dos Netos e Carmelo (vide FIGURA 18). E um ano depois, no dia 11 de novembro de 2004, por ocasião do lançamento oficial do documentário “*El Milagro de Candéal*” como um agradecimento de Fernando Trueba aos moradores, próximo ao conjunto habitacional Sapucaia, foi inaugurada uma praça pública batizada com o mesmo nome do documentário .

⁹¹ Embora, nem sempre, todas as indicações de melhorias propostas pelas lideranças tenham sido atendidas.

⁹² Os dez agentes contratados são residentes no Candéal Pequeno e, para conquistarem a vaga, submeteram-se a um processo de seleção.

FIGURA 18



Fonte: 1) Base Cartográfica - SICAR - 1992 - PMS / Extraída do CD LOUOS versão 2001 - FMLF 2) Dados obtidos junto aos agentes de saúde do PSF do Candéal em agosto/2005
Escala 1: 5800
Autor Selma Batista

No contexto das relações de poder, um episódio que marca o terceiro momento e altera o cotidiano do lugar, ocorre por meio de um conflito, entre os condomínios fechados com o

Candeal Pequeno diretamente relacionado à casa de espetáculos *CandyAll Guetho Square*, promovido por meio de um abaixo assinado, por alguns moradores, que justificando incômodo auditivo, transtornos em vias públicas e falta de segurança, enviaram-no à Promotoria de Justiça do Meio Ambiente do Ministério Público. Este avaliado, foi julgado em audiência pública, e com a presença de apenas dois opositores decretou a cassação do alvará de funcionamento do *Guetho*. Em manifestação pública, moradores do Candeal Pequeno e “timbaleiros”, em passeata pelas ruas do Loteamento Cidade Jardim e Avenida Juracy Magalhães, antes do último ensaio da Banda Timbalada, com faixas e refrões a favor do não fechamento do *Guetho* viraram notícia na edição de segunda-feira, 10 de fevereiro de 2003, no jornal *Correio da Bahia* com o título “*Comunidade do Candeal repudia a idéia de extinguir os ensaios da Timbalada no Guetho Square*”

Uma intensa manifestação a favor do músico Carlinhos Brown marcou o início do ensaio da Timbalada no CandyAll Guetho Square, ontem, à tarde – 09/02 -. Dezenas de moradores do Candeal foram às ruas munidos de faixas e cartazes com os seguintes dizeres: "A cultura do guetho não pode morrer", "Queremos Brown", "Os incomodados que se mudem" e "A comunidade do Candeal apóia Brown". Os manifestantes repudiam a idéia de extinguir os ensaios da Timbalada no local. Em audiência promovida pela Promotoria de Justiça do Meio Ambiente do Ministério Público, na última quarta-feira, o próprio Carlinhos Brown afirmou que pode encerrar os shows na área se o som dos instrumentos continuar incomodando uma parte da comunidade do Loteamento Cidade Jardim, bairro nobre próximo ao Candeal⁹³.

Contudo, soma-se a esta notícia, outros incômodos, que em artigo publicado no jornal *A Tarde* na data de 26/01/2003, sob o título – *Barulho do Guetho desvaloriza imóveis* – melhor justifica a cassação do alvará.

Entretanto, conforme reflexão da vocalista Amanda Santiago, esta nova etapa da Banda pode ser resumida da seguinte maneira:

[...] a gente sempre recebeu o Brasil inteiro, o mundo inteiro lá no Candeal, e sempre com o coração aberto e quando aconteceu este problema [...] a gente tentou modificar a situação, a gente resolveu ir agradecendo a população, inovando, levando a mesma estrutura, igual como se fosse um circo para ir agradecendo as pessoas. E aí a gente fala, não se esqueçam a gente está aqui, *Guetho* é uma marca, faz parte da família Timbalada e aí a

⁹³ Extraído do site: <http://www.correiodabahia.com.br/2003/02/10/noticia.asp?link=not000070781.xml>. Acessado em junho/2005.

gente vai continuar fazendo desta forma, agradecendo a galera. Levando o Candeal⁹⁴.

Como uma filosofia, durante o show, os vocalistas fazem reverência ao Candeal Pequeno como o berço sagrado da Banda. Comunicação que no imaginário, sustenta o lugar como referência cultural, mantendo a permanência simbólica do *Guetho* em seu local de origem, o que favorece a evidência do Candeal Pequeno, mantendo a visibilidade do projeto social da APAS. E como discutido, ainda que a Banda Timbalada seja, de fato, um elemento intrínseco ao Candeal Pequeno, há críticas no que diz respeito à restrição de acesso da população local aos ensaios, a partir do ano de 1996, quando privada, restringiu-se a um público pagante. Mas na contramão – contra-razionalidades - diretamente beneficiou o comércio informal. E entre os jovens moradores, a circulação de outros jovens de melhor poder aquisitivo no mesmo limite geográfico do seu local de origem, parecia torná-los iguais naquele fundo de vale, tomado pela confraternização favorecida pela linguagem da música.

Uma linguagem que associando herança étnico-musical, cultura afro-descendente e mobilização social, agrega “adeptos” e “simpatizantes” e, em 2004, transforma becos, ruas e vielas, em set de gravação cinematográfica para a produção do documentário “*El Milagro de Candeal*”, sob direção do cineasta espanhol Fernando Trueba. E por alguns meses, grupos musicais, lideranças comunitárias, moradores, crianças e idosos vivenciaram uma realidade, antes, apenas vista em cinema ou na televisão. E agora, como na vida real, eles eram os protagonistas e ganhariam com a produção do documentário a confirmação de inserção deste protagonismo na história do Candeal Pequeno.

Exibido, com grande cobertura da mídia espanhola, o documentário evidencia a imagem de Carlinhos Brown e projetando a imagem das lideranças comunitárias e moradores, sensibiliza autoridades e empresários que rumam para Salvador, com intuito de conhecer a realidade, fora dos limites da projeção de uma tela. Como resultado, as visitas repercutiram em novas articulações, estando garantida, para o ano de 2005, a construção de uma creche – já prevista no projeto de intervenção redigido em 1997 – para atender 200 crianças de 0 a 6 anos, moradoras na localidade, que conta com um universo de 662 crianças nesta faixa etária⁹⁵.

⁹⁴ Entrevista concedida por Amanda Santiago, em 01/08/2004, durante o show *João Pessoa Guetho Square*, na cidade de João Pessoa, Paraíba.

⁹⁵ Dados extraídos do - consolidado das famílias cadastradas do ano de 2005 – modelo PSF no Candeal Pequeno, em 19/04/2005. Fonte SIAB Sistema de Informação de Atenção Básica - Secretaria Municipal de Saúde.

Com os recursos para o investimento na infra-estrutura, estão previstos salas de aula, teatro, parque infantil, berçário, terraço, sala de amamentação, lavanderia, cozinha e sala de reunião para mães⁹⁶. Os mesmos chegaram ao Candeal Pequeno via Coca-Cola divisões Brasil e Espanha e Agência Internacional de Cooperação Espanhola, que dividem a responsabilidade com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura⁹⁷, a quem caberá a administração e assessoria técnica pedagógica. Um acordo que amplia as relações entre a Prefeitura Municipal de Salvador e Associação Pracatum Ação Social, instigando a continuidade desta investigação para acompanhar, na escala de avaliação da participação popular de SOUZA (2003), o que tende a acontecer a partir deste episódio.

Com a repercussão do documentário no exterior, as líderes comunitárias Arinalva Arcanjo e Graciete Batista foram convidadas a participar e palestrar no Fórum Universal das Culturas no ano 2004. E lá, reconheceram-se, de fato, protagonistas da história do Candeal Pequeno, possibilitando recuperar a auto-estima e retornar à prática, cientes da capacidade de gerir junto aos moradores, através das suas associações, novas ações empreendedoras.

A expressão “recuperar a auto-estima”, aqui utilizada com base em argumentos já debatidos, busca no processo identificar que o período vivenciado pelas lideranças durante a fase de sobreposição do modelo da *solidariedade funcional organizacional* sobre a *orgânica*, apesar de ter introduzido um modo de tratamento de subordinação, paralelamente, garantiu agregar ao que já sabiam, técnica e informação. E hoje, a imagem da APAS não se restringe mais, apenas, à imagem de Carlinhos Brown que se, por um lado, garantiu ao empreendimento luminosidade, por outro, ao longo do processo, por vezes, ofuscou ou submeteu ao segundo plano o papel das lideranças comunitárias.

Para expressar esta reflexão, com relação à nova fase das presidentes das associações de moradores AMDP e AMNO, embasada em sentimentos apreendidos ao longo do período de convivência, aproprio-me da citação de Saúl Sosnowski,

Sempre foi possível narrar o mundo falando da aldeia, mas foi, igualmente, necessário sair da aldeia para conhecer seu lugar no mundo e a partir dali iniciar o conhecimento das origens e de seus possíveis futuros⁹⁸.

⁹⁶ Extraído do site: http://www.cocacolabrasil.com.br/sl_imprensa/releases . Acessado em 23/06/2005.

⁹⁷ Extraído do site: <http://www.smec.salvador.ba.gov.br/conteudo> . Acessado em 23/06/2005.

⁹⁸ Extraído e adaptado do artigo de Saúl Sosnowski, prof. Dr. da Universidade de Maryland College Park (EUA): organizador do terceiro volume da obra crítica de Júlio Cortazar – Revista Cult, out/2000 p.23.

Como lideranças de um lugar que detém, desde o ano de 2002, o título de *tecnologia social* concedido a APAS, é mister que pelo trabalho indiretamente realizado, ainda que não tenham acesso direto à base organizacional reservada aos técnicos, conheçam as práticas e os instrumentos utilizados para a conquista do título que, pela prática alicerçada no eixo do espaço banal, ajudaram a conquistar. E após a evidência conquistada em Barcelona, com a participação no documentário “*El Milagro de Candeal*”, tem sido comum à líder comunitária Graciete Batista - por ter protagonizado o episódio da “invasão Nove de Outubro” - participar de palestras no exterior, transmitindo as experiências vivenciadas pelos moradores do Candeal Pequeno a outras localidades⁹⁹.

Consolidando suas práticas, a Associação Pracatum Ação Social, através da Escola de Música Pracatum, pela participação nos projetos sociais do UNICEF e pela parceria com a UNESCO, em 2002, conquista o Prêmio Unesco Categoria Juventude. E em 9 de novembro de 2004, embora não tenha formado a primeira turma, chega ao ápice do reconhecimento e recebe pelas mãos do Presidente Luis Inácio Lula da Silva e do Ministro da Cultura Gilberto Gil, uma das insígnias da Ordem do Mérito da Cultura¹⁰⁰ mediante discurso coerente do Exmo. Sr. Presidente da República, ao mostrar a dificuldade que tem sido valorizar os elementos culturais no Brasil, sem parecer mercantilista e do Ilmo. Ministro da Cultura Gilberto Gil, que em sua fala deixou-se levar pela “espetacularização” que, comumente, se faz com a produção cultural brasileira. Conforme transcrição abaixo:

Queremos que os produtos culturais brasileiros, a exemplo do que já ocorre com a indústria e a agricultura, tenham cada vez mais acesso aos mercados de todo o mundo. Afinal, este é um dos segmentos que mais cresce na vida econômica internacional, com um enorme potencial de geração de emprego e renda [...] Obviamente que nós não queremos fazer uma lei, como disse o nosso querido Carrilho, para tirar nada de ninguém. O que nós queremos é garantir direitos a outros que não têm direitos; o que nós queremos é aumentar o número de pessoas que possam ter direitos neste país; queremos aumentar o número de pessoas que possam participar da atividade cultural no nosso país. E, mesmo assim, nós enfrentamos uma adversidade muito grande, porque estamos mexendo com hábitos, estamos mexendo com

⁹⁹ Em 2005, Ciete, líder comunitária da Associação Nove de Outubro, esteve na Espanha, nos EUA e na África, ministrando palestras sobre sua prática, alicerçada na Invasão 9 de Outubro.

¹⁰⁰ A Ordem do Mérito Cultural foi instituída pelo Ministério da Cultura, em 1995, por decisão do Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, por meio do [Decreto nº 1.711 de 22 de novembro de 1995](#). Seu objetivo é tornar público o empenho de cidadãos e cidadãs que, de maneira significativa, destacaram-se na prestação de serviços à Cultura Brasileira.

pseudodireitos, estamos mexendo com costumes e tudo isso é sempre muito complicado (Luis Inácio Lula da Silva)¹⁰¹.

A cultura mestiça do Brasil que os homenageados de hoje fazem e simbolizam, é a grande conquista deste povo. E sua principal contribuição a um planeta ainda marcado pela guerra, pela intolerância, pela busca da hegemonia, pela segregação. Não é por acaso tanta simpatia pelo Brasil mundo afora. E tanto apreço pela nossa música, pelo nosso futebol, pelo nosso cinema, pela nossa literatura, pelas intervenções coletivas dos brasileiros. Há no Brasil um sentido evidente de superação, de celebração da vida, de intensidade emocional, de liberdade, que comove quem nos vê, nos ouve, nos toca, nos prova e nos cheira (Gilberto Gil).

Assim, este terceiro momento, promovendo a leitura factual da realidade, conduz à síntese o entendimento do papel das organizações sociais no Candeal Pequeno. Representantes do processo de transição do lugar, estigmatizado como uma favela, à condição de um espaço cidadão que, em menos de dez anos, cresce de forma ordenada em sua dimensão territorial conquistando legalmente, com infra-estrutura urbana e habitacional, áreas em seu entorno. Conquista que legitima a participação popular no projeto social implementado (vide FIGURA 19).

¹⁰¹ http://www.cultura.gov.br/ministerio_da_cultura/ordem_do_merito_cultural/index.php. Acessado em março/2005.

FIGURA 19



Fonte: 1) Base Cartográfica - SICAR - 1992 - PMS / Extraída do CD LOUOS versão 2001 - FMLF 2) Trabalho de Campo
Escala 1 : 5800
Autor Selma Batista

5 - INTERVENÇÕES HABITACIONAIS

“O projeto habitacional, é um projeto social. O Programa Tá Rebocado, trouxe uma realidade diferente da que a gente vivia no Candeal”¹⁰².

5.1 PERFIL DOS CONJUNTOS HABITACIONAIS

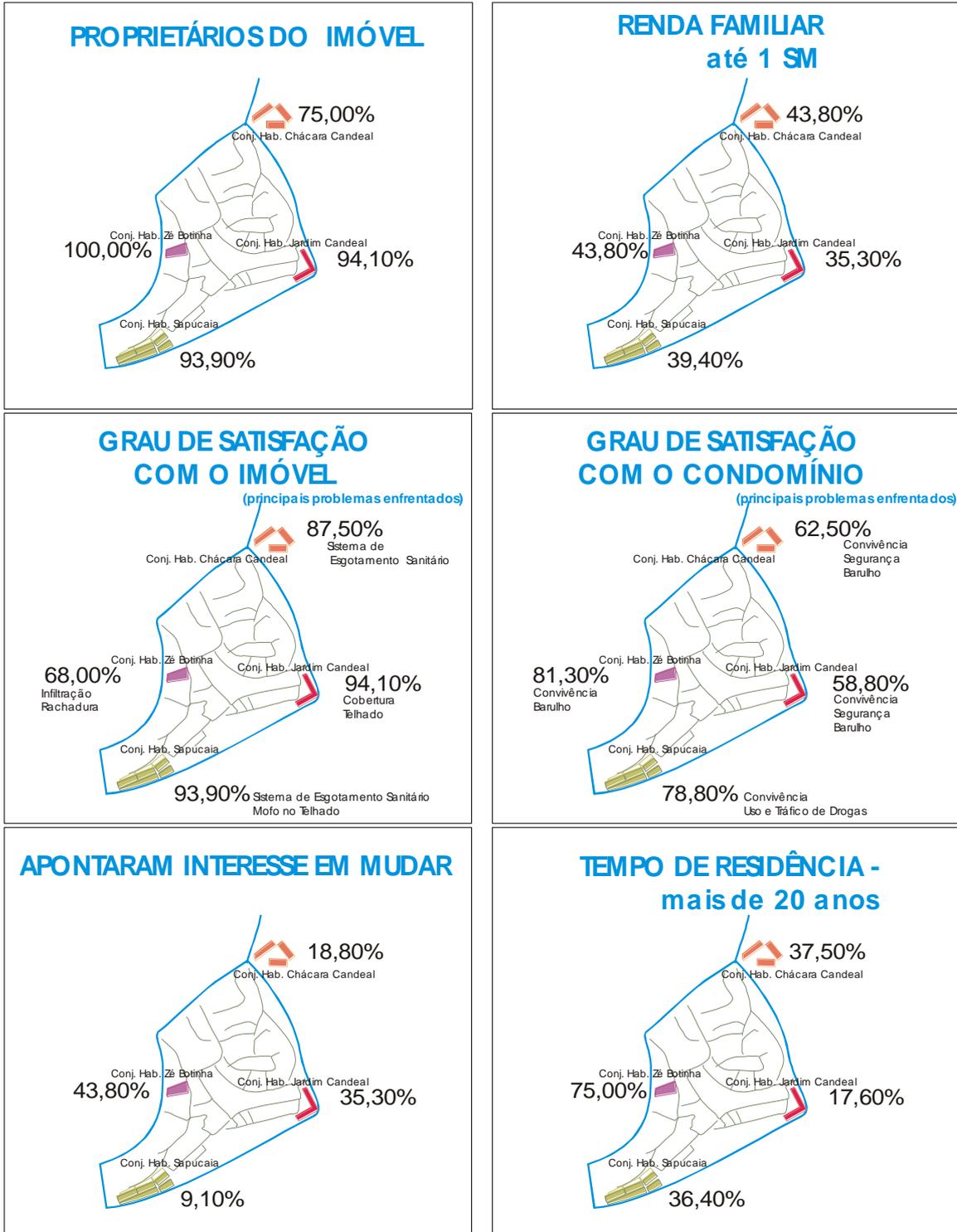
Identificados os elementos, agentes e fatores responsáveis pela atual configuração socioespacial do Candeal Pequeno, chega-se ao momento atual, 2004, tendo os conjuntos habitacionais como novos elementos na história do Candeal Pequeno. Elementos estes, que representam a concretização de um ideal iniciado em 1991, com a “Invasão Nove de Outubro”, e, que, executado pelo Programa Viver Melhor, contemplou tanto moradores das áreas ocupadas irregularmente, como residentes há mais de 20 anos, em localidades que pela falta de infra-estrutura, se tornaram de risco. E entre estes, pôde-se identificar que apesar da satisfação com as novas unidades habitacionais, sentem-se estranhos ao lugar, apontando interesse em mudar.

Em novembro de 2004, com objetivo de identificar o grau de aceitação em relação ao projeto executado, aplicou-se entre os chefes de família residentes nos conjuntos habitacionais, um questionário contendo cinco variáveis: perfil socioeconômico dos moradores; grau de aceitação ou rejeição com relação ao imóvel recebido; grau de aceitação ou rejeição com relação ao convívio em condomínio; interesse de mudar-se para outra localidade e tempo de residência dos entrevistados no Candeal Pequeno. Os dados sistematizados, com base no total de questionários respondidos, acrescidos de um perfil por conjunto habitacional, apontaram os seguintes resultados (vide QUADRO 5).

¹⁰² Fala da líder comunitária, presidente da Associação de Moradores 9 de Outubro, Graciete Batista - nov/2004.

QUADRO 5

CANDEAL PEQUENO : PERFIL DOS CONJUNTOS HABITACIONAIS ANO 2004



Fonte: Base Cartográfica - SICAR - 1992 - FMS/ Extraída do CD LOUDS versão 2001 - FMLF
 Dados: 82 questionários aplicados com chefes de família residentes nos Conjuntos Habitacionais - Nov/2004
 Elaborado por: Selma Batista

Conjunto Habitacional Zé Botinha

“Deviam erguer, aqui, um busto em praça pública, em homenagem aos orixás que protegem este lugar”¹⁰³.

Em relação aos demais conjuntos, o Zé Botinha com 16 unidades habitacionais, por sua localização e arquitetura, é o mais popular e, por isso, desde sua inauguração, em julho de 2000, é conteúdo de inúmeras matérias jornalísticas tanto no Brasil como no exterior. Privilégio atribuído à parceria entre as organizações locais e o Governo do Estado que edificou um empreendimento tão excêntrico quanto a própria comunidade que o abrigou. Visibilidade que garantiu classificar o projeto de Melhorias Habitacionais e Urbanas Tá Rebocado, entre as 10 Melhores Práticas Habitacionais no Brasil, via Programa CAIXA Melhores Práticas. E entre as 100 Melhores Práticas no mundo, no Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos – Habitat, ocorrido em Dubai, na União dos Emirados Árabes.

Informações possivelmente desconhecidas para os 68 moradores que com a conquista, passaram a ditar como endereço: Conjunto Habitacional Zé Botinha, rua Bob Marley, Candeal Pequeno, Salvador, Bahia, Brasil. Para uma maioria, o nome da rua deveria ser Zé Botinha, em homenagem ao senhor Zé Botinha, antigo proprietário do terreno e, que, ninguém mais teve notícias. Mas, pelo esquecimento, coube a *Bob Marley* o privilégio, devido às semelhanças entre o povo do gueto de *Trenchtown*, na Jamaica, onde nasceu *Bob Marley*, e o povo do Candeal Pequeno. *Trenchtown* porque baseado na música e nas idéias de *Bob Marley*, possibilitou à Jamaica sair do anonimato e ganhar lugar no mundo a partir da filosofia Rastafari. E o Candeal Pequeno porque, através de Carlinhos Brown, da música e da mobilização social, projetou o Candeal Pequeno primeiro dentro do seu próprio limite. Depois, no bairro, na cidade, no Estado, no País e, no Mundo, divulgando os recursos nele existentes.

De acordo o questionário, identificou-se que, entre os quatro conjuntos habitacionais, apenas no Zé Botinha, 100% dos imóveis são ocupados pelos legítimos donos. Do total de moradores, 26 estão abaixo da faixa etária de 15 anos e 42 acima. Entre os moradores até 15

¹⁰³ Proposta de seu Paulo Conceição, 57 anos. Morador desde criança no Candeal Pequeno.

anos de idade, 73,1% estão na escola. Com média de **4,25** moradores por unidade, 12,50% das famílias, se sustentam com renda inferior a um salário mínimo; 43,8% com até um salário mínimo; 37,5%, com até dois salários mínimos, e 6,3% encontravam-se sem fonte de renda.

Quanto ao grau de satisfação com o imóvel, 68% dos entrevistados declararam-se satisfeitos, contra 31,3% de insatisfeitos. Para 25,0%, a nota atribuída ao imóvel foi **ótima**, para 43,8% **boa** e 31,3% **ruim**. Com maior incidência, os casos de insatisfação relacionados referem-se a problemas com **infiltração** e **rachadura** nas paredes.

Com relação ao grau de satisfação com o convívio em condomínio, 81,3% dos entrevistados disseram-se satisfeitos, contra 18,8% de insatisfeitos. No entanto, os dados apontam um contra senso, visto 75% do total de entrevistados, terem atribuído como **ruim** a nota classificatória ao convívio em condomínio, contra 18,8% que apontaram como **bom**, e, 6,3% **ótimo**. Apontando como principais problemas do dia a dia, **convivência** e **barulho**.

Entre o total de 16 entrevistados, todos os contemplados com as novas unidades, já eram residentes no mesmo local há mais de 20 anos, chegando em alguns casos a mais de 30 e 40 anos. E apesar de 68,8% terem considerado o grau de satisfação com o imóvel bom, e 81,3% terem considerado o grau de satisfação com o condomínio, também satisfatório, contraditoriamente, 43,8% apontaram interesse em mudar para outra localidade. E, diante do questionamento do entrevistador, sobre o motivo de interesse pela mudança, alguns, os mais idosos, se calavam, parecendo buscar além do visível uma resposta no tempo e no espaço, não conseguindo definir com exatidão, o sentimento que lhes causavam tal desejo.

Situação que aponta o ponto de desequilíbrio entre a rapidez do tempo, que se processa no mundo, em relação ao tempo lento, resguardado por estes senhores do lugar, cujo meio de informação, pela condição socioeconômica, em geral, resume-se a um pequenino rádio de pilha.

Conjunto Habitacional Sapucaia

“Aqui no Sapucaia, a gente tem muita riqueza cultural e ninguém vê. Deviam valorizar aqui, também, a capoeira do Arquiles, que todo dia junta a criançada ali, embaixo, daquela árvore, oferecendo aos meninos uma atividade de lazer. Tem também a produção de berimbau do Marquinho das Cobras. Você sabia que ele tem berimbau espalhado na Europa, Alemanha, Estados Unidos?”¹⁰⁴.

Possivelmente, o nome do Conjunto Habitacional Sapucaia, deve-se a está espécie vegetal, pertencente à família da castanheira do Brasil e castanheira do Pará, encontrada em abundância nesta área, antes da ocupação das terras com as edificações do entorno. Cujos limite do espaço geográfico, menos de 30 metros lineares¹⁰⁵, que divide o conjunto popular e os condomínios habitacionais Quintas do Candeal e Horto Florestal, no ano de 2003, com a colocação de uma cerca de proteção, tornou expressiva as disparidades territoriais entre este aglomerado urbano (vide FIGURA 20).

No total de 40 habitações, 07 questionários não foram respondidos devido à ausência do responsável no imóvel. Entre os 33 aplicados, constatou-se que 93,9% dos imóveis são ocupados pelos legítimos donos; um imóvel é alugado no valor de R\$230,00, e um entrevistado não soube responder. Dos 153 residentes, 70 enquadram-se na faixa etária abaixo de 15 anos de idade e 83 acima desta faixa etária.

FIGURA 20



MARCAS DE SEGREGAÇÃO

Foto: Selma Batista

Entre os moradores até 15 anos de idade, identificou-se que 82,9% estão na escola, quatro declararam ter bolsa escola e um, bolsa família. Com média de **4,63** moradores por unidade habitacional, 21,2% das famílias se sustentam com menos de um salário mínimo; 39,4% com

¹⁰⁴ Fala de um morador, de 40 anos, nascido no Candeal Pequeno - nov/2004.

¹⁰⁵ Fonte: Lei do Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo em Salvador de Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo em Salvador – LOUOS, Prefeitura Municipal de Salvador/BA (dado obtido, através da medida de distância).

até um salário mínimo; 15,2%; com até dois salários mínimos; 3,0% com até três salários mínimos; 15,2% dois entrevistados estavam desempregados e, os demais não souberam responder.

Quanto ao grau de satisfação com o imóvel, 93,9% declararam-se satisfeitos e 3,0% insatisfeitos. Para 54,5%, a nota atribuída ao imóvel foi **ótima**, para 30,3%, **boa** e 12,1% **ruim**. Com maior incidência para os moradores que residem nas unidades edificadas na parte inferior do conjunto habitacional, as queixas se refere ao **sistema de esgotamento sanitário**. Para os residentes na parte superior, os problemas se referem ao **telhado**.

Relacionado ao grau de satisfação com o convívio em condomínio, 78,8%, disseram-se satisfeitos com o convívio em condomínio, contra 18,2% de insatisfeitos. Entre as notas classificatórias, 45,5% dos entrevistados atribuem nota **ótima**; 21,2%, **bom**, e 30,3% consideram o convívio **ruim**. Como principais problemas enfrentados, destaca-se a **convivência**, e o **uso e tráfico de drogas**, nas imediações do condomínio. Segundo moradores, facilitado pela proximidade deste conjunto com três vias de acesso. Uma no fundo de vale, via escadaria que dá acesso ao condomínio Quintas do Candeal, chegando facilmente à avenida Juracy Magalhães; outra via rua Nove de Outubro, com acesso ao loteamento Cidade Jardim, e, via alameda Bons Ares, dando acesso ao bairro de Brotas.

No entanto, mesmo diante destes conflitos do cotidiano, entre os 33 entrevistados, apenas três afirmaram interesse em mudar. Um, morador há 46 anos, e outros dois residentes, desde o início da década de 1990. Do total, 36,4% são residentes há mais de 20 anos; 15,0% residentes entre 15 a 19 anos; 21,2% entre 10 a 14 anos, 21,2%; 9,1% entre 5 a 9 anos; e, também 9,1%, para os residentes há menos de 5 anos.

Conjunto Habitacional Jardim Candéal

“Lutar pelo espaço, garantir o espaço e preservar a nossa identidade”¹⁰⁶.

O nome Conjunto Habitacional Jardim Candéal, em relação aos demais empreendimentos, traz em si um significado, que apenas através do convívio com os moradores é possível apreender. Isso porque com base no histórico do lugar onde foi edificado, ele representa um dos melhores cenários, do *antes* e *depois* das intervenções habitacionais, expressando o direito de um habitar digno, conquistado pelas mulheres que, em 1991, ocuparam a área insalubre da vala e ali permaneceram reivindicando não apenas um direito cidadão, mas, também, de forma heróica, a preservação da área limítrofe entre o Candéal Pequeno e os novos territórios que com os empreendimentos imobiliários avançavam, comprimindo-o.

O episódio ocorrido em 9 de Outubro de 1991, na área onde, hoje, está edificado o Conjunto Habitacional Jardim Candéal deflagrou uma verdadeira epopéia entre as empresas especuladoras de imóveis, Poder Público e comunidade local. Comunidade representativa que empreendendo esforço coletivo lutou por um interesse comum: preservar o limite geográfico do Candéal Pequeno, sob risco de ele ser invadido pelas edificações ao redor, cujas benfeitorias públicas, limitadas até a entrada do Candéal Pequeno, impunham um cenário de disparidade socioespacial.

Em campo, do total de 22 questionários aplicados, 05 não foram respondidos. Entre os 17 aplicados, 94,1% se declararam proprietários legítimos do imóvel, embora dois moradores, ironicamente, apontaram dúvidas sobre a legitimidade desta posse, visto não terem ainda a escritura definitiva do imóvel. Do total de 79 moradores, 38 enquadram-se na faixa etária abaixo de 15 anos de idade e 41 acima desta faixa. Entre os moradores até 15 anos de idade, 65,8% estavam na escola. Com média de **4,6** moradores por unidade habitacional, com renda familiar de menos de um salário mínimo, enquadram-se 23,5% dos moradores; de até um salário mínimo 35,3%; de até dois salários mínimos 5,9%; e sem fonte de renda 17,6%.

Com relação ao grau de satisfação com o imóvel, 94,1% declararam-se satisfeitos e 5,9% insatisfeitos. Para 11,8%, a nota atribuída ao imóvel foi **ótima**; para 41,2%, **bom** e 47,1%,

¹⁰⁶ Fala de Ana Claudia dos Santos, ex-ativista do movimento de moradia e mobilizadora comunitária. Casada e mãe de dois filhos, reside em uma moradia com 38m² localizada na Rua Nove de Outubro, pavimentada em esquema de mutirão, pelos moradores da invasão de 1991. Fala concedida em trabalho de campo - mai/2004.

ruim. Com maior incidência, os casos relacionados se referem aos problemas com **cobertura, telhado e tubulações.**

Quanto ao grau de satisfação com o convívio em condomínio, 58,8% dos entrevistados disseram-se satisfeitos com o convívio em condomínio, contra 41,2% de insatisfeitos. Para 11,8% o convívio é **ótimo**; para 29,4% **bom**; e para 58,8% **ruim**. Destacando como principais problemas enfrentados a **convivência** e o **barulho**.

O Conjunto habitacional Jardim Candéal, segundo dados obtidos, é um dos que concentra a maior população residente há menos tempo no Candéal Pequeno, representando, no universo total, 35,3% moradores residentes entre 5 a 9 anos; 23,5% residentes entre 10 a 14 anos; 11,8% residentes entre 15 e 19 anos; e 17,6% residentes há mais de 20 anos. E, acompanhando o elevado percentual apresentado no conjunto Zé Botinha, 35,3% do total de entrevistados, apontaram interesse em mudar.

Conjunto Habitacional Chácara do Candéal

“A segurança vem piorando. Com o progresso, não acontece só coisa boa”¹⁰⁷.

Distante cerca de 300 metros da entrada principal do Candéal Pequeno, onde se concentram os grandes empreendimentos, o Conjunto Habitacional Chácara do Candéal, ocupa no topo da encosta uma área privilegiada pela localização e, apesar de abrigar no território resquícios de uma vegetação nativa, com entulhos de lixo jogados pelos moradores na encosta, vem comprometendo o ambiente natural.

Entre as 24 unidades habitacionais, 16 questionários foram respondidos. Do total, 75,0% se declararam proprietários legítimos do imóvel; 18,8% compraram o imóvel; e um entrevistado não soube responder. Entre os que adquiriram o imóvel, um declarou ter efetuado a compra ao valor de R\$ 6 mil reais. Do total de 73 moradores, 33 enquadram-se na faixa etária abaixo de 15 anos de idade e 40 acima de 15 anos. Entre os moradores até 15 anos de idade,

¹⁰⁷ Fala da moradora do apartamento 101 - nov/2004. A mesma moradora, no início da entrevista, apontou insatisfação com as constantes pesquisas acadêmicas e matérias jornalísticas.

identificou-se que 87,9% estão na escola. Com média de **4,6** moradores por unidade habitacional, 12,5% declarou renda familiar inferior a um salário mínimo; 43,8% com renda de até um salário mínimo; 25,0%; com renda de até três salários mínimos; com destaque, em relação aos demais conjuntos, 12,5%; declararam renda de até 3 salários mínimos; e 6,3% declararam-se sem nenhuma fonte de renda.

Quanto ao grau de satisfação com o imóvel, 87,5% dos entrevistados declararam-se satisfeitos. Para 12,5% dos moradores a nota atribuída ao imóvel foi **ótima**; para 68,8% **boa**; e para 18,8%, **ruim**. Dos 16 moradores entrevistados, apenas dois queixaram-se de problemas de infra-estrutura, no caso, referente a tubulação do **sistema de esgotamento sanitário** que, por correr em frente às residências, por vezes, quando estoura, causa transtornos levando a sujeira acumulada para a porta das moradias.

Com relação ao grau de satisfação com o convívio em condomínio, 62,5% dos entrevistados disseram-se satisfeitos com o convívio em condomínio, contra 37,5% declarados insatisfeitos. Entre as notas classificatórias, **nenhum** morador atribuiu conceito **ótimo**; para 31,3% o convívio foi considerado **bom**; e para 68,8% **ruim**. Percentual elevado que encontra consenso entre os entrevistados, devido transtornos relacionados ao depósito de lixo reciclável em área coletiva do condomínio, recolhido por uma moradora que justifica ter nesta atividade única fonte de renda. Por conseguinte, outros problemas se agregam gerando conflitos relacionados à **convivência** e **segurança**. Sobretudo no que diz respeito à questão de higiene sanitária ocasionada pela manipulação e exposição permanente do lixo em área pública.

Entretanto, apesar dos transtornos, do total de questionários respondidos, apenas 18,8% apontaram interesse em mudar do Candeal Pequeno. E entre os moradores entrevistados, 37,5%, residem há mais de 20 anos; 12,5% residem entre 15 a 19 anos; e 31,38% entre 10 a 14 anos.

5.2 UM PANORAMA DA ATUAL CONFIGURAÇÃO SOCIOESPACIAL

Considerando os conjuntos habitacionais edificações que ditam a atual configuração socioespacial do Candeal Pequeno, a partir da análise integrada das respostas obtidas junto aos moradores, se identificou, que entre o universo total de respostas sobre os principais problemas enfrentados, 59,75% dos moradores, apontaram dificuldades quanto ao convívio em

modelo de condomínio. Contra 19,51% de moradores que justificaram como principal problema, a dificuldade em solucionar questões relacionadas à manutenção do imóvel, no que se refere às rachaduras e infiltrações (vide TABELA 5).

Dados compatíveis com os obtidos na TABELA 6, que no universo total representa 88,89% dos moradores satisfeitos com o imóvel adquirido, contra 11,11% de insatisfeitos.

TABELA 6

CONJUNTOS HABITACIONAIS: GRAU DE SATISFAÇÃO COM O IMÓVEL	
satisfeitos	88,89
insatisfeitos	11,11
ótimo	32,10
bom	43,21
ruim	24,69
	100,00

Fonte: Trabalho de Campo, nov/2004
Elaborado por: Selma Batista

TABELA 5

CONJUNTOS HABITACIONAIS: PRINCIPAIS PROBLEMAS ENFRENTADOS	
estrutura física do imóvel	19,51
convivência em modelo condominal	59,75
nenhum problema	20,74
	100,00

Fonte: Trabalho de Campo, nov/2004
Elaborado por: Selma Batista

Em maio de 2005, em entrevista com a coordenadora Regina Luz, técnica da CONDER responsável pela gestão do Programa Viver Melhor, o percentual de 88,89% de moradores satisfeitos com o imóvel foi um dado surpreendente, segundo ela, porque as comunidades beneficiadas com o programa, apesar de contarem com representações legitimadas, nem sempre conseguem atingir um grau aceitável de satisfação e

cooperação. E embora ela não compare – até porque compreendem realidade e grau de conscientização, muito diferentes - acrescenta ao exemplo de sucesso do Candeal Pequeno, a experiência com o Programa Ribeira Azul em Alagados que, apesar de contar com 69 representações legitimadas, não alcançou o mesmo grau de participação popular no processo

de consolidação do projeto, gerando com isso, falta de manutenção, acelerada degradação dos empreendimentos e, por conseguinte, reincidência de edificações subnormais.

Questionada sobre a regularização fundiária dos conjuntos habitacionais no Candeal Pequeno, Regina Luz respondeu que, no momento, o maior empenho está em minimizar o custo do registro de escritura do imóvel junto ao cartório, segundo ela, em torno de R\$ 250,00¹⁰⁸ por unidade habitacional, um valor elevado se considerado o rendimento médio das famílias.

De fato, de acordo com o total de respostas obtidas, no universo de 82 famílias, na ocasião, 18,29% recebiam menos de um salário mínimo; 41,46% recebiam até um salário mínimo; 19,51% recebiam até dois salários mínimos; 3,66% recebiam até três salários mínimos, e 10,98% estavam desempregados. Um número que se mantém inalterado, se comparado aos dados obtidos em abril de 1997 no *Relatório de Pesquisa – Avaliação Socioeconômica do Candeal*, que apontava entre as 966

famílias, 77,29% dos moradores enquadrados na faixa salarial de sem rendimentos ou renda de até um salário mínimo. Um déficit econômico que mantido, tenderia a apresentar no Candeal Pequeno um cenário de miserabilidade. No entanto uma amostragem com oito crianças, com

idade entre 8 e 12 anos, registrou um quadro equilibrado, ao registrar que, em geral, elas ingerem nos lanches da manhã e tarde: leite, pão com manteiga, cuscuz ou bolo. E nas refeições do almoço, é comum ter macarrão ou feijão com arroz, acompanhado ou com galinha, ou ovo, ou carne. E em uma jornada de três turnos, a rotina das crianças envolve lazer, educação e auxílio aos pais nas atividades domésticas.

Dados que comparados à renda média mensal, apontam um cenário favorável. Mas como dado empírico, merece aprofundar a investigação na expectativa de se obter, para o Candeal Pequeno, um indicador de renda média ideal para um chefe de família, com média de 4,6 dependentes, levando em conta que ainda não paga a prestação do imóvel, mas também não

TABELA 7

**CONJUNTOS HABITACIONAIS:
RENDA FAMILIAR**

recebem menos de 1SM	18,29
recebem 1SM	41,46
recebem 2 SM	19,51
recebem 3 SM	3,66
desempregados	10,98

Fonte: Trabalho de Campo, nov/2004
Elaborado por: Selma Batista

¹⁰⁸ Entrevista realizada em maio/2005.

paga o aluguel; têm serviço público de saúde, alguns têm bolsa família, e outros, os filhos têm bolsa escola.

Para o ano de 2005, para incrementar a geração de renda, praticamente, todas as organizações sociais trabalhavam na expectativa de criarem projetos com este foco. A associação de moradores Defesa e Progresso e Nove de Outubro, vislumbravam a criação de uma cooperativa de costura, com possível mercado no exterior; por parte da Lactomia, estava sendo implementado o projeto de arte-educação, focado na qualificação do jovem para o mercado digital; a Associação Pracatum, que além do trabalho de profissionalização dos jovens para o mercado da música, mantinha, em andamento, o projeto “Corredor Cultural do Candeal Pequeno”, cujo objetivo consiste em inserir a localidade no roteiro cultural de Salvador. Projetos que aprovados, garantirão a sustentabilidade local, a partir da ampliação do comércio e dos serviços, gerando oportunidades de renda, desde que a mão-de-obra contratada seja a local.

Com relação à satisfação com o modelo habitacional em condomínio, de acordo com a TABELA 8, apenas, 26,82%, apontaram insatisfação, justificando entre os motivos a dificuldade na convivência. Entretanto, 52,43% classificaram como ruim a satisfação com o modelo habitacional. O que significa dizer, que há dificuldades em estabelecer normas de conduta para um bom convívio no modelo implantado.

TABELA 8

CONJUNTOS HABITACIONAIS: GRAU DE SATISFAÇÃO COM O MODELO HABITACIONAL EM CONDOMÍNIO	
satisfeitos	71,95
insatisfeitos	26,82
ótimo	21,95
bom	24,39
ruim	52,43

Fonte: Trabalho de Campo, nov/2004
Elaborado por: Selma Batista

Dados que associados, ao longo período de observação participativa do pesquisador com seu objeto de investigação, permitem apresentar alguns indicativos interessantes para futuras pesquisas.

Um exemplo quanto às dificuldades de convívio do morador em sistema de condomínio, pode estar associado com a resistência de adaptação deste às convenções, que com o novo empreendimento passam a ser necessárias para uma convivência harmoniosa. E para ele, um morador que sempre viveu no Candeal Pequeno um tipo de relação estabelecida na

afetividade, sem hierarquias, baseado em sentimentos de coletividade, ter que se submeter a um síndico pode representar, sem a mediação de um técnico, um assistente social, um psicólogo ou administrador, perda de autonomia no limite do habitar. Outro indicador, que passou a estabelecer entre a coletividade um parâmetro social, diz respeito, a possibilidade de ampliação dos embriões habitacionais, pois alguns, tendo recursos, ao investirem na ampliação do imóvel acrescentando um andar, agregam valor ao patrimônio e com isso sobem no extrato social, e outros, sem recursos, mantêm a estrutura como receberam. Situações pequenas, mas que passaram a causar conflitos no cotidiano relacionados à convivência.

Ainda no contexto social, há um indicativo fundamentado no padrão estético, a partir do momento em que os jovens passam a adotar um “estilo Carlinhos Brown”, tornando fundamental a aquisição de recursos para que possam investir na indumentária, com acessórios como touca, colar, bata, óculos escuros e sandália. Um estilo que padroniza o indivíduo e identifica o grupo. Outra observação muito perspicaz, mas que merece investigação, diz respeito às divergências entre os jovens músicos devido à elevada concorrência no universo da percussão, ocasionada pelo elevado número de aprendizes advindos da Escola de Música Profissionalizante Pracatum e da Lactomia. Exigindo pensar ações eficazes de inserção destes meninos no mercado de trabalho, sob pena de criar um impacto negativo sobre a coletividade, indo contra, toda a proposta fundamentada na criação destas instituições de ensino.

Para encerrar, com base na dialética entre o novo e o velho convivendo no mesmo espaço geográfico, relatamos que, ao longo do intenso convívio com os moradores mais antigos, foi possível apreender, entre eles, um sentimento de estranhamento por não se identificarem, hoje, com o seu local de origem. E em busca do “ontem”, projetavam certo interesse de partir para outras localidades não mais existentes na cidade que tomada pela técnica transformou espaços naturais em espaços construídos.

Observação evidenciada nos dados revelados no conjunto Zé Botinha, onde, do total de 75,00% residentes há mais de 20 anos e 18,80% residentes entre 15 a 19 anos, registrou-se 43,80% de moradores interessados em mudar. Dado que sintetiza o paradoxo a que Milton Santos (2003) se refere ao tratar o mundo como “*fábula, perversidade e possibilidade*” tornando emblemático, neste conjunto, o conflito entre fábula, advinda com a aquisição do

imóvel, e perversidade, quando a incidência do *meio-técnico-científico-informacional* sobre o espaço banal torna estranha, aos moradores mais antigos, a nova configuração socioespacial. Até o início da década de 1980, uma configuração tomada por hortas e pequenas criações. Em seguida, com a densidade populacional, pelos casebres alugados e minadouros comprometidos. E hoje uma configuração tomada pela permanente incidência do novo, torna obsoleto o radinho de pilha, ainda comum, como única fonte de informação entre os mais idosos.

6 – O GRANDE CANDEAL PEQUENO

6.1 - DO ESPAÇO BANAL, VIA MEIO-TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL, AO TERRITÓRIO USADO.

Ao final desta investigação, concluiu-se que ao agregar ao conceito norteador -o território usado- as categorias de análise verticalidades e horizontalidades e solidariedade orgânica e solidariedade funcional organizacional, se obteve um procedimento capaz de identificar, os elementos, agentes e fatores responsáveis pelo processo de transformação do Candeal Pequeno de espaço estigmatizado a ser uma favela, na década de 1980, à condição de espaço cidadão, referência mundial, em mobilização social e produção cultural.

Projeção expressa através de títulos conquistados pelos programas sociais da Associação Pracatum Ação Social, como o de melhores práticas em intervenções urbanas e habitacionais e o de tecnologia social em desenvolvimento comunitário obtido pelo Programa de Desenvolvimento Comunitário Tá Rebocado, envolvendo a parceria das lideranças comunitárias, Caixa Econômica Federal, Governo do Estado e instituições de fomento social. O Prêmio Unesco-Categoria Juventude, conquistado pela Escola de Música Profissionalizante Pracatum envolvendo a participação deste programa nos projetos sociais da UNICEF. O reconhecimento público do Ministério da Cultura, com uma das insígnias da Ordem do Mérito Cultural, pelo trabalho desenvolvido pela Escola de Música Profissionalizante Pracatum e seus colaboradores quanto ao empenho em preservar e manter viva a história e a cultura brasileira. Herança que no mesmo ano é perpetuada, através do documentário musical *El Milagre de Candeal*, roteiro do cineasta espanhol Fernando Trueba, lançado oficialmente na cidade de Barcelona no Fórum Universal das Culturas.

Títulos que representam o esforço coletivo de uma comunidade que reconhecendo o valor dos seus recursos agregam a eles um diferencial: o valor social. E a partir do momento em que tomam consciência do valor do território em que habitam, identificam a necessidade de protegê-lo tanto em relação ao avanço do capital imobiliário, intensificado a partir da década de 1980, quanto em relação à preservação dos costumes e tradições afro-descendente, praticados nestas terras, desde o ano de 1781, por Josepha de Sant'Anna e, posteriormente, a partir do seu matrimônio com Manoel Mendes, pelas gerações seguintes.

Agregando aos dados obtidos do histórico de ocupação, resistência e mobilização, o apreendido através das observações participativas, identificou-se que em cada uma das etapas em que a dinâmica social endógena aspirava avançar na execução do projeto social elaborado - o Tá Rebocado - apontava a necessidade da aquisição da técnica, do conhecimento e da informação. Elementos que, via parceria estabelecida entre o Primeiro, Segundo e Terceiro Setor - representado pela própria Associação Pracatum Ação Social e as associações de moradores - ao adentrarem no âmbito do espaço banal - “*espaço de todos: empresas, instituições, pessoas; o espaço das vivências*” (SANTOS 2004 p.108) -, garantiram, em menos de dez anos, com o processo, o fenômeno responsável pela projeção do Candeal Pequeno de lugar estigmatizado e segregado, à condição de um lugar referência no contexto urbano e cultural de Salvador.

Referência que sintetiza a contribuição de Milton Santos quando aponta que a dinâmica global sobre os lugares, paradoxalmente, geram o mundo como fábula, como perversidade e como possibilidade. No contexto do Candeal Pequeno, conclui-se que a fábula esta quando os moradores despertam para a consciência coletiva - ação coletiva - acreditando que são capazes, em meio ao caos, de promoverem uma mudança social. Adiante, a perversidade, no processo, está na racionalidade que vem com a sobreposição da solidariedade funcional organizacional, sobre o espaço vivido - as horizontalidades -, tornando necessária, a institucionalização de organizações como a Associação Pracatum que ao legitimar-se junto à coletividade, em posse de um projeto social, elaborado pelos moradores, necessitando recursos financeiros, abre-se para as verticalidades, que incidem sobre o lugar, o meio-técnico-científico-informacional. Momento em que se consolida a interface entre as horizontalidades e as verticalidades. Prática perversa, mas que gera com as ações, aprendizado para as lideranças que agregam em suas ações valor e, conseqüente, possibilidades. Contudo, ainda que este seja um processo lento e, ora, em transição, em seu próximo momento, estas possibilidades, garantirão aos presidentes das associações de moradores empreenderem ações fundamentadas e estrategicamente planejadas visando contemplar com base em recursos locais geração de renda, entre outras ações de demanda social, garantindo a equivalência das trocas, a sustentabilidade dos recursos locais, a simetria socioespacial e a manutenção do território usado. Ou seja, o território abrigo e recurso para todos que nele habitam. E neste fundamento, Santos vê a *possibilidade* de uma outra globalização, onde as ações do homem,

realizadas em sua essência, o conduzem à condição de cidadão, representante legítimo do espaço no qual habita.

E, se há trinta anos, como um cisco na imensidão da mata virgem o Candeal era de fato como no nome, Pequeno, ao longo de sua existência, sob a proteção do Guerreiro *Ogum* que o abriga, vem se tornando em meio à imensidão da selva urbana ao redor, O Grande Candeal Pequeno. Um novo território, que com as intervenções urbanas e habitacionais realizadas, agregou à terra valor, exigindo repensar um novo projeto social que garanta criar convenções para que não haja, com possíveis especulações de uso da terra, fragmentação do território e de sua territorialidade. O que exige re-leituras da configuração socioespacial deste utópico fragmento intra-urbano em seu próximo momento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, P. **Balço Neoliberal**. In: Sader, E. e Gentili, P. (orgs.). **Pós Neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. 5ª Edição. (9-37p.)

ASSIS, J.de P. **Testamento Intelectual**. Colaboração Maria Encarnação Spósito. São Paulo: Editora UNESP, 2004. 140p.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 2ª edição. Florianópolis: Ed. da UFSC. 2001. 453p.

GIOVANNI, Semeraro. **GRAMSCI e a Sociedade Civil: cultura e educação para a democracia**. Petrópolis, RJ : Vozes. 1999. 279p.

GORDILHO, Ângela. **Limites do Habitar**. Salvador : EDUFBA. 2000. 452p.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 102 p.

HARVEY, D. **Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: Hucitec. 1980. 291p.

KOGA, Dirce. **Medidas de cidade: entre territórios de vida e territórios vividos**. São Paulo : Cortez, 2003. 299p.

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. **Dez Freguesias de Salvador, Aspectos Sociais e Urbanos do século XIX**. Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1986. 120 p.

RIBEIRO, Wagner Costa e GONÇALVES, Carlos Walter Porto – **O País Distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania**. São Paulo: Publifolha. 2002. 221 p.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001. 471p.

SANTOS, Milton –
 _____ **Espaço e Método** - São Paulo: Nobel, 1985. 87 p.

_____ **A natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção** - São Paulo: Hucitec, 1996. 308 p.

_____ **Metamorfose do Espaço Habitado** - São Paulo: Hucitec, 1997, 5ª Edição. 117 p.

_____ **Técnica Espaço e Tempo – Globalização e Meio Técnico–Científico Informacional**, São Paulo: Hucitec, 1994. 190 p.

_____ **O Espaço do Cidadão**. 5ª edição. São Paulo: Studio Nobel, 2000. 142 p.

_____ **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174 p.

_____ **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma geografia Crítica**. 6ª edição. São Paulo: EDUSP, 2004. 285 p.

_____ **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: Ed. da USP. 2005. 176p.

SCHEINOWITZ, A. **O macroplanejamento da aglomeração de Salvador**. Secretaria da Cultura e Turismo, EGBA, 1998. 314p.

SILVA, M. A. & PINHEIRO, D.J.F. (org.) **Visões Imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura**. Salvador: EDUFBA. 2004. 184p.

SOUZA, Marcelo Lopes de.

_____ **ABC do Desenvolvimento Urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2003.192 p.

_____ **Mudar a cidade; uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 2ª edição. 560p

VIEIRA, S.C. & LUBISCO, N.M.L. **Manual de Estilo Acadêmico: monografias, dissertações e teses**. 2ª edição. Salvador: EDUFBA. 2003. 145p.

CD-ROM

LOUOS – **Lei do Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo de Salvador** – Fundação Mario Leal Filho – Prefeitura Municipal de Salvador, 2001

ARQUIVO DIGITAL CONDER/ **TÁ REBOCADO**/ PROGRAMA VIVER MELHOR

PERIÓDICOS

FERNANDES, Rubem César. Elos de uma Cidadania Planetária In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. ANPOCS nº 28. São Paulo Junho/1995. p. 15-34

LANDIM, Leila, **Ação privada em benefício público: breve história das ONGs no Brasil** ADVIR, nº 4 setembro/1994. p.35-41

SOSNOWSKI, Saúl. **Cortazar Politétrico** In: *Revista Cult.*, n° 39. São Paulo outubro/2000. p. 23

DISSERTAÇÕES

ALVES, Arivaldo de L. **A Estética da pobreza, Música, política e estilo**. Dissertação de mestrado apresentada à Escola de Comunicação – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura/UFRJ: Rio de Janeiro, 1995. 109p.

DIAS, Clímaco César Siqueira. **Carnaval de Salvador: Mercantilização e Produção de Espaço de Segregação, Exclusão e Conflito**. Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Geografia – Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2002. 186 p.

GADÊLHA, Marcelo A. **Organizações Brown: Identidade Cultural e Liderança em um Complexo de Organizações Baianas**. Dissertação de mestrado apresentada à Escola de Administração – Programa de Pós-Graduação em Administração/Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2004. 116 p.

DOCUMENTOS ORGANIZACIONAIS

APAS. **Associação Pracatum Ação Social -DOCUMENTO REFERÊNCIA**. Salvador: 2001, 47 p.

Estudo de Caso: TÁ REBOCADO – programa de desenvolvimento comunitário, Salvador/BA/ Débora Gershon. Supervisão: Marlene Fernandes. Coordenação de Carlos Almeida Silva Arruda. Rio e Janeiro: IBAM/CAIXA, 2003. 56 p.

Definindo a Visão Estratégica da Pracatum - JSI JohnSnowBrasil - (documento de discussão) - maio, 2002

Relatório de Pesquisa – Avaliação Socioeconômica e Cultural do Candeal. Redigido por técnicos da Associação Pracatum. Maio/1997. 12 p.

Release. Redigido por **Mais Comunicação**. 2000. 30 p.

INTERNET

Dicionário Político. Disponível em <<http://www.agoranet.org.br/az.htm>>. Acessado em 13/maio/2005.

O que é voluntariado? <http://www.voluntarios.com.br/oque_e_voluntariado.htm>. Acessado em Maio/2005

Manifesto pró-Brown
<<http://www.correiodabahia.com.br/2003/02/10/noticia.asp?link=not000070781.xml>>.
Acessado em junho/2005

Coca-cola do Brasil e da Espanha se uniram para apoiar creche da Associação Pracatum, em Salvador

<http://www.cocacolabrasil.com.br/sl_imprensa/releases_int.asp?id_release=9>. Acessado em 23/06/2005

Parceria com o SMEC e ONG Pracatum

<http://www.smec.salvador.ba.gov.br/conteudo_destaquas.php?dest_seq=113%20>. Acessado em 23/06/2005

Ordem do Mérito Cultural

<http://www.cultura.gov.br/ministerio_da_cultura/ordem_do_merito_cultural/index.php>
Acessado em março/2005

LEITURAS COMPLEMENTARES

ANDRADE, J. Por uma outra política pública de cultura: plural e territorial. In: **Território Brasileiro: Uso e Abuso**. Souza, M. A (org). Campinas: Edições Territorial, 2003 p.458-479.

BÓRON, A. A sociedade Civil depois do dilúvio neoliberal. In: SADER, E. e GENTILI, P. (orgs.). **Pós Neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. 5ª Edição. (63-137p.)

BORÓN, A., ANDERSON, P., THERBORN, G. SALAMA, P. SADER, E. A trama do neoliberalismo. In: SADER, E. e GENTILI, P. (orgs.). **Pós Neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. 5ª Edição. (139-180p.)

CANEVACCI, M. A comunicação Urbana. In: **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia urbana**. Tradução Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 1997. 2ª edição. (29-57p.)

FARIA, J.H. de. **O autoritarismo nas organizações**. Curitiba: Criar Edições/FAE, 1985. 196 p.

FREITAG, B e ROUANET, P.S. Introdução. In: **Habermas: Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1993. 3ª edição, 216 p.

GUIMARAES, I. B. **Sociabilidade e sobrevivência em um mesmo cenário**. Bahia - Análise e Dados, Salvador, v. 07, n. 2, p. 16-22, 1997.

GEDDES, P. **Cidades em evolução**. Campinas: Papirus, 1994. 274 p.

GOHN, M.G. **Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997. 3ª edição. 383 p.

GOMES, P.C.da C. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 2ª edição. 304 p.

HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto. 2002. 186p.

HARNECKER, M. **Os conceitos elementares do materialismo histórico.** São Paulo: Global Editora. 3ª edição. 1983. 295 p.

ROLNIK, R. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo.** São Paulo : Studio Nobel: Fapesp, 1997. 242p.

SANTOS, B. S. **Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade.** São Paulo: Cortez, 2003. 9ª edição. 348 p.

SAUER, C. A morfologia da paisagem. IN: Corrêa, R. e Rosendhal, Z. (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro. EdUERJ, 1998.

SERPA, A. S. P. (Org.) . **Fala, Periferia! Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano.** 1. ed. Salvador-Bahia: Editora da Universidade Federal da Bahia/Pró Reitoria de Extensão, 2001. v. 1. 318 p.

SOUZA, M. A. de. **Governo urbano.** São Paulo: Nobel, 1988. 84p.

TEIXEIRA, E.C. **O local e o global: limites e desafios da participação cidadã.** São Paulo: Cortez: EQUIP, Salvador:UFBA, 2002. 2ª edição. 224 p.

VERHELST, T.G. **O direito à diferença. Sul-Norte: identidades culturais e desenvolvimento.** Tradução Maria Luíza César. Rio de Janeiro: Vozes, 1992. 209p.

PERIÓDICOS

PINTAUDI, S. M. Participação Cidadã e gestão urbana. In: Cidades: **Revista Científica/Grupo de Estudos Urbanos.** Presidente Prudente, 2004. v.1, n.2, p.169-180

SEABRA, O C.de L. território do Uso: Cotidiano e Modo de Vida. In: Cidades: **Revista Científica/Grupo de Estudos Urbanos.** Presidente Prudente, 2004. v.1, n.2, p.181-206

SERPA, A. S. P. . Mergulhando num mar de relações: redes sociais como agentes de transformação em bairros populares. **Geografia, Rio Claro-SP**, v. 30, n. 2, p. 211-222, 2005.

EVENTOS

SANTOS, M. **Globalização e Território.** in: SEMINÁRIO INTERNACIONAL GLOBALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL, Recife, 1997 (9-16p.)

OUTRAS FONTES

Barulho do Guetho desvaloriza imóveis. página 9. Jornal A Tarde, 26/1/2003. Caderno Local.

EPUCS - Uma experiência de planejamento urbano. Plandurb. Série Estudos Informativos – nº 1. Salvador, 1976. 181 p.

Estatuto da Cidade. O jogo tem novas regras. Ano 2002

APÊNDICE

APÊNDICE 1

CANDEAL PEQUENO: COMPARATIVO ANOS 1997-2005		
VARIÁVEIS	PERÍODO	
	1997*	2005**
População total (estimada)	4211	6716
Nº de famílias	966	1460
Nº de habitantes por domicílio	4,36%	4,6%
ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS	35	218
SERVIÇOS PÚBLICOS (% de famílias atendidas)		
Energia Elétrica	78%	100%
Abastecimento de Água	81%	100%
Coleta de Lixo	14%	100%
PERFIL SOCIOECONOMICO		
Sem rendimento até 1 SM	77,29%	75,31%
Mais de 1 SM a 2 SM	11,87%	20,77%
Mais de 2 SM a 3 SM	5,06%	3,89%
Mais de 3 SM a 6 SM	3,96%	
Mais de 6 Sm a 10 SM	1,53%	
Mais de 10 SM	0,28%	
EQUIPAMENTOS PÚBLICOS		
Posto de Saúde	0	1
Praça	0	1
Creche	0	Em andamento

Fonte: * Relatório de Pesquisa – Avaliação Socioeconômica e Cultural do Candeval, Associação Pracatum ABRIL/1997.

** 1) Consolidado das famílias cadastradas do ano de 2005 do modelo PSF - Secretaria Municipal de Saúde SSA. 2) Resultado de pesquisa realizada em nov/2004, com chefes de família residentes nos conjuntos habitacionais construídos com recurso financeiro do Programa Viver Melhor (com base nos questionários respondidos). 3) Plano referencial de Desenvolvimento Local do Candeval. SEBRAE. Dez/2002.
Organizado por: Selma Batista

APÊNDICE 2

CANDEAL PEQUENO: PRINCIPAIS EVENTOS OCORRIDOS 1991-2001
--

1991

- Dia, 9 de Outubro, um grupo de mulheres erguem em um dia cerca de 15 barracos, ocupando área insalubre de vala.

1993

- A Banda Timbalada, embrionária do movimento étnico-musical do Candeval Pequeno, lança o primeiro CD, e a partir daí lançaria, consecutivamente, um CD por ano.

1994

Setembro

- Criação da Associação Pracatum

1995

Junho

- Carlinhos Brown recupera a festa religiosa em homenagem a Santo Antonio, com cânticos, e distribuição de comidas típicas.

- No final do segundo semestre, são contratados os dois primeiros técnicos da Associação Pracatum, Vera Lyra e Anna Carolina Daltron Sampaio

1996

Setembro -

- Início das obras do Candyall Guetho Square

Novembro

- Início das Reuniões Comunitárias
- Formação do Conselho Deliberativo da Associação Pracatum

- Dia 17, inauguração da casa de espetáculos Candyall Guetho Square

Dezembro

- Dia 12, realizada a 1ª Assembléia Comunitária

1997

Abril/ Maio

- Realização do Censo de Pesquisa de Opinião

Junho

- Firmado o Convênio de Cooperação Técnica e Financeira com a Secretaria de Recursos Hídricos, Saneamento, Habitação e URBIS, para a elaboração de um projeto envolvendo aliança com a Associação Pracatum e Associações de Moradores, Defesa e Progresso, Nove de Outubro e Fonte do Governo.

Julho

- Dia 6, divulgação do projeto para a comunidade com a realização da caminhada Levada Rebocada

Agosto

- Construção do prédio da Escola Pracatum, executado pelo Liceu de Artes e Ofício

Outubro

- Cerca de 240 moradores assinam documento elegendo os moradores Ana Cláudia, Boga e Nilton, como Representantes da Comunidade, junto aos órgãos e Secretarias parceiras do Programa de Melhorias Habitacionais

Novembro

- Início do Programa Bahia Azul - EMBASA
- Formação do Grupo de Saúde Candeval Presente (atualmente desativado)

Dezembro

- Entrega à Caixa Econômica Federal do Primeiro Plano Urbanístico intitulado - Projeto Tá Rebocado

1998

Janeiro

- Cadastro Físico das Habitações em condições de risco

1999

Maio

- Relocação das famílias residentes no atual Conjunto Habitacional Zé Botinha, para liberação do terreno e execução das obras

Junho

- Assembléia para escolha, entre os moradores, das novas unidades habitacionais a serem ocupadas

Setembro

- Início das negociações com a comunidade para desapropriação das áreas localizadas nas ruas Paulo Afonso e 18 de Agosto para implantação da Rua Nova da Vala
- Formação de condomínios para gestão dos conjuntos habitacionais

Outubro

- Dia 18, início das atividades na Escola de Música Pracatum

Dezembro

- Entrega das chaves do Conjunto Chácara Candeval

2000

Julho

- Entrega das unidades do Conjunto Habitacional Zé Botinha e Sapucaia
- Pavimentação da Rua Alameda Bons Ares
- Implantação da rede de drenagem nas Ruas Paulo Afonso e Alameda Bons Ares

Agosto

- Capacitação Profissional de 30 adolescentes no ofício de Atendente de Consultório em parceria com o Programa de Capacitação Solidária do Governo Federal

Dezembro

- Conclusão das obras da Fonte da Bica

2001

Março

- Início da Construção do Posto de Saúde

Junho

- Capacitação Profissional de 30 adolescentes no ofício de Massagem Terapêutica em parceria com o Programa Capacitação Solidária